

2º Ciclo de Estudos

Mestrado em Ensino de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário

# Desempenho dos pais *versus* sucesso dos filhos: uma leitura também geográfica

Ana Sofia Ferreira Costa

**M**

2018



**Ana Sofia Ferreira Costa**

**Desempenho dos pais *versus* sucesso dos filhos: uma leitura  
também geográfica**

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de Geografia no 3º Ciclo do Ensino  
Básico e Ensino Secundário

Orientada pelo(a) Professor(a) Doutor(a) João Carlos Santos Garcia

Orientador de Estágio, Dr.<sup>a</sup> Delminda Gonçalves

Supervisor de Estágio, Professora Doutora Elsa Maria Teixeira Pacheco

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

setembro de 2018



# Desempenho dos pais *versus* sucesso dos filhos: uma leitura também geográfica

Ana Sofia Ferreira Costa

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, orientada pelo(a) Professor Doutor João Carlos Santos Garcia

Orientador de Estágio, Dr. <sup>a</sup> Delminda Gonçalves

Supervisor de Estágio, Professora Doutora Elsa Maria Teixeira Pacheco

## Membros do Júri

Professora Doutora Laura Maria Pinheiro de Machado Soares

Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professor Doutor Maria João Couto

Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professor Doutor João Carlos Santos Garcia

Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Classificação obtida: 17 valores



*"Penso no que faço, com fé. Faço o que devo fazer, com amor. Eu me esforço para ser cada dia melhor, pois a bondade também se aprende. Mesmo quando tudo parece desabar, cabe a mim decidir entre rir ou chorar, ir ou ficar, desistir ou lutar; porque descobri, no caminho incerto da vida, que o mais importante é o decidir."*

Cora Coralina

## Sumário

|   |     |
|---|-----|
| Agradecimentos.....   | 10  |
| Resumo.....   | 11  |
| Abstract .....  | 12  |
| Índice de Figuras .....   | 13  |
| Índice de Tabelas.....  | 14  |
| Índice de Gráficos .....  | 15  |
| Introdução .....  | 16  |
| Capítulo 1 – A Família e o envolvimento parental no meio escolar .....            | 19  |
| 1.1. Os atuais conceitos de Família.....  | 20  |
| 1.2. As funções familiares face ao desenvolvimento educativo do aluno .....       | 22  |
| 1.3. O envolvimento parental no meio escolar .....                                | 24  |
| Capítulo 2 – A Escola no quadro da legislação portuguesa .....                    | 31  |
| 2.1. A legislação escolar, pós 1974.....  | 32  |
| 2.2. Os órgãos escolares e o papel do Diretor de Turma.....                       | 37  |
| 2.3. A legislação sobre o associativismo parental.....                            | 40  |
| Capítulo 3 – Da Escola ao estudo de caso.....                                     | 43  |
| 3.1. A caracterização do meio escolar.....  | 43  |
| 3.2. As turmas em análise.....  | 47  |
| 3.3. Os fatores comportamentais.....  | 50  |
| 3.4. O caso em estudo.....  | 51  |
| Capítulo 4 – Os Pais e Encarregados de Educação: características e atitudes. .... | 53  |
| 4.1. Caracterização geral dos pais.....   | 53  |
| 4.2. Os níveis de escolaridade e a diversidade de profissões.....                 | 55  |
| 4.3. A Geografia da residência dos núcleos familiares.....                        | 63  |
| 4.4. A envolvimento escolar e a ausência injustificada.....                       | 72  |
| Capítulo 5 – O aproveitamento escolar dos alunos .....                            | 77  |
| 5.1. A avaliação dos alunos nos dois primeiros períodos.....                      | 77  |
| 5.2 A avaliação final dos alunos.....   | 86  |
| Considerações finais.....   | 90  |
| Referências bibliográficas .....  | 95  |
| Anexos.....   | 100 |

|  |     |
|--|-----|
| Anexo 1 – Planta da Escola Secundária de Paredes ..... | 101 |
| Anexo 2 –Inquérito dirigido aos alunos .....           | 102 |



## **Declaração de honra**

Declaro que o presente relatório Desempenho dos Pais *versus* Sucesso dos filhos é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, o meu mais profundo agradecimento à minha Avó por me ter educado, ensinado e transmitido os valores que hoje considero fundamentais enquanto pessoa e docente.

Aos meus Pais, por serem os meus pilares e exemplos. Obrigada por nunca me deixarem desistir e darem-me força para continuar.

À Jéssica, minha amiga e confidente, palavras não chegam para te agradecer.

Aos meus colegas e amigos de curso, em particular ao Miguel Gomes, obrigada pela tua amizade e pelo teu carinho.

O meu agradecimento especial ao Professor Doutor João Carlos Garcia, pela dedicação e exigência que depositou neste trabalho. Obrigada por todos os ensinamentos.

## Resumo

O presente relatório de estágio, inserido na unidade curricular de Iniciação à Prática Profissional do Mestrado em Ensino de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário tem como principal objetivo estudar se existe uma causalidade direta entre o sucesso profissional dos pais e encarregados de educação e o sucesso dos seus educandos, num quadro geográfico específico: o da área de influência da Escola Secundária de Paredes, no âmbito do Município em que se encontra inserido.

O sucesso dos alunos no contexto escolar é uma preocupação constante, tanto para a Escola como para a organização familiar dos alunos. Neste sentido, é fundamental compreender que o sucesso depende de múltiplas variáveis, parte destas dependentes da Escola, enquanto que as restantes dependem do contexto familiar.

Atualmente, é imprescindível ter em consideração que para que o aluno tenha sucesso, a Escola e os Pais e Encarregados de Educação devem colaborar estritamente. É sobre a colaboração destes dois agentes educativos que vamos centrar o nosso estudo. Destacamos a importância de uma relação harmoniosa e empenhada de ambas as partes para que o sucesso ocorra.

O presente estudo divide-se em duas partes, a primeira constitui uma revisão bibliográfica do tema enquanto que a segunda reflete o enquadramento empírico e quais os resultados obtidos neste estudo. Por fim, destacamos algumas soluções que pretendem evitar o mau relacionamento entre os agentes educativos em causa, tal como priorizar o sucesso escolar dos alunos.

**Palavras-chave:** Sucesso; Pais e Encarregados de Educação; Família; Escola; Órgãos Escolares.

## **Abstract**

The present internship report, inserted in the Course of Initiation to Professional Practice of the Master's Degree in Geography Teaching in the 3rd Cycle of Basic and Secondary Education, has as main objective to study if there is a direct causality between the professional success of the parents and the success of its students in a specific geographical area: that of the area of influence of Paredes Secondary School within the Municipality in which it is inserted.

The success of students in the school context is a constant concern both for the School and for the Family organization of students. In this sense, it is fundamental to understand that success depends on multiple variables, part of these dependents of the School, while the rest depend on the family context.

Currently, it is imperative to consider that for the student to succeed, the School and the Parents and Guardians must collaborate strictly. It is about the collaboration of these two educational agents that we will focus our study. We emphasize the importance of a harmonious and committed relationship of both parties for success to be reflected.

The present study is divided into two parts, the first one is a bibliographical review of the theme while the second part reflects the empirical framework and the results obtained in this study. Finally, we highlight some solutions that aim to avoid the bad relationship between the educational agents mentioned above, such as prioritizing the students' school success.

**Keywords:** Success; Parents and Guardians of Education; Family; School; School Organs.

## Índice de Figuras

|   |    |
|---|----|
| Figura 1 – Escola Secundária de Paredes .....                             | 44 |
| Figura 2 – Área de influência da Escola para os alunos da turma 8º1 ..... | 64 |
| Figura 3 – Escolas Básicas no concelho de Paredes .....                   | 66 |
| Figura 4 – Área de influência da Escola para os alunos da turma 8º2 ..... | 69 |
| Figura 5 – Rede de locais de residência dos alunos da turma 8º2 .....     | 71 |

## Índice de Tabelas

|  |    |
|--|----|
| Tabela 1 – Profissões das mães da turma 8º1 .....    | 57 |
| Tabela 2 – Profissões dos pais da turma 8º1 .....    | 58 |
| Tabela 3 – Profissões das mães na turma 8º2.....     | 60 |
| Tabela 4 – Profissões dos pais na turma 8º2 .....    | 62 |
| Tabela 5 – Pauta da turma 8º1 no 1º Período .....    | 79 |
| Tabela 6 – Pauta da turma do 8º1 no 2º Período ..... | 81 |
| Tabela 7 – Pauta da turma do 8º2 no 1º Período ..... | 82 |
| Tabela 8 – Pauta da turma do 8º2 no 2º Período.....  | 84 |
| Tabela 9 – Pauta da turma do 8º1 no 3º Período ..... | 86 |
| Tabela 10 – Pauta da turma do 8º2 no 3º Período..... | 88 |

## **Índice de Gráficos**

|   |    |
|---|----|
| Gráfico 1 – Pirâmide etária dos pais dos alunos da turma 8º1 .....              | 53 |
| Gráfico 2 – Escolaridade dos Pais e Encarregados de Educação da turma 8º1.....  | 56 |
| Gráfico 3 – Escolaridade dos Pais e Encarregados de Educação da turma 8º2 ..... | 59 |
| Gráfico 4 – Profissões das mães na turma 8º2 .....                              | 61 |

## Introdução

O presente relatório de estágio debruça-se sobre o tema “Desempenho dos Pais *versus* Sucesso dos filhos” e foi desenvolvido ao longo do ano letivo 2016/2017, na Unidade Curricular de Iniciação à Prática Profissional, do Mestrado em Ensino em Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário (MEG), da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). A experiência letiva decorreu na Escola Secundária de Paredes (ESP), na qual podemos lecionar turmas dos 8º e 10º anos de escolaridade, o que nos permitiu uma maior experiência na prática educativa.

As duas turmas escolhidas como amostra para o desenvolvimento deste tema, foram selecionadas entre as do 8º ano no início do ano letivo atendendo ao nosso objetivo de comparar e analisar quantitativamente e qualitativamente as características dos Encarregados de Educação e dos respetivos educandos.

Durante a prática letiva, os docentes confrontam-se diariamente com a importância da proximidade da Família à Escola para a resolução de problemas quotidianos. Ela é uma necessidade implícita na escolarização dos alunos. Ao compreendermos a necessidade de aliar esforços entre a instituição familiar e a escolar, estamos no bom caminho para desencadear um processo, no qual os alunos serão os mais beneficiados.

O objetivo primordial deste relatório é compreender a influência que os Pais e Encarregados de Educação (PED) têm no sucesso escolar dos seus educandos. Na sociedade atual, em que as relações interpessoais se assumem como uma complexa teia de conexões é fulcral avaliar, a importância da instituição familiar no desenvolvimento e no processo ensino-aprendizagem de um aluno.

Partindo desta base, delinearam-se as questões orientadoras que estão presentes ao longo deste estudo de caso: A proximidade entre a escola e a família é fulcral no desempenho e no sucesso do aluno? Em que medida é que existe uma fronteira entre a responsabilidade escolar e a responsabilidade familiar na educação e aprendizagem do aluno? Há uma causalidade direta entre o desempenho dos Encarregados de Educação e o sucesso dos alunos? Ou seja, filhos de pais com escolaridade superior têm mais sucesso académico? Por fim, a inserção da família no meio escolar é aceite pela instituição de ensino e é encarada como benéfica, ou ainda, há uma resistência ao estreitamento de



esforços com vista ao bem comum? Estas foram as questões que nos pareceram fundamentais para o desenrolar do estudo e para atingirmos o objetivo a que nos propusemos.

Para esse fim, desenvolvemos uma metodologia lógica e sequencial que dividimos em duas etapas. Na primeira, foi vital desenvolver um enquadramento teórico de referência. A bibliografia auxiliou-nos a aprofundar as questões norteadoras deste estudo. A partir dela desenvolvemos dois capítulos. Num primeiro, denominado “Família”, exploramos a evolução deste conceito, no mundo ocidental e destacamos o seu significado na atualidade, centrando-nos, posteriormente, nas funções familiares correspondentes ao desenvolvimento educativo e no envolvimento parental no seio escolar. Debatem-se ainda, neste capítulo, as consequências (positivas e negativas) do envolvimento dos Encarregados de Educação no estabelecimento escolar. Num segundo capítulo designado “A Escola no quadro da legislação portuguesa”, discutem-se temas como a legislação escolar portuguesa após 1974, de forma a compreendermos a evolução do Sistema Educativo Português e a legislação reguladora do associativismo parental. Esta abordagem é essencial no desenrolar do presente relatório, pois, este é o mecanismo legal que facilita a proximidade entre as instituições em estudo. Posteriormente, fazemos referência aos órgãos escolares e aos seus agentes, entre os quais destacamos o Diretor de Turma (DT) e o seu papel como agente educativo, capaz de desenvolver laços de proximidade entre a Escola e a Família.

A segunda parte deste trabalho refere-se à investigação realizada no contexto de estágio, desenvolvida na ESP. Aqui tornou-se crucial compreender se as questões levantadas no início do estudo tinham efeito prático. Deste modo, tivemos de ampliar a nossa esfera de intervenção e trabalhamos tanto em contexto sala de aula como também em contexto exterior à Escola. Foi necessário individualizar todos os intervenientes neste estudo. Assim, demos início ao estudo, pelo historial académico dos alunos envolvidos, através de um levantamento de todas as avaliações sumativas destes, desde o seu ingresso no 2º ciclo do Ensino Básico, de forma, a conseguirmos estabelecer uma linha cronológica sequencial que nos permitiria retirar conclusões sobre o sucesso ou insucesso dos alunos. Posteriormente, recolhemos informações referentes ao comportamento dos alunos,

incluindo possíveis processos disciplinares. Estes dados foram relevantes, pois conseguimos analisar o sucesso escolar sob várias vertentes. Por fim, um dos critérios que nos despertou um particular interesse centrou-se no espaço geográfico dos alunos, ou seja, tornou-se importante compreender se o local de residência destes, tem influência sobre o papel que estes atribuem à Escola e ao sucesso escolar. Atendendo à nossa formação em Geografia e ao âmbito do MEG, este ponto revelou-se num dos aspetos mais originais do estudo.

Após a análise quantitativa e qualitativa dos alunos, optamos por dar prioridade a reuniões com os Diretores de Turma das turmas selecionadas. Num debate em contexto informal era plausível obter um maior leque de informações que se revelaram imprescindíveis para a realização do estudo. Através delas, ficamos a saber, se os Encarregados de Educação têm por hábito deslocarem-se proactivamente à Escola, de forma a estarem a par do desenvolvimento escolar dos seus educandos. Foi possível, deste modo, perceber a sua preocupação não apenas perante as avaliações, como também, perante o contexto comportamental que os alunos apresentavam. Posteriormente, com estes dados, cruzamos as informações sociodemográficas e profissionais dos Encarregados de Educação. É possível considerar que Encarregados de Educação com escolaridade superior e de estratos socioeconómicos mais elevados, são mais preocupados com o sucesso escolar dos seus educandos e, consequentemente, estes atingem classificações mais elevadas em comparação com os restantes. Tentaremos comprovar estas hipóteses.

## **Capítulo 1 – A Família e o envolvimento parental no meio escolar**

O conceito de “Família” conheceu significados bastante distintos ao longo do tempo. Recuando ao Império Romano e focando apenas o mundo ocidental, o conceito Família teve a sua origem na palavra *famulus* que identificava um grupo de indivíduos que residiam na mesma casa, debaixo do mesmo teto, sob o domínio do mesmo senhor (Leandro, 2006). A ideia de Família era totalmente diferente da que temos hoje, já que as ligações biológicas não tinham influência sobre a união familiar. Este “desinteresse” biológico pode ser justificado através da forma como os progenitores viam os filhos. A autora em quem nos baseamos lembra que o chefe de família podia aceitar ou rejeitar os seus filhos aquando do seu nascimento. Estes eram considerados cidadãos de segunda e prestavam submissão ao chefe e obediência às suas regras e vontades.

Com a difusão do Cristianismo o conceito de Família transformou-se na sociedade europeia, ao longo da Idade Média. A base passou a ser a ‘família natural’, constituída pelos cônjuges e seus filhos, sendo o casamento considerado como indissolúvel pela Igreja Católica (Picanço, 2012). A ‘família natural’ deu lugar à ‘família alargada’ fruto da herança da antiga Roma. A sua composição passou a ser constituída por um largo conjunto de indivíduos, dentro do mesmo espaço físico, onde interagiam ascendentes, descendentes e indivíduos que podiam ter relações de parentesco ou não, entre duas ou mais gerações.

Ao longo da Idade Moderna e com o início da Idade Contemporânea, a família foi restringindo-se à sua base biológica, ou seja, ao triângulo familiar, composto pelos cônjuges e pelos filhos. Esta mutação foi motivada pelo aparecimento e expansão de uma sociedade industrial, sendo a Família “um conjunto de pessoas, unidas por laços sanguíneos e/ou afetivos, em interação contínua” (Relvas e Alarcão, 1989, p. 88).

## 1.1. Os atuais conceitos de Família

Na sociedade ocidental, até aos anos de 1950, segundo defendem Paul-Henri *et all* (1965) e Leandro (2006), as famílias ainda estavam inteiramente relacionadas com as convenções sociais e políticas da época, onde os divórcios não tinham grande expressão. Predominavam as famílias nucleares, onde os membros parentais tinham papéis bem definidos: à mãe competia a responsabilidade pela educação dos filhos e ao pai a responsabilidade económica.

As convenções sociais que vigoravam até aos anos de 1960, esbateram-se perante uma nova realidade. Os avanços na Medicina, como o aparecimento dos métodos contraceptivos, a expansão do planeamento familiar, a emancipação feminina e a presença da mulher no mercado de trabalho, revolucionaram a ideia de Família. Desde logo, a natalidade diminuiu acentuadamente, segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE). A publicação intitulada *Doing Better for Families*, refere que: “Family formation patterns are also changing. Increasingly, both men *and* women want to first establish themselves in the labour market before founding a family.” (2011, p.18). Consequentemente “(...) the proportion of large families has fallen, while the number of children growing up without siblings has risen.” (2011, p. 22). À medida que o século XX finda, o casamento que até então era encarado como indissolúvel, entra numa nova etapa, na qual o divórcio torna-se cada vez mais comum e mais frequente. Nos anos recentes, como nos indica Leandro (2006), um terço de todos os casamentos nos países ocidentais, acabam em divórcio<sup>1</sup>. Esta nova realidade veio alterar o conceito de Família e tornou imprescindível que a sociedade se atualizasse de modo a responder a esta mudança social. No caso português foi criada a lei 59/99 de 30 de junho, que valorizava a guarda conjunta dos filhos após o divórcio dos cônjuges<sup>2</sup>. Com a separação destes, forma-se uma nova tipologia de Família, a monoparental, que consiste

---

<sup>1</sup> O crescente aumento de divórcios coloca em destaque, cada vez mais, as famílias monoparentais. No entanto, de que forma é que esta estrutura familiar pode pôr em causa o normal desenvolvimento dos filhos, visto que estes coabitam sem a presença de um dos seus progenitores?

<sup>2</sup> Disponível em: <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/371437/details/normal?q=lei+59%2F99+>

na coabitação de um dos progenitores com os seus descendentes. Esta é uma das características mais comuns na sociedade atual.

Esta alteração do conceito de Família foi-se ampliando dando origem a uma nova tipologia: a ‘família complexa’. Leandro (2006) defende ainda que esta é originada por dois ou mais núcleos de famílias monoparentais que podem ou não ter filhos de relações conjugais anteriores e podem ainda pretender ter descendentes desta nova relação conjugal. Atualmente a noção de Família é um conceito muito variado e não existe uma tipologia formatada e única. Nos países ocidentais, encontramos a família monoparental, a família de adoção, a família recomposta e ainda, a família homossexual, como referem Sousa e Sarmiento (2010).

Diogo (2010a), demonstra como as convenções sociais já não são importantes para a formação da Família, mas sim os desejos e as necessidades do indivíduo em particular<sup>3</sup>. Para além desta autora, Nogueira (2005) defende, igualmente, que as relações pais-filhos se alteraram profundamente e o que se constata é que as crianças são encaradas como o centro da Família, contrariamente ao que acontecia. Recentemente temos verificado que os pais pretendem formar os seus filhos como cidadãos autónomos e responsáveis, sendo a cidadania o centro de todas as relações e funções familiares.<sup>4</sup>

Todas as mudanças sociais, económicas e políticas, transformaram a Família no que ela é hoje. Se até meados do século XX se difundiu a ideia de que a Família deveria ser uma união triangular dos cônjuges e dos seus descendentes, composta, apenas, por duas gerações, atualmente esse conceito familiar é já obsoleto. Afigura-se uma realidade longínqua, na opinião de Leandro (2006) e Sousa e Sarmiento (2010). “A família deixou de ser, essencialmente, uma unidade de produção económica para passar a constituir, em grande medida, um núcleo de afetividade” (Diogo, 2010, p.75).

Em suma, o conceito Família, ampliou-se e modernizou-se face às exigências sociais da atualidade. Contudo, há uma questão fulcral a ser colocada: a estrutura familiar pode

---

<sup>3</sup> Podemos observar que as vontades próprias se sobrepõem às convenções sociais, de cada um. O meu conhecimento empírico vai ao encontro do que é referido pelos autores. Na geração familiar mais antiga que conheço verifico que o matrimónio era considerado indissolúvel, uma necessidade e imposição social. A vontade não era tida em consideração. Em contrapartida, na geração mais recente, observo que as vontades individuais apresentam-se como prioritárias, o matrimónio e as convenções sociais passaram para segundo plano.

<sup>4</sup> Os valores morais possuem importância de tal ordem, que são quantificáveis, por exemplo, na educação.

interferir no desenvolvimento da criança e no seu posterior sucesso educativo? Pereira (2008) defende que: “(...) crianças oriundas de “famílias intactas” têm mais possibilidades de sucesso do que as crianças oriundas de famílias monoparentais.” (*apud*. Picanço, 2012, p.47). A abordagem apresentada, apesar de indicar que podem existir exceções é muito restrita. A minha posição face a esta questão é mais ampla, considerando mesmo que a estrutura familiar pode ou não influenciar, a médio prazo, o desenvolvimento e o sucesso do aluno.

## **1.2. As funções familiares face ao desenvolvimento educativo do aluno**

Ao longo da História, constatamos o quão importante a educação tem sido na formação de um indivíduo. O contacto social e as experiências educacionais desenvolvem a criança e a formação capacita-a para a cidadania. A proporcionalidade direta entre a educação e a inserção de um indivíduo na sociedade é observável, por exemplo, nos conhecidos casos das ‘crianças selvagens’. Picanço (2012) refere que a educação é uma componente fundamental do processo de socialização de um indivíduo na medida em que esta é fundamental para a integração plena no seu ambiente. Defende Costa (1998): “(...) a educação possui um carácter eminentemente social que lhe advém da existência de vários actores sociais com funções educativas.” (*apud*. Sousa e Sarmento, 2010, p. 148).

Prego e Mata (2012), aprofundam a questão educacional e destacam que compete à Família o desenvolvimento da criança/aluno, e que só esta instituição é capaz de o proteger dos ataques que podem surgir do exterior, fornecendo-lhe assim um desenvolvimento educativo estável e coerente. E segundo Sousa e Sarmento: “Embora a instituição familiar tenha vindo a sofrer grandes alterações em termos de conceptualização, devido às dinâmicas, mutações e rearranjos que em si se têm verificado, é do senso comum percepcioná-la como um grupo, mais ou menos nuclear, de indivíduos unidos por laços habitualmente de sangue, constituindo-se como o primeiro contexto onde a criança constrói as suas primeiras experiências de interacção, isto é, onde a criança desenvolve a sua socialização primária.” (2010, p. 145).

A Família é encarada, como o primeiro passo para a socialização, pois é com esta que as crianças aprendem a conviver e interagir com outras pessoas e compreendem a

importância dos valores sociais. Desta forma, conseguem inserir-se no meio social e serem indivíduos pertencentes a uma comunidade. Ao longo do crescimento a criança vai ser estimulada continuamente a fomentar relações interpessoais, daí que seja fulcral que a Família desenvolva o carácter social na criança.

Para além, das funções afetivo-sociais que são da responsabilidade da Família, da sua responsabilidade é também o desenvolvimento educacional da criança. Gervilla, citado por Reis (2008), indica que à Família compete a transmissão e o ensino de aprendizagens básicas, como o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo. O autor enfatiza a função familiar primordial que é o bem-estar do filho. No entanto, para que isso aconteça é necessário que a criança seja capaz de criar uma rede de relações em que a base sejam os afetos. Nesta medida, os autores concordam que o desenvolvimento de uma criança só é possível se forem tidas em conta, as vertentes educacional e afetiva. Contudo, caso haja uma prevalência de uma sobre a outra gera-se um défice no desenvolvimento, quando é importante que os pais tenham consciência do seu papel fundamental no desenvolvimento equilibrado do seu filho.

Em contraponto, o que está a acontecer é que a Família está a descartar a sua função educacional por considerar que ela pertence à Escola. Segundo Estrela (citado por Picanço, 2012), os hábitos urbanos das famílias, têm conduzido a que as estas se tenham demitido das suas responsabilidades educativas. Assim, passou a competir à Escola estender a sua esfera de ação e ocupar o lugar da Família quanto ao desenvolvimento educacional da criança/aluno. Contudo, a Escola, segundo a mesma autora, é um local de aprendizagem, e um espaço de extensão de uma vida afetiva e social que deve começar por surgir dentro do seio familiar.

Seguindo o mesmo pensamento, Pereira (citada por Picanço, 2012), indica que o desenvolvimento educativo da criança deve ser considerado de forma holística. Isto implica que a Família, numa primeira etapa, deva ter em consideração vários campos de ação educacional, como o social, o cultural e o ambiental. À Família compete educar a criança com valores sociais, conhecimentos e competências culturais. No mesmo sentido, Monroe (citado por Picanço, 2012), refere que se tem gerado uma confusão no domínio da educação: a Família e a Escola, já não sabem distinguir qual a sua área de envolvimento

quanto à educação do aluno. A educação predominante tem surgido da escolarização, existindo um défice educacional familiar, que deveria ser prioritário na formação da criança.

Assim, a Família é o primeiro espaço com o qual as crianças coabitam e contactam socialmente e, por essa razão, é fulcral que o núcleo familiar se empenhe para corresponder às funções que lhe são exigidas e não as depositar na instituição escolar.

### **1.3. O envolvimento Parental no meio escolar**

Durante muitos anos a Escola viveu e funcionou fechada em relação à comunidade e enclausurada dentro da sociedade. Esta Escola não dava margem de ação para os restantes agentes co-educadores, como recordam Davies (1989) e Sousa e Sarmento (2010). Sempre que a Escola se abria para receber os Pais, Encarregados de Educação e familiares dos alunos, raramente era por bons motivos. Visitavam a instituição apenas para desempenhar um papel de mero espectador, sem qualquer importância para as funções escolares. Esta era a visão escolar parental que predominou nas escolas dos países ocidentais durante muitas décadas.

No caso português, até meados do século XX, esta Escola fechada, segundo Marques (citado por Reis, 2008) e Sousa e Sarmento (2010), não estava recetiva à envolvimento parental e, segundo o primeiro autor, os pais eram vistos como clientes que depositavam na escola os seus filhos e iam-nos buscar ao final do dia. Esta atitude por parte da Escola, deve ser encarada como um método de proteção. Os órgãos escolares em funções, encaravam a intervenção dos pais na Escola como uma afronta aos seus métodos e práticas pedagógicas. Esta intervenção parental, nunca foi possível na Escola Pública de forma associativa até à Revolução dos Cravos, em 1974. A intervenção parental só existia nas escolas privadas, o que demonstra desde logo, um desequilíbrio social e uma discriminação com base socioeconómica.

As escolas públicas não permitiam a intrusão das famílias dos alunos. De forma geral, as famílias não se relacionavam voluntariamente com a Escola, apenas se deslocavam a esta, quando o seu educando apresentava indícios de fraco aproveitamento escolar, em busca da justificação para o acontecido.



Em Portugal, a rutura deste panorama começou com a massificação do ensino, provocada pela obrigatoriedade escolar dos 6 anos para ambos os sexos, no início da década de 60 do século passado. Segundo Diogo (2010a) e Sousa e Sarmento (2010), esta massificação contribuiu para que a sociedade, atribuisse uma maior importância à Escola, não só pela literacia, mas também pela importância que se começava a reconhecer aos conhecimentos académicos, para o desempenhar de uma profissão. Com a obrigatoriedade escolar, começaram a ser tidas em atenção questões relacionadas com o sucesso e insucesso escolar, temáticas que à época não eram debatidas, pela escassa quantidade de alunos (Martins, 2007).

Antes de mais, cabe-nos fazer referência ao que os autores consideram o sucesso e o insucesso escolar. Morgado (citado por Martins, 2007), refere que existem dois tipos de sucesso: o sucesso escolar e o sucesso educativo. O primeiro, relaciona-se com a aquisição de conhecimentos científicos e com a compreensão dos conteúdos programáticos de cada disciplina. Nesta vertente, o sucesso escolar, prende-se com a instrução. A missão da Escola é a preparação dos alunos para a obtenção de conhecimentos factuais e científicos, que os auxiliarão futuramente na vertente profissional. Em relação ao sucesso educativo, ele é mais amplo e abrange o desenvolvimento do aluno, enquanto cidadão. Esta esfera educacional, tem como princípio, que os alunos adquiram valores essenciais na formação da sua personalidade. Com isto, a Escola, pretende realizar uma aproximação aos seus alunos e moldá-los à sociedade em que vivem, transmitindo valores e fomentando a sua socialização com a comunidade em geral.

Contudo, nem sempre o sucesso educacional é contabilizado. Segundo Formosinho (citado por Martins, 2007), quando a Escola tem de quantificar o sucesso do seu aluno, ele é posto à parte. Mais, o autor refere que o sucesso educacional é essencial, na conceção e no desenvolvimento do aluno, enquanto cidadão, pois esta vertente demonstra se o aluno irá conseguir futuramente adaptar-se à sociedade. Em suma, tal como o sucesso escolar, a ação educativa é de extrema importância, pois está relacionada com a construção e desenvolvimento consciente dos alunos que serão futuros cidadãos participativos.

Resultante da massificação do ensino originaram-se questões fulcrais como o

envolvimento escolar parental ativo e como é que, a partir daquele momento, iria funcionar a Relação Escola-Família. Para existir sucesso escolar seria necessário desenvolver-se uma relação de confiança e interação entre a Escola e a Família. Era necessário que as famílias colaborassem junto dos órgãos escolares e do corpo docente e, não menos importante, que a Escola estivesse disposta a receber os Pais e Encarregados de Educação, a fim de colaborar diretamente com estes, com vista ao sucesso escolar. Este estreitamento relacional foi um processo gradual e desigual, basta lembrarmos que embora no ensino privado muitas famílias já tiveram um relacionamento com a Escola, o mesmo não acontecia na Escola Pública.

Neste sentido, vários são os estudos que têm vindo a ser realizados e que indicam que há uma causalidade direta entre o envolvimento escolar parental e o sucesso dos alunos. Todavia, algumas análises ressaltam o facto da envolvimento extrema dos encarregados de educação no seio escolar possa originar situações de tensão para os alunos (Diogo, 2010a).

Também diversos são os autores que acerca desta temática, abordam sempre as questões de ordem socioeconómica dos Pais e Encarregados de Educação, como causa-consequência para a sua envolvimento escolar, como também, para o sucesso dos alunos. Os autores não são unânimes quanto às questões de ordem socioeconómica: se há uns que defendem que há uma correlação direta na origem socioeconómica dos alunos e que esta influência a envolvimento parental na Escola e, por conseguinte, o seu sucesso escolar; há outros, que referem que a origem socioeconómica não tem influência no sucesso escolar dos alunos, e que o importante não é a presença parental constante no seio escolar, mas sim, os métodos utilizados pelos pais para comunicarem com a Escola.

Autores como Davies (1989), Santiago (1993) e Davis-Kean (2005), defendem a ideia de que pais com escolaridades mais baixas e oriundos de grupos socioeconómicos mais desfavorecidos, de uma forma geral, não se envolvem na vida escolar dos seus filhos. Estes autores, corroboram a ideia de que pais com graus académicos superiores e de grupos socioeconómicos mais favorecidos, de forma geral, despendem mais tempo com os filhos e acompanham mais a sua vida escolar, como nos indica Miranda *et al* (2012). Concluem mesmo que para que os alunos tenham sucesso escolar é necessário que os seus

pais possuam um estatuto socioeconómico elevado.

O mesmo indica-nos um relatório da Unesco datado de 1996 onde se refere que os pais com graus académicos mais baixos, utilizam estratégias pouco eficazes para o desenvolvimento escolar dos seus filhos. Santiago (1993) faz notar que estes pais tornam-se mais ansiogénicos às dificuldades dos filhos, antecipando-se mesmo a elas. Eles anteveem as dificuldades que os seus filhos possam ter, considerando que estes não têm capacidades cognitivas para obterem sucesso escolar. De forma genérica, o autor indica-nos que os pais desculpabilizam os seus filhos, caso não consigam transitar de ano, pois eles próprios têm interiorizados *a priori*, sentimentos de insucesso. São pais com uma visão da escola transmissiva, onde apenas tinham importância a transmissão de conteúdos de base, como o cálculo ou a escrita, ou seja, existe uma sobrevalorização dos saberes básicos. Quanto ao enquadramento comportamental, Santiago (1993) refere ainda, que estes pais tendem a posicionar os filhos perante um comportamento rígido e disciplinado militarmente. O objetivo deste é que os alunos interiorizem que na Escola o professor é o órgão máximo. Neste sentido, existe uma sobrevalorização e uma multiplicidade da função docente, o que, por conseguinte, leva a que os pais não frequentem o espaço escolar.

Em suma, os autores referidos, preveem que estes alunos, posteriormente, interrompam o seu ciclo de estudo, abandonando assim o seu percurso académico de forma precoce. Virgínio de Sá (citado por Diogo, 2010a) vai mais longe, fazendo uma generalização dos Pais e Encarregados de Educação e indicando que estes têm-se demitido das suas funções educacionais e que não frequentam o espaço escolar, nem mesmo quando são convocados a tal. Isto demonstra, claramente, uma despreocupação da função parental tanto como educadores cívicos, como educadores escolares, não cumprindo com nenhuma das suas obrigações.

Em contrapartida, Ana Diogo (2010a) refere que embora os pais com escolaridade mais baixa não consigam auxiliar os filhos na sua vida escolar, não se demitem dessa função. A autora defende que nunca houve tanto envolvimento parental na Escola como atualmente. O investimento escolar surge em todas as Famílias. Estas manifestam vontade que os seus filhos prossigam os estudos e esta característica está presente em Famílias de

meios sociais e de grupos económicos bastante distintos. Diogo (2010a) indica também, que existe um forte investimento na generalização das aspirações escolares e que as escolas passaram a ocupar um lugar central no seio familiar. Esta posição é justificada pela procura da melhor escola para matricular os filhos e pelo levantamento de questões do foro quotidiano como, a mobilidade espacial e os horários dos seus filhos. Esta mutação transformou os pais de filhos em pais de alunos.

Lembrando Bourdieu e Passeron, Diogo (2010a) não descarta a influência que o meio social tem na escolha académica dos alunos, referindo que a educação assume-se fulcral para a inserção profissional. A autora ressalva uma nota importante: embora os pais de grupos socioeconómicos mais desfavorecidos não auxiliem diretamente os seus educandos nos trabalhos escolares, isto não quer dizer que estes não se envolvam com a Escola. Mas, apresentam sentimentos de autoestima mais baixos, o que, acompanhado por um sentimento de inferioridade académica, leva a que considerem que a sua opinião não é válida ou mesmo que não sabem como devem expressar a sua opinião perante os órgãos escolares.

Estas circunstâncias fazem com que estes pais se sintam incómodos na Escola e se ausentem deste espaço físico evitando o confronto com uma cultura que não conhecem. No entanto, esta ausência não significa desinteresse pela vida escolar dos seus filhos. O que acontece é que estes pais pedem auxílio a pessoas dentro do ciclo familiar ou fora deste. Por norma, o que acontece é que são os irmãos a passar o conhecimento escolar entre eles, do mais velho para o mais novo (Diogo, 2010a). Fora do ciclo familiar, estes pais pedem auxílio a explicadores e centros de estudo para que os seus filhos não deixem de acompanhar as temáticas escolares. Segundo Reis (2008), não é possível continuar a sustentar a ideia de que o nível socioeconómico familiar é condicionante para o sucesso escolar do aluno. O que, de facto, se torna importante e condiciona o (in)sucesso é o envolvimento parental, seja de forma direta ou indireta, tal como também defendem Prego e Mata (2012).

As escolas tendem, por norma, a reforçar a ideia de que os pais que não frequentam o espaço escolar, são pais desinteressados. Em contrapartida, assumem como responsáveis, pais que têm como hábito visitar a escola, mas sem se inserirem no espaço dedicado aos

professores (Diogo, 2010a). Será esta atitude responsável? Ou será que as escolas ainda não se sentem preparadas para introduzirem a Família dentro da sua esfera. Em concordância com esta autora, Prego e Mata (2012) também defendem que os professores são os agentes educativos que podem promover a envolvência escolar parental ou então inibi-la por completo.

É notório que os órgãos escolares têm conhecimento que é fundamental que a Família e Escola partilhem opiniões e dialoguem, frequentemente, com o intuito de auxiliarem os alunos, não só para os conhecer melhor, como também para os auxiliar a obterem um maior sucesso escolar. No entanto, com esta postura, a Escola evidência duas características distintas. A primeira é que não está preparada para deixar que os restantes agentes educativos se envolvam em questões escolares e a segunda é que sente que com a evolução temporal, tem vindo a ter mais responsabilidades educacionais. Assim, as fronteiras dos espaços Escola e Família estão cada vez mais ténues (Diogo, 2010a).

Quando falamos da necessidade e da importância da intervenção parental no seio escolar, importa justificar o quanto ela é importante. Ao analisarmos os estudos referentes a esta temática, é praticamente unanime a opinião que a envolvência parental no seio escolar acarreta benefícios para o aluno, como é o caso de Sousa e Sarmento (2010). Segundo estas autoras, a colaboração e o envolvimento entre as instituições - Escola e Família - desenvolve no aluno motivação perante a Escola. Ele posiciona-se de forma positiva em relação ao estabelecimento educativo e desenvolve o gosto pela aprendizagem. Esta proximidade, potencia o seu sucesso académico e esta relação, previne situações de risco, como o abandono escolar.

Contudo, não só os alunos saem beneficiados. Também os professores se sentem valorizados e satisfeitos perante o aproveitamento dos seus alunos. As mesmas autoras referem que os pais, vêm com satisfação a sua opinião ser valorizada pelo meio escolar. Na mesma linha de pensamento, Prego e Mata (2012), referem que o envolvimento dos pais na vida escolar dos seus filhos, identifica as expectativas que estes possam ter sobre a Escola, e demonstra a importância que atribuem à aprendizagem. Este envolvimento parental, pode não estar diretamente relacionado com o espaço físico da Escola, mas sim com contactos frequentes com os professores e os órgãos de gestão escolar, pois os alunos

ao aperceberem-se destes contactos regulares, começam a considerar cada vez mais a importância da Escola e a importância de obterem sucesso escolar. Esta envolvimento parental escolar previne também situações particulares como atrasos e faltas, pois os pais certificam-se sempre que os seus filhos/alunos cumprem os horários estabelecidos.

Prata *et al.* (2013), corroboram as ideias dos autores anteriores e indicam que quando os alunos sentem mais acompanhamento dos pais e constatarem que estes se envolvem com o estabelecimento educacional, sentem-se mais motivados e adquirem valores de trabalho fulcrais, como a autodisciplina e a obediência, sem os quais não conseguiriam atingir o sucesso. A envolvimento parental acarreta todos estes benefícios, tanto na obtenção de melhores classificações como também na obtenção de uma melhor postura e comportamento face à Escola.

Em contrapartida, Diogo (2010a), põe em causa se, de facto, existe uma causalidade direta entre a envolvimento parental e o sucesso escolar, apresentando uma desenvolvida lista de consequências para os alunos face à envolvimento escolar parental. A autora começa por revelar os impactos escolares positivos associados ao envolvimento parental. Os pais que se envolvem mais, possuem filhos com maior sucesso e este facto, torna-se independente dos recursos, sejam eles materiais ou culturais. A autora destaca ainda, que o envolvimento pode não ser o suficiente para atenuar ou acentuar questões relacionadas com o aproveitamento escolar, revelando, que a envolvimento extrema dos pais com a Escola, pode acarretar efeitos nefastos (Diogo 2010a). Quando a relação Escola-Família é muito próxima ela pode gerar tensão dentro da relação familiar colocando em causa a autonomia dos alunos. Por conseguinte, os filhos/alunos sentem que não estão ao alcance das expectativas que os pais e a escola estão a depositar neles e acabam por se desmotivar com o ensino, surgindo o insucesso escolar. Tentando evitar esta situação, a legislação escolar portuguesa possui medidas de promoção ao sucesso escolar.

## Capítulo 2 – A Escola no quadro da legislação portuguesa

Após a Revolução de 25 de abril de 1974, seguiu-se um período de mudanças profundas em todas as áreas sociais, particularmente, na educação. A abertura da Escola aos ideais da democracia enquadra-se na nova Constituição da República Portuguesa. A Assembleia Constituinte, em 1976, aprovou e decretou a nova Constituição, na qual o artigo 74º se debruçava sobre Ensino. Este artigo começava por referir que o Ensino passava a ser um direito universal e igualitário para todos os cidadãos, e as decisões expressas nas suas alíneas passaram a ser os pilares do Ensino em Portugal:

- a) Assegurar o ensino básico universal, obrigatório e gratuito;
- b) Criar um sistema público e desenvolver o sistema geral de educação pré-escolar;
- c) Garantir a educação permanente e eliminar o analfabetismo;
- d) Garantir a todos os cidadãos, segundo as suas capacidades, o acesso aos graus mais elevados do ensino, da investigação científica e da criação artística;
- e) Estabelecer progressivamente a gratuidade de todos os graus de ensino;
- f) Inserir as escolas nas comunidades que servem e estabelecer a interligação do ensino e das atividades económicas, sociais e culturais;
- g) Promover e apoiar o acesso dos cidadãos portadores de deficiência ao ensino e apoiar o ensino especial, quando necessário;
- h) Proteger e valorizar a língua gestual portuguesa, enquanto expressão cultural e instrumento de acesso à educação e da igualdade de oportunidades;
- i) Assegurar aos filhos dos emigrantes o ensino da língua portuguesa e o acesso à cultura portuguesa;
- j) Assegurar aos filhos dos imigrantes apoio adequado para efetivação do direito ao ensino.<sup>5</sup>

Neste artigo 74º são de realçar questões de índole de igualdade de género, de ordem social, económica e cultural, e, particularmente é sublinhada a importância dada aos alunos com necessidades educativas especiais.

---

<sup>5</sup> Informação disponível em:

<http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>

## **2.1. A legislação escolar, pós 1974**

Ainda em 1976 foi aprovado o Decreto-Lei nº 769-A/76, de 23 de outubro, que iniciou uma nova fase para as escolas, com base numa gestão democrática. Os estabelecimentos de ensino preparatório e secundário passavam a ter três órgãos: o Conselho Diretivo, o Conselho Pedagógico e o Conselho Administrativo.

Na década seguinte, foi aprovado o Decreto-Lei nº 125/82, que instituiu um Conselho Nacional de Educação, um órgão consultivo tanto para universidades, docentes, pedagogos, associações de estudantes e de pais. No fundo, procurava-se estabelecer uma colaboração entre todos os agentes educativos à escala nacional. Era da competência deste Conselho Nacional de Educação, realizar estudos e responder a questões que poderiam ser levantadas pelo Ministro da Tutela em relação às seguintes temáticas:

- a) Sistema educativo;
- b) Orientação escolar;
- c) Planos de estudo;
- d) Critérios de frequência e avaliação de conhecimentos;
- e) Criação, organização e reestruturação de estabelecimentos de ensino superior;
- f) Programas de ensino;
- g) Descentralização de serviços e regionalização do sistema educativo;
- h) Critérios gerais de rede escolar;
- i) Meios de garantir a liberdade de aprender e ensinar;
- j) Formação e promoção técnico-profissional;
- l) Planos plurianuais de investimento;
- m) Aplicação da pena de demissão a pessoal dirigente do Ministério.<sup>6</sup>

Ainda na mesma década, foi criada a Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei 46/86, que refere que a gestão das escolas deve ser orientada segundo os princípios democráticos e, pressupõe processos participativos por parte de todos os agentes que colaboram com o

---

<sup>6</sup> Informação disponível em: <https://dre.pt/web/guest/pesquisa-avancada/-/asearch/606530/details/normal?types=SERIEI&numero=125%2F82&tipo=%22Decreto-Lei%22>



processo educativo (Reis, 2008 e Picanço, 2012)<sup>7</sup>. Salientamos alguns dos seus objetivos, os enunciados na Subsecção I – Ensino Básico, Artigo 7º Neste artigo, os objetivos são bastante gerais e diversificados, todavia podemos sublinhar questões como, a formação geral dos alunos e a importância para que esta seja equilibrada entre a vertente teórica e a vertente prática. Tornava-se importante os alunos aprenderem a valorizar o ensino escolar em parceria com o ensino do quotidiano e com as suas experiências empíricas. Também era fulcral dar importância à educação artística, a fim de conseguir obter cidadãos pluralistas. O sistema educativo ressaltava o interesse pela aquisição de conhecimentos tendo em vista a formação de cidadãos autónomos e responsáveis, no sentido de incutir o gosto pela aprendizagem e que este gosto fosse fundamental para prosseguir estudos académicos.

Em 1989, foi aprovado o Decreto-Lei nº 43/89 que tinha como objetivo concretizar a participação de todos os agentes envolvidos no processo educativo. Essa era a ferramenta prática que dava seguimento à Lei de Bases do Sistema Educativo 46/86. Através deste Decreto-Lei, os pais passaram a ter assento no Conselho Pedagógico e no Conselho de Turma da Escola. Começava assim, uma aproximação entre a Escola e a Família.

No mesmo ano surge o Despacho nº8 SERE/89, que estabelece a forma como o Conselho Pedagógico passa a ser composto e qual o seu âmbito, bem como estipula quais os órgãos que deverão servir de apoio ao Conselho Pedagógico. Paralelamente são criados dois pilares fundamentais no Sistema Educativo: o Diretor de Turma e o Conselho dos Diretores de Turma.

Na década de 1990, surge o Despacho conjunto nº 60/SERE/SEAM/90, que confere aos pais a possibilidade de escolherem a escola onde querem matricular os seus filhos. No ano de 1992, surge um novo Sistema de Avaliação dos Alunos do Ensino Básico, estabelecido através do Despacho Normativo nº 98-A/92<sup>8</sup>. Este identifica que a avaliação dos alunos é uma exigência e uma obrigação e que esta encontra-se de forma explícita na Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei nº46/86. A avaliação dos alunos do ensino básico

---

<sup>7</sup> Informação disponível em: <https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/70328402/201709191608/70486666/diploma/indice?q=46%2F86>

Salientamos apenas o ensino básico, pois, é neste ciclo que se centra o nosso estudo empírico.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/642919/details/normal?q=Despacho+Normativo+n.%C2%BA%2098-A%2F92>

é imprescindível para aferir o cumprimento dos Objetivos e das Metas Curriculares, tanto de cada disciplina, como do ciclo em questão. Este Despacho Normativo, refere ainda, segundo Reis (2008), que caso haja uma avaliação extraordinária, a mesma, deverá ser comunicada aos Pais e Encarregados de Educação e terá de ter o acordo destes. Em caso de retenção, de forma repetida, e caso os Pais e Encarregados de Educação do aluno visado queiram, podem solicitar junto do Diretor Geral de Educação a verificação da situação exposta. A ligação entre Escola e Família tornou-se cada vez maior, levando a uma valorização da Família na instituição escolar, o que posteriormente, conduziu à legislação do associativismo parental.

No ano de 1993 foi publicado o Decreto-Lei nº 301/93<sup>9</sup>, que estabelece o regime de matrícula e a frequência no Ensino Básico, mas também direitos e deveres da Família perante a obrigatoriedade escolar de 9 anos, nomeadamente, as faltas dos alunos e as respetivas justificações.

Toda esta legislação demonstra a preocupação que o Estado estava a ter em relação à Escola. É certo que durante décadas a Escola portuguesa não se desenvolveu, manteve-se fechada em si mesma, o que deixou Portugal na cauda da Europa em relação ao ensino. Na década de 90 do século, passado cerca de 60% da população portuguesa possuía apenas o 4º ano de escolaridade (Benavente, 2001). Era fundamental inverter o rumo. Apesar da obrigatoriedade escolar ter sido elevada para nove anos, muitos eram os alunos que abandonavam precocemente o ensino. Tendo em consideração essa realidade foi publicado o Despacho 22/SEEI/96<sup>10</sup>, que pretendia flexibilizar os *currículos* escolares e adequá-los às necessidades de todos, particularmente, dos alunos desmotivados e prestes a abandonar a escola. Segundo Benavente (2001), as diretivas nele estabelecidas fizeram com que muitos alunos se reconcilhassem com a Escola e conseguissem, com sucesso, terminar o ciclo de estudos em formações profissionais integradas.

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/633944/details/normal?q=Decreto-lei+n%C2%BA301%2F93>

<sup>10</sup> Disponível em: [http://www.apm.pt/files/65035\\_Historia\\_dos\\_Curriculos\\_Alternativos\\_46403f4fd8a56.pdf](http://www.apm.pt/files/65035_Historia_dos_Curriculos_Alternativos_46403f4fd8a56.pdf)

Em 2002 foi aprovada a Lei nº 30/2002 que estabeleceu o Estatuto do Aluno do Ensino não Superior<sup>11</sup>. Esta Lei teve como objetivo promover a integração do aluno na comunidade educativa, assim como o cumprimento da escolaridade obrigatória e a promoção do sucesso escolar. Contudo, parte deste sucesso só é possível se houver aquisição de conhecimentos de base. A maioria desta legislação reflete a importância do currículo na aquisição dos conhecimentos base do aluno, pois como referimos anteriormente, a instrução é o grande pilar da Escola.

Três anos depois surgiu o Despacho Normativo nº1/2005<sup>12</sup> que constitui-se como um instrumento regulador de aprendizagens. Esta nova Lei, regulamentou os objetivos que devem existir na avaliação das aprendizagens base e pretende estabelecer quais as competências fulcrais que os alunos devem adquirir ao longo do Ensino Básico. Todavia, existe uma compreensão da pluralidade de alunos que integram a Escola, a nível etário, social e cultural, e a preocupação em integrar cada um deles, individualmente, numa sociedade plural.

A preocupação por parte do Sistema Educativo, para com os alunos que apresentavam dificuldades no currículo pré-estabelecido, nunca foi posta de parte. A prova dessa preocupação é a publicação da Lei nº 3/2008, que no artigo 13º, define os apoios educativos que devem ser prestados: serviços de psicologia, orientação e outros serviços especializados<sup>13</sup>. Estes apoios configuram-se desde a educação pré-escolar e nos ensinos Básico e Secundário, para que o aluno consiga, chegar no final do ano letivo às correspondentes metas exigidas. A Lei define que estes apoios devem ser iguais para os ensinos público, privado e cooperativo.

No ano de 2009, foi estabelecida uma nova obrigatoriedade escolar. A Lei nº 85/2009, define que os jovens portugueses passem a ter doze anos de escolaridade obrigatória<sup>14</sup>.

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/405481/details/normal?q=lei+n%C2%BA%2030%2F2002>

<sup>12</sup> Disponível em: <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/457204/details/normal?q=Despacho+normativo+n%C2%BA1%2F2005>

<sup>13</sup> Disponível em: <https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/71135788/201709191912/72875308/diploma/indice?q=lei+n%C2%BA%203%2F2008>

<sup>14</sup> Disponível em: [https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/67621085/201709191928/diploma?did=34513275&LegislacaoConsolidada WAR\\_drefrontofficeportlet\\_rp=indice&q=lei+n%C2%BA%2085%2F2009](https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/67621085/201709191928/diploma?did=34513275&LegislacaoConsolidada%20WAR_drefrontofficeportlet_rp=indice&q=lei+n%C2%BA%2085%2F2009)

Esta Lei explicita que todas as crianças e adolescentes de idades compreendidas entre os 6 e os 18 anos, encontram-se em idade escolar obrigatória. Esta Lei está hoje em vigor e, independentemente, da escolha dos alunos quanto ao ensino que pretendem seguir (regular ou profissional), têm sempre a obrigatoriedade escolar de doze anos ou então a possibilidade de sair do estabelecimento de ensino quando forem maiores de idade.

O Estatuto do Aluno do Ensino Básico e Secundário foi alterado pela Lei nº 39/2010<sup>15</sup>. Apesar desta Lei ter sido revogada, a principal alteração seria a responsabilização de todos os membros envolvidos na comunidade educativa. Pretendia promover a articulação entre a educação familiar e o ensino escolar, e responsabilizar os Pais e Encarregados de Educação pela (falta de) assiduidade e disciplina dos seus educandos.

Dois anos depois, o estatuto do aluno, sofreu uma nova modificação pela Lei nº 51/2012, na qual se estabelece uma alteração nos direitos e deveres dos alunos e se foca, uma vez mais, a importância do compromisso de todos os membros da comunidade educativa, da qual fazem parte os Pais e Encarregados de Educação<sup>16</sup>.

Neste mesmo ano de 2012, surgem dois novos Decretos-Lei que evidenciam as questões relacionadas com o currículo: o Decreto-Lei nº 176/2012, que indica que os alunos com apoio especializado ou com necessidades educativas especiais, possam ter uma variante ao currículo regular, uma transposição para a vida pós-escolar<sup>17</sup>; e o Decreto-Lei nº 139/2012 que estabelece uma nova organização do currículo no Ensino Básico e Secundário<sup>18</sup>.

A repetição, continua, da importância do currículo, sob forma de regulamentação legal que recai sobre os alunos, põe em evidência a preferência legal pelo sucesso escolar em detrimento do sucesso educativo.

---

<sup>15</sup> Disponível em: <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/344274/details/normal?q=Lei+39%2F2010>

<sup>16</sup> Disponível em: <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/174840/details/normal?q=Lei+n%C2%BA%2051%2F2012>

<sup>17</sup> Disponível em: <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/351887/details/normal?q=176%2F2012>

<sup>18</sup> Disponível em: <https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/73980680/201709191952/73284701/diploma/indice?q=139%2F2012>

## 2.2 Os órgãos escolares e o papel do Diretor de Turma

“A autonomia das escolas e a descentralização constituem aspetos fundamentais para uma nova organização de todo o sistema educativo” (Salgueiro, 2012, p. 16). Quando uma escola integra um agrupamento de escolas, esta passa a ser classificada como uma unidade organizacional, com órgãos próprios de administração e onde é desenvolvido um projeto pedagógico único. Esta tentativa de homogeneização retira-lhe a sua identidade, pois são desenvolvidos projetos comuns que podem ou não, ter características distintas. Contudo, o objetivo dos agrupamentos de escola, segundo a mesma autora, é reforçar a capacidade pedagógica dos estabelecimentos que integram o agrupamento, assim como, garantir a autonomia (e não a independência) destes. Mas, se esta é a atual organização das escolas portuguesas, vejamos os órgãos internos comuns a todas as escolas.

Começando pelo Conselho Pedagógico segundo o Decreto-Lei nº75/2008<sup>19</sup>. Este é um órgão de coordenação que tem como objetivo, supervisionar e orientar a prática pedagógica, mais especificamente a prática pedagógico-didática, de forma a melhor orientar os alunos, tal como o pessoal docente e não docente da escola ou agrupamento. Quanto à gestão intermédia, temos a coordenação do Departamento. Os Departamentos correspondem às diversas áreas disciplinares ou ao agrupamento das diversas disciplinas. A função dos Departamentos, é a de articular os projetos que serão executados ao longo do ano letivo. A coordenação do Departamento está a cargo do professor (profissionalizado) eleito pelos restantes. A este coordenador compete fazer uma adequação, em conjunto com os restantes docentes, dos objetivos gerais e metas curriculares, à realidade da escola. Compete-lhe, de igual modo, propor estratégias pedagógicas vocacionadas para os alunos, e sugerir ao Conselho Pedagógico o desenvolvimento de projetos locais que visem os objetivos curriculares da disciplina. Todas estas competências referentes aos Departamentos e à coordenação dos mesmos, encontram-se descritas no Decreto Regulamentar nº 10/99<sup>20</sup>. Os Departamentos, como

---

<sup>19</sup> Disponível em: <https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/34457775/view?q=Decreto-Lei+n%C2%BA75%2F2008>

<sup>20</sup> Disponível em: <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/353971/details/normal?q=Decreto+Regulamentar+n%C2%BA%2010%2F99>

órgãos de gestão intermédia, viram as suas funções reforçadas com este decreto. Posteriormente passou a competir aos Departamentos detetarem quais as áreas pedagógicas em que existam maiores problemas e desenvolverem estratégias para inverter essa tendência.

Quanto ao coordenador do Departamento, ele é o responsável por estimular as capacidades de iniciativa e trabalho coletivo dos restantes membros do Departamento e levá-los a questionarem-se acerca das suas escolhas metodológicas, com o intuito de melhorar as suas tarefas perante o contexto escolar em que se encontram inseridos. Uma segunda competência do coordenador é desenvolver em conjunto com o grupo, novas metodologias educacionais. Segundo Salgueiro (2012), compete ao coordenador resolver conflitos que possam existir tanto de âmbito burocrático, disciplinar como organizacional. O órgão de gestão intermédia de carácter mais vocacionado para o desenvolvimento socio-afetivo dos alunos corresponde aos Serviços Técnico-Pedagógicos. O fim deste serviço é assegurar a integração dos alunos no meio escolar e, para que isso se torne possível, é necessário que estes técnicos tenham capacidades nas áreas do apoio socioeducativo, na vertente vocacional e na educação especial. Este órgão é fundamental na Escola, pois apoia os alunos no seu desenvolvimento pessoal e é capaz de os ajudar a desenvolver o gosto por uma área específica que se possa concretizar futuramente na sua opção profissional.

Ao Conselho de Turma compete deliberar sobre as classificações a atribuir aos alunos em cada disciplina; ao professor da respetiva disciplina cabe propor a sua classificação. No entanto, esta é alvo de discussão e alteração caso se verifique opinião diversa no Conselho de Turma. Mas, normalmente, segundo Salgueiro (2012), a proposta do professor da disciplina é a classificação final. Este órgão de gestão intermédia foi criado e desenvolvido com o intuito de executar um projeto comum aos alunos de uma turma, que visa o seu desenvolvimento cognitivo e o seu desenvolvimento psicossocial.

Por fim, outro órgão escolar de gestão intermédia, é o Conselho de Diretores de Turma. Ao coordenador desse Conselho compete, promover medidas educativas mais abrangentes, mas, que muitas vezes se relacionam com soluções para problemas disciplinares dos alunos. Como forma de resolver estas questões cabe a este coordenador

manter contactos regulares com a família dos alunos visados, assistindo-se, uma vez mais, à colaboração entre os diferentes agentes educativos: Pais e Encarregados de Educação e Docentes.

Após a análise dos órgãos de gestão escolar, cabe-nos particularizar uma figura que se assume também como órgão de gestão intermédia: o Diretor de Turma. No tópico anterior, fizemos referência ao Conselho de Diretores de Turma e ao Conselho de Turma, neste sentido, cabe-nos agora noticiar a importância do membro fundamental nestes conselhos.

O Diretor de Turma é a figura responsável pelo processo ensino-aprendizagem e, neste sentido, o responsável curricular. Compete-lhe ser o mediador entre os restantes docentes e os alunos (Boavista, 2010 e Picanço, 2012). Na evolução da legislação publicada, planeava-se inicialmente, que o Diretor de Turma tivesse um papel de maior relevo e também com maior reconhecimento. Na década de 1960, a figura do Diretor de Turma, teria sido preconizada para ter um prestígio e uma dignidade superior à de um docente comum (Boavista, 2008). Estava previsto, que este fosse um orientador educativo para a turma. O seu papel seria o de providenciar o desenvolvimento pessoal dos alunos e a sua integração no ambiente escolar (Boavista, 2010 e Picanço, 2012).

Hoje ao Diretor de Turma competem funções nos vários âmbitos escolares (Picanço, 2012). A primeira é incentivar uma aproximação entre os Encarregados de Educação e a comunidade escolar. Esta aproximação surge com o intuito dos Encarregados de Educação começarem a envolver-se na vida escolar dos seus educandos. Compete também ao Diretor de Turma promover o sucesso escolar dos seus alunos e para que isso aconteça é necessário desenvolver práticas pedagógicas e didáticas direcionadas para o universo em questão. Por fim, é importante que o Diretor de Turma auxilie no desenvolvimento da identidade dos alunos. Neste sentido, a sua tarefa é auxiliar os alunos nos dois campos de sucesso: o sucesso escolar e o sucesso educativo.

Segundo a Lei nº 30/2002, ao Diretor de Turma compete adotar medidas educativas que visem o sucesso escolar, tal como promover um ambiente educativo que facilite a aprendizagem dos alunos, e ainda, colaborar em conjunto com os restantes docentes da

turma e com os encarregados de educação, em medidas que respondam à prevenção ou a solução de eventuais problemas comportamentais<sup>21</sup>.

Segundo Diogo (citado por Picanço, 2012), cabe ao Diretor de Turma esclarecer os encarregados de educação, em temas como: a assiduidade, a pontualidade, o regime de faltas, as regras escolares e procedimentos disciplinares e a atualização constante com os restantes docentes da turma para estarem a par da evolução dos alunos. Esta medida, por um lado, previne que este tipo de problemas aconteçam, pois, os encarregados de educação estão a par das regras escolares e, por outro lado, podem punir os alunos se não respeitarem as respetivas regras.

Na escolaridade obrigatória alargada, como é o caso atual, da escolaridade obrigatória até ao 12º ano, o Diretor de Turma, cada vez mais, é confrontado com novas problemáticas e uma maior heterogeneidade de alunos. Tem assim, de estar aberto às novas exigências diárias que lhe são colocadas.

O Diretor de Turma é visto como uma ponte que faz a ligação entre a Família e a Escola. Neste mesmo sentido, Boavista (2010) indica que o Diretor de Turma surge como uma necessidade da Escola massificada. Esta figura irá corresponder às necessidades que emergem da heterogeneidade dos alunos existentes, tanto a nível geográfico, como a nível socioeconómico.

### **2.3. A legislação sobre o associativismo parental**

Antes da Revolução dos Cravos a escola portuguesa não conhecia o associativismo parental (Fernandes 2003). Organizado de forma legal ele só foi possível num contexto pós 1974, no contexto de uma nova abordagem ideológica e sociopolítica. A criação deste movimento associativista não foi fácil nem rápida, depois de uma longa tradição centralista, na qual o domínio da Escola (e dos respetivos alunos) era exclusivo dos docentes.

A primeira legislação que concede aos Pais e Encarregados de Educação a possibilidade

---

<sup>21</sup> Disponível em: <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/405481/details/normal?q=Lei+n%C2%BA%2030%2F2002>



de interagirem no meio escolar surge no ano de 1976, com o Decreto-Lei nº 769-A/76, com base no qual se autoriza a participação dos encarregados de educação nos Conselhos de Turma. No entanto, esta participação era limitada à discussão de problemas disciplinares. Ou seja, caso os conselhos de turma não discutissem questões relacionadas com (in)disciplina, os encarregados de educação não eram convocados para a reunião. Ficando assim, uma vez mais, à margem dos problemas escolares que os seus educandos tinham.

Só passados três anos foi aprovada a Lei nº 7/77, de 1 de fevereiro que permitiu a criação da Associação de Pais nas Escolas Secundárias. Graças à sua existência surgiu também o SNAP – Secretariado Nacional das Associações de Pais<sup>22</sup>.

A Lei foi ampliada com o Despacho Normativo nº122/79<sup>23</sup> que impõe a obrigatoriedade de reuniões regulares entre as Associações de Pais e os Conselhos Diretivos. Permite também aos encarregados de educação participarem nos Conselhos de Escola e nos Conselhos Pedagógicos. Os primeiros passos para o associativismo parental haviam sido dados ainda que de forma embrionária. No entanto, já era compreensível, que aproximar os Pais e a Escola era benéfico para os alunos e que as medidas legais iriam continuar a suportar esta ideia.

Dois anos passados, a Associação de Pais vê reforçado o seu papel através do Decreto-Lei nº 125/82. Este decreto pressupõe a integração das associações de pais no Conselho Nacional de Educação, um órgão consultivo do Ministério da Educação. A continua progressão sobre a importância do olhar parental, sobre o meio escolar, espelha-se neste Decreto-Lei<sup>24</sup>.

Em 1984, o Decreto-Lei nº 315/84, permitiu a criação de Associações de Pais para as Escolas Pré-Primárias e para as Escolas Básicas, ou seja, apenas para o 1º ciclo de escolaridade<sup>25</sup>. No ano seguinte, o SNAP altera a sua denominação para CNAP – Confederação Nacional das Associações de Pais – e participa nesse ano no 1º Congresso

---

<sup>22</sup> Disponível em: <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/138528/details/normal?q=Lei+7%2F77>

<sup>23</sup> Disponível em: <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/383869/details/normal?q=o+Despacho+Normativo+n%C2%BA122%2F79>

<sup>24</sup> Disponível em: <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/606530/details/normal?q=Decreto-Lei+n%C2%BA20125%2F82>

<sup>25</sup> Disponível em: <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/399778/details/normal?q=Decreto-Lei%2C%20315%2F84>

de Associações de Pais Europeus da *European Parents Association*. Esta participação prova que, embora as associações de pais tivessem sido criadas havia poucos anos, os elementos envolvidos estavam empenhados em colaborar ativamente com o sistema educativo.

Em 1986, com a criação da Lei de Bases do Sistema Educativo, as Associações de Pais reforçam o seu papel ao serem considerados entre os principais intervenientes no processo educativo. E a importância continua a crescer: passam a ser dois os seus elementos no Conselho Nacional de Educação pela Lei nº 31/87<sup>26</sup>. Dois anos depois, mais poder é concedido à Associação de Pais e Encarregados de Educação, com a aprovação do Decreto-Lei nº 43/89, onde se refere que os Pais e Encarregados de Educação não só têm assento no Conselho Pedagógico da escola como também no Conselho de Turma<sup>27</sup>. Pela Lei nº 53/90<sup>28</sup>, “a Assembleia da República autoriza o Governo a legislar em matéria de Associação de Pais” (Fernandes, 2003, p. 125).

Em 1991, as Associações de Pais reforçam o seu poder na Escola, pelo Decreto-Lei nº172/91. Passam a ter agora lugar no Conselho Pedagógico da Escola, com direito a voto, no Conselho de Turma e no Conselho de Escola. Para todos estes órgãos escolares têm a possibilidade de eleger dois representantes<sup>29</sup>.

Por fim, o Decreto-Lei nº115-A/98, que veio revogar o Decreto-Lei nº 172/91, fortaleceu ainda mais a participação das famílias atribuindo novos lugares aos Encarregados de Educação no Conselho de Escola, atualmente denominado por Assembleia de Escola<sup>30</sup>. “Aqui, materializa-se, uma vez mais, uma intenção clara em promover uma ampla participação dos pais na vida da escola como princípio estruturante de democraticidade, promoção da cidadania e garante da qualidade do sistema educativo.” (Fernandes, 2003, p. 131).

---

<sup>26</sup> Disponível em: <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/420041/details/normal?q=Lei+n%C2%BA%2031%2F87>

<sup>27</sup> Disponível em: <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/610688/details/normal?q=Decreto-Lei+n%C2%BA%2043%2F89+>

<sup>28</sup> Disponível em: <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/556818/details/normal?q=Lei+n%C2%BA%2053%2F90+>

<sup>29</sup> Disponível em: <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/612219/details/normal?q=Decreto-Lei+n%C2%BA172%2F91+>

<sup>30</sup> Disponível em: <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/155636/details/normal?q=Decreto-Lei+n%C2%BA115-A%2F98>

## **Capítulo 3 – Da Escola ao estudo de caso**

### **3.1. A caracterização do meio escolar**

O presente estudo tem como objetivo analisar a influência que a formação académica, o enquadramento geográfico e socioeconómico dos Pais e Encarregados de Educação possam ter no desempenho escolar dos seus filhos ou educandos. Para serem perceptíveis as decisões tomadas e o contexto em que se desenrolou esta investigação, consideramos relevante realizar uma breve análise e caracterização sobre a escola na qual desenvolvemos esta investigação bem como sobre as duas turmas seleccionadas.

A conceção e desenvolvimento deste projeto foram executados na ESP durante o ano letivo 2016/2017, ao longo do estágio curricular profissional, inserido na unidade curricular Iniciação à Prática Profissional (I.P.P.), do Mestrado de Ensino de Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário (MEG), da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

A ESP, instituição que nos acolheu como professores estagiários, localiza-se na própria cidade de Paredes, sede do município homónimo. Situa-se próxima de infraestruturas fundamentais que facilitam a sua acessibilidade a todos os agentes envolvidos: próxima da Autoestrada A4 e de uma das estações da linha de caminho-de-ferro do Douro. Paredes é um concelho do distrito do Porto e, desde 2013, pertence à sua área metropolitana, beneficiando assim de inúmeros e diversificados projetos que são desenvolvidos, nomeadamente na área da educação.

A ESP é a mais importante do concelho com uma história com mais de quatro décadas. O seu espaço físico está pensado para as necessidades dos alunos atuais, existindo salas que beneficiam de equipamentos tecnológicos avançados, como é o caso dos quadros interativos. Estas novas adaptações escolares devem-se ao facto da ESP ter sido requalificada no ano de 2009, através do plano nacional “Parque Escolar”. Ao visitarmos

esta Escola, podemos perceber o espaço estrategicamente pensado para os alunos, docentes e funcionários, em função das diversas atividades que lhes são atribuídas.

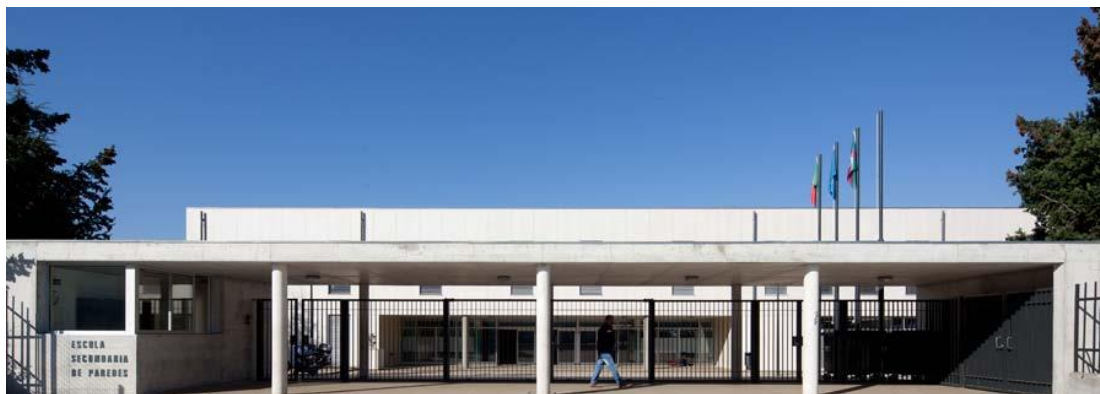


Figura 1 – Escola Secundária de Paredes

A planta da Escola fornece-nos informações sobre a organização do seu espaço. Observamos que existem salas específicas para vários órgãos da Escola: uma sala para a Direção, uma sala para o Conselho Executivo, uma outra para o Conselho Pedagógico e ainda uma sala destinada à Associação de Pais.<sup>31</sup> Para os docentes existem uma Sala de Professores e uma Sala de Trabalho comum. A Escola possui ainda salas diferenciadas de trabalho, organizadas segundo as diversas matérias. A sala de trabalho onde mais permanecemos, foi a correspondente ao Departamento das Ciências Sociais, onde se enquadra a disciplina de Geografia.

Durante o ano letivo 2016/2017, de acordo com o *Plano Anual de Atividades*, desenvolveram-se dois eixos fulcrais na organização da comunidade escolar. O primeiro relacionou-se com o apoio escolar, ou seja, o conjunto de atividades que visavam promover o sucesso escolar à escala nacional, nomeadamente nas disciplinas para as quais existe um exame nacional, como é o caso da disciplina de Geografia A no 11º ano de escolaridade, que beneficiou de apoio escolar ao longo do ano letivo com mais dois tempos semanais, além do horário normal. Quanto ao segundo eixo, este foi de carácter formativo e enquadrando-se em atividades extracurriculares que tiveram como objetivo inculcar nos alunos o gosto pela escola.

---

<sup>31</sup> Ver anexo 1 (Planta da Escola Secundária de Paredes)

“O segundo eixo é polarizado pelas atividades extracurriculares, de caráter formativo. Estas propostas visam estimular o gosto pela escola e contrariar o abandono escolar precoce, promover a integração responsável dos alunos na vida da escola, desenvolver o conhecimento e o apreço por valores sociais, proporcionar experiências inovadoras que favorecem a autonomia, a maturidade cívica e sócio afetiva, estimular as atitudes e os hábitos de relação e de cooperação, facultar atividades e experiências que permitem o conhecimento de manifestações culturais, estéticas, morais e cívicas, contribuir para o desenvolvimento de ações que envolvem sentimentos de liberdade, paz, justiça e solidariedade, e, enfim, prevenir situações de risco para a conservação do ambiente e do património.” (ESP, Plano Anual de Atividades, 2016/2017, p. 2)

A clara organização da vida escolar beneficia em muito a Escola. É notória a preferência dos alunos, por esta instituição, através de alguns elementos estatísticos. Ao longo do ano letivo 2016/2017 encontravam-se matriculados 1875 alunos, entre os 7º e o 12º anos de escolaridade. Os alunos estavam distribuídos por 33 turmas no terceiro ciclo do Ensino Básico, contando-se neste número 4 turmas do curso básico de música e 3 do curso básico de dança. Quanto ao Ensino Secundário existiam 32 turmas e 4 do ensino profissional. Este elevado número de alunos demonstra a clara preferência por esta Escola, em detrimento das restantes do concelho de Paredes que são: Escola Básica de Cristelo, Escola Básica de Paredes, Escola Secundária Daniel Faria, em Baltar, Escola Básica e Secundária de Lordelo, Escola Básica e Secundária de Rebordosa e, por fim, a Escola Básica e Secundária de Vilela. De acordo com o Plano Anual de Atividades do ano letivo 2016/2017, dos 1875 alunos, 1 747 residiam no concelho de Paredes, sendo a freguesia sede a que contribuía com mais alunos, 1183. Todavia, deste total, 564 alunos, número ainda considerável, residiam nas restantes freguesias do concelho de Paredes. As freguesias com um o maior peso de estudantes eram: Beire, Louredo e Recarei. Por fim, 128 alunos residiam noutros concelhos que não o de Paredes e destes, 68 pertenciam ao Ensino Básico e os restantes 60 alunos ao Ensino Secundário.

Em relação ao corpo docente, e ainda segundo o mesmo Plano Anual de Atividades, este era constituído por 147 professores, entre os quais 134 pertenciam aos quadros do Ministério da Educação e Ciência. Este número revela um corpo docente estável com um conhecimento sólido sobre a área e sobre a estrutura social da comunidade. Esta estabilidade permite incentivar os alunos a realizar projetos, dando-lhes a possibilidade de continuidade, visto que é possível acompanhar as turmas ao longo dos ciclos. Desta forma estabelecem-se relações de afinidade mais próximas, devido à longevidade dos grupos, cativando e motivando sempre os alunos a envolverem-se em atividades escolares, prevenindo desta forma, a desmotivação ou mesmo o abandono escolar precoce.

A trabalhar em parceria com os docentes, nestes e noutros campos escolares, existe um corpo técnico educativo, composto por um psicólogo, um chefe dos serviços de administração escolar e, ainda, dez assistentes técnicos. Paralelamente, existe ainda um grupo de elementos não-docentes, os funcionários escolares, que possuem uma posição marcante no corpo escolar.

A cooperação com os agentes educativos estabelece-se também fora dos limites da escola, existindo vários parceiros escolares e protocolos estabelecidos. A ESP, tem uma parceria com a Câmara Municipal de Paredes, que visa a troca de recursos e partilha de projetos, a nível desportivo, do lazer e da cultura. Focando-nos nesta última área, a Escola possui uma parceria com a Biblioteca Municipal de Paredes, com o objetivo de partilhar informações da rede municipal de bibliotecas. No âmbito do desporto, existem protocolos que preveem a cedência mútua de instalações gimnodesportivas, como é o caso da Piscina Municipal. Para os alunos matriculados no ensino vocacional articulado existe uma parceira entre a ESP e a Academia de Música de Paredes, assim como com a Academia de Dança de Paredes. Estas parcerias são fulcrais, para que o ensino articulado possa continuar a coexistir. Várias destas realidades justificarão muitos dos resultados encontrados ao longo do nosso estudo refletindo-se de forma muito positiva no funcionamento da Escola e na relação entre Pais e Encarregados de Educação.

### **3.2. As turmas em análise**

O nosso estudo foi desenvolvido junto das turmas regidas pela orientadora cooperante, no quadro do programa estabelecido no início do estágio pedagógico. A experiência de lecionação realizou-se no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário. Desta forma, foi possível lecionar a quatro turmas no 3º ciclo do Ensino Básico e a duas turmas do Ensino Secundário.

Como já referimos antes, para esta investigação-ação foram seleccionadas duas turmas do 3º ciclo do Ensino Básico, que designaremos por 8º1 e 8º2, assegurando assim o seu anonimato. Sendo, o objetivo deste estudo, comparar o desempenho escolar dos alunos através de realidades socioeconómicas diferentes dos Pais e Encarregados de Educação, apenas encontramos esta realidade nas turmas do 3º ciclo do Ensino Básico.

Ao seleccionarmos turmas do 3º ciclo trabalhamos, desde logo, com uma imposição de horário, pois a disciplina de Geografia no 8º ano de escolaridade tem uma carga letiva semanal de apenas um bloco de 90 minutos. Todavia, em articulação com as Metas Curriculares, conseguimos pôr em prática alguns exercícios, através dos quais foi possível perceber as realidades destas duas turmas.

Em todo o caso, a imposição temporal não se tornou um obstáculo, pois este estudo baseou-se também em informação recolhida em reuniões fora do contexto sala de aula. Destas destacamos, um inquérito distribuído pelos Diretores de Turma aos alunos, no início do ano letivo, no qual era necessário responder a diversos campos, sobre eles próprios, como também, sobre os Encarregados de Educação e o agregado familiar<sup>32</sup>. Com base nestes dados foi possível compreender, em parte, a dinâmica espacial das deslocações realizadas pelos alunos, assim como foi possível perceber o raio de influência da ESP, através das moradas dos discentes, bem como as “características geográficas” dos alunos. Se porventura são marcadamente urbanas ou rurais. O concelho de Paredes, possui 18 freguesias, das quais 4 são consideradas urbanas, incluindo a sede do concelho: Gandra, Lordelo, Rebordosa e Paredes. As restantes freguesias, possuem características predominantemente rurais.

---

<sup>32</sup> Ver anexo 2 – Inquérito dirigido aos alunos

Finalmente, a nossa amostra não contempla alunos de outras nacionalidades a não ser a portuguesa, contudo verificamos que à escala nacional, o universo escolar inclui hoje alunos das mais diversas nacionalidades.<sup>33</sup> No Ensino Básico, no ano de 2014/2015 (dados mais recentes) existiam aproximadamente 35000 alunos de outras nacionalidades que não a portuguesa, a frequentar as nossas escolas. Em Paredes, nunca tivemos qualquer problema linguístico, contudo é de recordar que a Escola, já recebeu alunos estrangeiros. Decorreu mesmo nesta instituição a receção de alunos refugiados, facto motivado pelas questões migratórias atualmente existentes na Europa. Esses alunos já se encontram a concluir o último ciclo na Escola, o secundário, daí não termos tido qualquer contacto com o grupo de discentes estrangeiros.

Relativamente à amostra seleccionada, a turma do 8º1 era constituída por 24 alunos, 7 raparigas e 17 rapazes, com uma média de idade de 13 anos. Existindo uma discrepância entre géneros bastante evidente, ela acompanha a atual tendência escolar em Portugal nos Ensinos Básico e Secundário, na qual existem mais alunos do género masculino do que do género feminino.<sup>34</sup>

Através da informação presente nos *Processos individuais dos alunos* conseguimos compreender que nenhum deles havia repetido um ano escolar ao longo do seu percurso académico<sup>35</sup>. Foi também possível ter acesso aos seus históricos de avaliação desde que iniciaram no 2º ciclo do ensino básico. De salientar, ainda, que esta era uma turma do ensino vocacional do Curso de Música.

Um importante ponto de partida é a estabilidade dos alunos quanto ao espaço geográfico de residência: desde a sua chegada ao 1º ciclo de escolaridade que a morada foi sempre a mesma, independentemente das alterações familiares ocorridas. Dos 24 alunos, presentes na turma, é importante referir que 3 deles residem noutra freguesia que não a da Escola. Tentaremos analisar de que forma é que a localização geográfica dos discentes pode estar

---

<sup>33</sup> Perfil do Aluno 2014/2015 divulgado pelo DGEEC, página 29  
[http://www.dgeec.mec.pt/np4/97/%7B\\$clientServletPath%7D/?newsId=147&fileName=PERFIL\\_DO\\_ALUNO\\_1415.pdf](http://www.dgeec.mec.pt/np4/97/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=147&fileName=PERFIL_DO_ALUNO_1415.pdf)

<sup>34</sup> Ver no portal do Ministério da Educação: <http://infoescolas.mec.pt/3Ciclo/>

<sup>35</sup> [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Noticias\\_Imagens/2016\\_dn\\_1f.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Noticias_Imagens/2016_dn_1f.pdf)



relacionada com o seu rendimento escolar. Atendendo à minha formação em Geografia esse é o mais interessante desafio neste trabalho.

Por sua vez, a turma do 8º2 constitui uma realidade bastante distinta. Em primeiro lugar, é composta por 30 alunos, 15 rapazes e 15 raparigas, existindo assim um equilíbrio entre géneros. A média de idades dos alunos é de 13,5 anos, ligeiramente superior à média da turma antes referida, porém, existem dois alunos com uma idade superior à prevista para este nível de escolaridade, um com 18 anos e outro com 16 anos. Partindo desta informação e com auxílio do *Processo Individual do Aluno*, é plausível concluir que são alunos que já repetiram anos de escolaridade ao longo do seu percurso académico. Nesta turma, encontramos 3 alunos que já haviam repetido, pelo menos uma vez, um ano de escolaridade. Contudo, nenhum destes havia repetido o 8º ano de escolaridade.

Relativamente aos alunos que já haviam reprovado de ano, importou-nos saber quando aconteceu e, se porventura, houve algum motivo particularmente relacionado com o tema deste trabalho, como, por exemplo, alguma rutura nas relações familiares. O que foi possível averiguar, é que estes três alunos repetiram de ano, não só, mas também, no 3º ciclo do Ensino Básico. Contudo não houve qualquer alteração na nomenclatura familiar que fosse destacada para esta situação. Terá sido apenas o desinteresse escolar demonstrado ao longo do respetivo ano letivo?

Perante a pergunta, debruçamo-nos sobre cada um dos casos. De facto, algo nos chamou à atenção quando observamos os seus percursos académicos, particularmente um deles, que desde que iniciou o 3º ciclo do Ensino Básico, mudou de escola 3 vezes. Este facto revela uma instabilidade que se agrava à medida que a situação se repete, podendo ser causa ou consequência das, repetidamente, falhadas transições de ano. Este percurso traz ao aluno uma instabilidade e transitoriedade perante a escola em que é inserido, a que acresce a circunstância de ter sido avaliado inúmeras vezes a nível psicossocial, revelando sempre uma idade mental inferior à sua idade biológica.

Por todas as informações referidas, as duas turmas selecionadas revelaram-se dois interessantes universos a analisar e a confrontar, tendo em conta os objetivos do nosso estudo.

### **3.3 Os fatores comportamentais**

Os fatores comportamentais, além de contribuírem para a classificação, facultam-nos informações preciosas sobre a personalidade dos alunos, o que posteriormente pode evidenciar os seus relacionamentos familiares. Assim, podemos avaliar se os relacionamentos familiares são harmoniosos ou se porventura são conflituosos. Neste sentido, a fim de verificarmos se os alunos das turmas selecionadas já haviam tido comportamentos que evidenciassem algum problema familiar, fomos à procura de informação nos seus processos individuais.

Verificamos que em anos transatos alguns alunos da turma 8º2, tinham registos no seu processo individual de advertências quanto ao seu comportamento, porém nenhum destes registos estava enquadrado numa escala de gravidade máxima. As questões apontadas eram, essencialmente, as referentes a conversas em sala de aula, ou seja, falta de respeito pelas regras de sala de aula e brincadeiras entre os alunos no decorrer das aulas. Todas estas questões são sérias e é necessário tê-las em consideração, todavia não revelam qualquer desfasamento ou problema sócio afetivo a nível relacional.

Assim, decidimos focar-nos apenas no ano letivo em que lecionamos para que pudéssemos verificar o comportamento dos alunos nas nossas regências. Facilmente constatámos que estávamos a trabalhar com duas realidades distintas. Quanto à turma 8º1, os alunos eram muito barulhentos, falavam todos em simultâneo, não respeitavam as regras de sala de aula. Por norma, sentíamos muita dificuldade em fazer com que estas se cumprissem. Estes alunos não primavam pelo respeito ao professor nem aos colegas, tendo sido várias, as vezes que foi necessário advertir os alunos sobre o seu comportamento.

Ao longo de todas as aulas que foram lecionadas, tanto por nós, professores estagiários, como pela orientadora cooperante, o comportamento dos alunos mantinha-se. Facilmente tomavam controlo da aula, através de diálogos paralelos e, consequentemente, do ruído produzido. Tornavam-se incontroláveis e manipuladores, tendo sido necessário interagirmos com eles continuamente para que a situação melhorasse.

Foram muitas as aulas a debater a questão do comportamento dos alunos. Na última aula lecionada, a questão agravou-se. Durante a leção e a prática de um jogo didático *online*, vários alunos, utilizaram a plataforma informática com uma linguagem inapropriada e mesmo obscena, para o contexto sala de aula. O resultado deste comportamento, foi a aplicação de uma medida sancionatória<sup>36</sup>, no caso, uma repreensão registada a 6 alunos desta turma. Esta repreensão registada, foi anexada ao *Processo Individual do Aluno*, tal como nos é indicado na lei 51/2012, e automaticamente retira a possibilidade destes alunos atingirem o quadro de mérito na ESP. A implementação da medida sancionatória impunha-se, pois não seria ético enquanto professores e também enquanto figuras que auxiliam na estruturação da personalidade dos alunos, ignorar a situação e simular que nada se havia passado. Foi necessário que estes alunos compreendessem que este tipo de atitudes é inadmissível e proibida dentro da sala de aula. Relativamente à turma 8º2, em nenhum momento, ao longo de todo o ano letivo tivemos este tipo de problemas. As questões comportamentais nunca foram um obstáculo ao processo ensino-aprendizagem dos alunos, nem nunca foi necessária nenhuma intervenção por parte dos professores quanto a esta questão. Em todo o caso, há sempre exceções, há aulas em que os alunos estão mais agitados, contudo, nunca houve um caso grave que deva ser colocado em evidência. A leção na turma 8º2, tanto por parte dos professores estagiários, como por parte da orientadora cooperante, sempre se demarcou pela harmonia dentro da sala de aula. Os alunos tiveram desde o início do ano letivo, o conhecimento intrínseco das regras de funcionamento em sala de aula, nunca tendo sido necessário adverti-los nesse sentido.

### **3.4. O caso em estudo**

Como foi referido anteriormente, o sucesso dos pais a nível escolar pode influenciar o desempenho académico dos seus filhos. Neste sentido, este estudo pretende dar a conhecer de que forma é que no universo em análise essa influência se reflete, partindo

---

<sup>36</sup> Medidas disciplinares sancionatórias – artigo 28º  
<https://dre.pt/application/dir/pdf1sdip/2012/09/17200/0510305119.pdf>

dos aspetos que regulam a relação entre os pais e a Escola, como as visitas à instituição, a interação com o Diretor de Turma, a procura de informações sobre o filho ou educando junto da Escola, e ainda, a forma como os pais procuram resolver qualquer problema que exista, seja o da avaliação, de questões de horário, ou mesmo questões de transporte entre a residência e a Escola.

Através de toda esta informação conseguimos chegar a várias questões: primeiramente, se todos os Pais ou Encarregados de Educação se interessam pelas questões da vida escolar e se se envolvem com a instituição; depois, qual a relação entre a envolvimento escolar dos Pais e Encarregados de Educação e o sucesso académicos dos educandos. Questões também centrais desta investigação prendem-se com o facto de os pais mais presentes na vida da escola serem os que detêm uma qualificação académica mais elevada ou, se por ventura, os mais iletrados, e se a sua assiduidade voluntária na escola se reflete posteriormente em classificações mais elevadas ou mais baixas entre os seus educandos. Apesar do tema fulcral da investigação ser *o sucesso dos pais versus o desempenho dos filhos* é importante alargar a temática às áreas envolventes: se esta relação de causalidade é direta, ou se, por acaso, existem exceções, e ou outras questões a ter em conta, como a influência do espaço geográfico em que os alunos se encontram envolvidos os afeta direta ou indiretamente. As turmas em estudo não se articulam da mesma forma quanto à relação Família-Escola, havendo disparidades claras, tanto a nível de presenças parentais na Escola, como a envolvimento e estreitamento da relação Escola-Família.

## Capítulo 4 – Os Pais e Encarregados de Educação: características e atitudes

Ao longo do nosso trabalho nem sempre foi fácil chegar à fala com os Pais e Encarregados de Educação, pois este é ainda, em parte, um tema tabu nas escolas, sendo que algumas das questões que tínhamos para aprofundar o tema, são encaradas como interferência na esfera privada das famílias e, por vezes, uma afronta pessoal. Tendo em atenção estes problemas, consultamos sempre os Diretores de Turma, que nos foram fornecendo informações quanto às características e envolvimento do núcleo de Pais e Encarregados de Educação na ESP. Todavia, esta situação limita-nos o olhar e proporciona-nos uma visão estritamente académica.

### 4.1. Caracterização geral dos pais

Na turma 8<sup>o</sup>1, contamos com 23 mães e com 22 pais, enquanto que na turma do 8<sup>o</sup>2, contamos com o mesmo valor de pais e de mães, 30 de cada género. Em relação às suas idades, na turma 8<sup>o</sup>1, a média era de 44,2 anos. No entanto, no caso das mães corresponde a um valor de 39,8 anos e no dos pais de 44,6, o que corresponde a algum desequilíbrio que é possível de constatar através da pirâmide etária elaborada (gráfico 1).

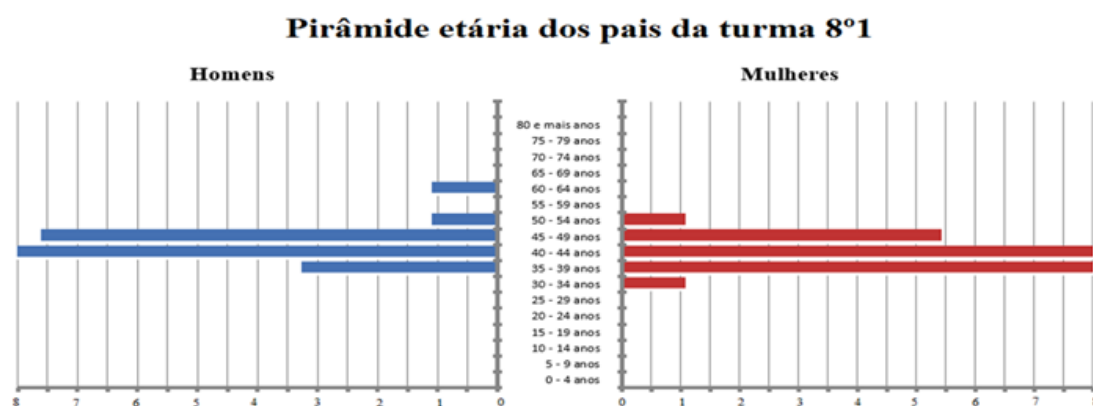


Gráfico 1- Pirâmide etária dos pais dos alunos da turma 8<sup>o</sup>1

Os alunos desta turma, nasceram todos no ano de 2003. Segundo *Pordata*, para esse mesmo ano, a idade média da mãe ao nascer o primeiro filho era de 27,4 anos, donde poderemos concluir que as mães dos alunos do 8º1 tinham uma idade média ligeiramente inferior ao valor nacional, no momento do parto<sup>37</sup>.

Através da análise da pirâmide etária verificamos que existem extremos, tanto para idades mais elevadas como para idades mais jovens. No caso das mães, temos dois valores extremos: um exemplo na classe etária dos 30 aos 34 anos e outro numa idade mais elevada, na classe etária dos 50 aos 54 anos. O maior número de mães encontra-se nas classes etárias entre os 35 e os 39 anos e na classe entre 40 e os 44 anos. Quanto aos pais, de uma forma geral e como referimos, possuem idades superiores às das mães, com o extremo etário entre os 60 e os 64 anos, o que significa que na altura do nascimento do filho tinha uma idade próxima dos 50 anos.

No caso da turma do 8º2, não conseguimos obter a informação sobre a idade dos Pais e Encarregados de Educação, pois estes dados não se encontravam nos respetivos processos individuais.<sup>38</sup>

Com o objetivo de compreendermos a influência dos encarregados de educação no desempenho escolar dos seus educandos foi necessário analisar a dinâmica familiar em ambas as turmas, algo determinante para a elaboração deste trabalho.

Na turma 8º1, verificamos que dos 24 alunos, 21 são representados pelas respetivas mães, como encarregadas de educação, e os restantes 3, são representados pelos pais. As mães correspondem assim a 87%, dos encarregados de educação. Posteriormente, iremos analisar porque é que são as mães que se envolvem mais com a escola e com a escolaridade dos seus educandos e se, porventura, esta envolvência se relaciona com a sua própria escolaridade.

Em relação à turma 8º2, foi também necessário averiguar o grau de parentesco ou relacional do aluno com o seu encarregado de educação, surgindo um novo grau de

---

<sup>37</sup> <https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela>

<sup>38</sup> Embora tenhamos tentado várias vezes encontrar estas informações noutros locais, como o “arquivo morto” da ESP, esta informação nunca apareceu e também nunca nos foi possível fazer este levantamento empírico através dos alunos.

parentesco que não existia na turma anterior: a tia. Embora este facto só aconteça com um aluno tentaremos saber a razão pela qual ocorre esta situação. Esta turma do 8º2, possui 30 alunos e destes, 24 são representados pela sua mãe como encarregada de educação, 5 são representados pelo pai e apenas 1 é representado pela tia.

De facto, ao analisarmos estas duas turmas, conseguimos perceber a tendência existente, que vai ao encontro do que ocorre no conjunto da Escola: a esmagadora maioria dos alunos são representados pela sua mãe, facto que confirmamos, tanto nas restantes turmas em que lecionamos, como também em reuniões com o Diretor da Escola.

#### **4.2. Os níveis de escolaridade e a diversidade de profissões**

Ao inquirirmos sobre a escolaridade dos pais e encarregados de educação, constatámos que as realidades nas turmas são antagónicas. Na turma do 8º1, essa escolaridade centrava-se no ensino superior, incluindo bacharéis e licenciados. Contudo, existe um maior número de mães com grau académico superior comparativamente ao dos pais. Daí que estas possuam um maior interesse na vida escolar dos seus educandos e, consequentemente, se envolvam mais, de forma direta, indo à escola, ou de forma indireta, como encarregadas de educação. É necessário também sublinhar que não existe nenhum progenitor ou encarregado de educação sem pelo menos o primeiro ciclo de escolaridade completo, fruto da obrigatoriedade escolar em Portugal. Para uma melhor análise da escolaridade dos pais e encarregados de educação, foi elaborado um gráfico sobre a turma 8º1.

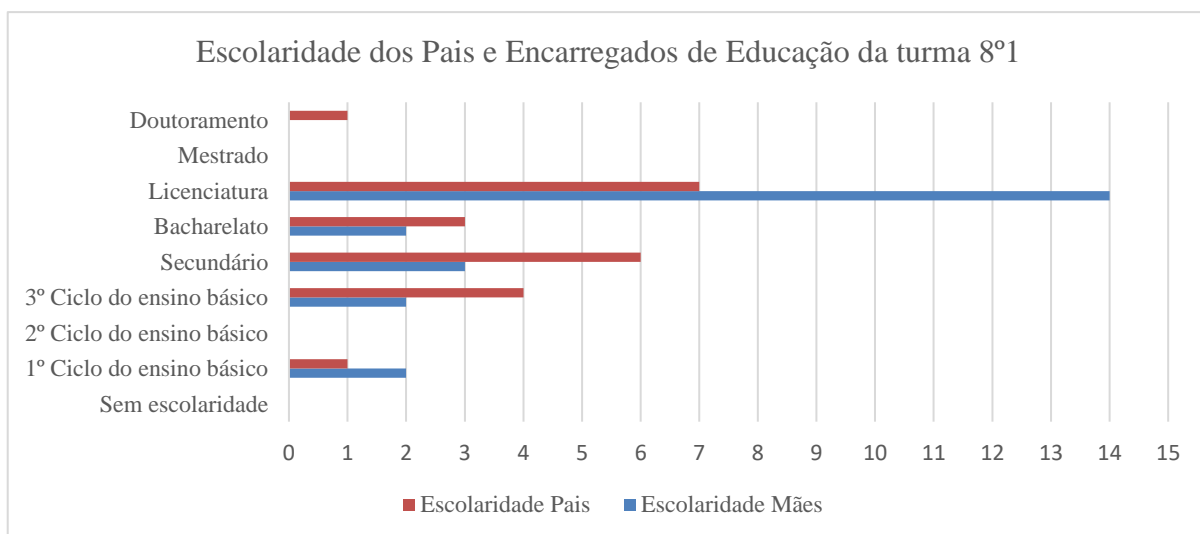


Gráfico 2 - Escolaridade dos Pais e Encarregados de Educação da turma 8º1

No Gráfico 2, conseguimos observar o que já havia sido indicado antes: as mães têm uma escolaridade superior à dos pais. Das 23 mães, 16 concluíram um ciclo no ensino superior, um número bastante elevado. E destas 16 mães, 14 possuíam uma licenciatura. Relativamente aos níveis académicos mais baixos, existem duas mães que têm, apenas, o 1º ciclo do ensino básico.

Relativamente aos pais, um deles possui um doutoramento, grau académico mais elevado. No geral, o número pais com o ensino superior concluído é assinalável. O nível mais baixo de escolaridade reflete-se, à semelhança das mães, no 1º ciclo do ensino básico, existindo apenas um pai nesta situação. Estes dados refletem a importância que estes progenitores depositam no conhecimento académico e mais concretamente, na escolaridade dos filhos. Tornou-se assim importante procurar saber a profissão destes pais, de modo a compreendermos a influência que exercem na vida escolar dos seus educandos. A partir da informação obtida na ESP construímos duas tabelas, uma referente às profissões das mães e outra referente às profissões dos pais. Começando pelas profissões das mães, podemos ver na Tabela 1, que estas repartem-se por diferentes áreas, existindo um amplo leque de atividades profissionais.



|                         |   |
|-------------------------|---|
| Armazenista             | 1 |
| Arquivista              | 1 |
| Auxiliar de ação médica | 2 |
| Comercial               | 1 |
| Contabilidade           | 1 |
| Doméstica               | 1 |
| Economista              | 1 |
| Enfermeira              | 2 |
| Engenheira              | 1 |
| Gerente                 | 1 |
| Professora              | 7 |
| Psicóloga               | 1 |
| Rececionista            | 1 |
| Secretária              | 1 |
| Técnica Administrativa  | 1 |

Tabela 1 – Profissões das mães da turma 8º1

São 15 profissões distintas, entre arquivistas, enfermeiras ou psicólogas. Todavia, existe uma profissão que acolhe mais mães: professora. Esta informação é fulcral, pois para estas progenitoras a forma como encaram a Escola encontra-se diretamente relacionada com as suas experiências profissionais. Consequentemente, faz com que tenham uma interação mais próxima com a vida escolar e também uma visão mais intimista, sobre o que deve ser a relação escola-pais. Esta visão acompanhada e impulsionada pela vivência profissional, poderá trazer benefícios para os seus educandos. Torna-se relevante constatar que a maioria das profissões desempenhas pelas mães, são profissões que vão ao encontro da sua escolaridade. Para as realizarem foi imprescindível possuírem as habitações académicas referidas.

Em relação às profissões dos pais, temos uma menor variedade de profissões, como é possível constatar na Tabela 2.

| Profissões Pais 8º1             |   |
|---------------------------------|---|
| Bancário                        | 1 |
| Empresário                      | 1 |
| Enfermeiro                      | 1 |
| Engenheiro                      | 2 |
| Gerente                         | 4 |
| Informático                     | 2 |
| Inspetor de veículos automóveis | 1 |
| Maquinista                      | 1 |
| Marceneiro                      | 1 |
| Professor                       | 5 |
| Reformado                       | 1 |
| Relações públicas               | 1 |

Tabela 2 – Profissões dos pais da turma 8º1

À semelhança do que havia acontecido no universo das mães a profissão que hospeda mais pais é a carreira docente. Ou seja, os alunos presentes nesta turma, já têm na sua relação familiar uma aproximação à Escola, o que faz com que o seu desempenho possa, posteriormente, manifestar-se com mais sucesso. No conjunto de profissões desempenhadas pelos pais, escassas são as que não necessitam de habilitações académicas, e não apenas básicas, o que evidência a importância que atribuíram à escolarização ao longo da sua vida.

Em suma, esta variedade de profissões é importante, pois quando os progenitores se encontram em reuniões de pais, por exemplo, devido à amplitude profissional que apresentam, tendem a defender visões diferentes relativamente à vida escolar e, estas visões permitem uma maior variedade de opiniões que se podem complementar.

Relativamente à turma 8º2, quanto à escolaridade dos progenitores, comparativamente à turma anterior, a sua diversidade é mais reduzida. Neste universo, a escolaridade mantém-se até ao secundário, tal como podemos observar no Gráfico 3. De notar que 6 encarregados de educação, 3 mães e 3 pais não indicaram quais as suas habilitações

académicas à ESP. Assim, os gráficos seguintes contarão apenas com 27 encarregados de educação.

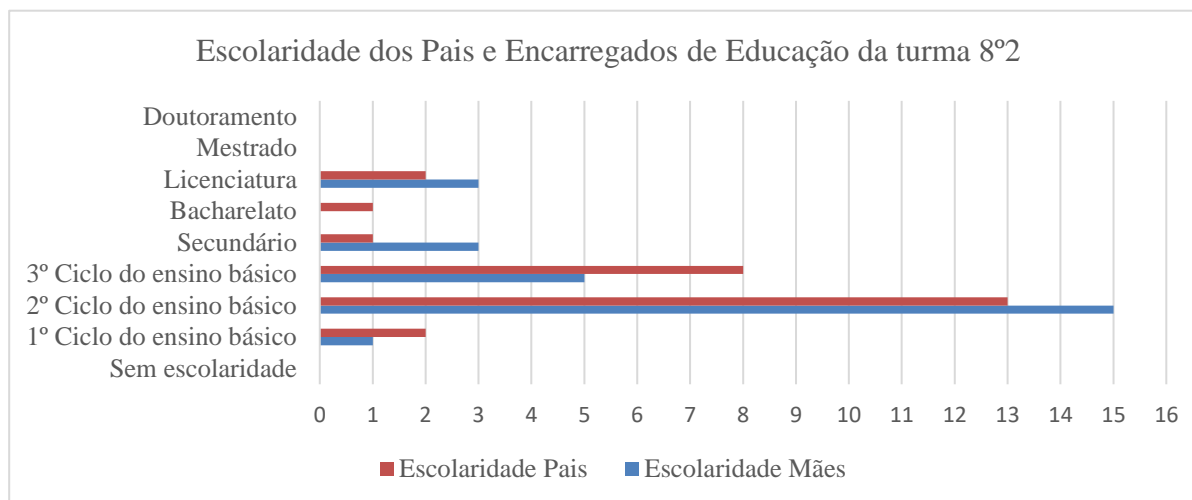


Gráfico 3 - Escolaridade dos Pais e Encarregados de Educação da turma 8º2

Uma vez mais, à semelhança da turma anterior, não há nenhum progenitor sem escolaridade. Todos têm pelo menos o 1º ciclo de escolaridade completo. Mas há diferenças substanciais. Nesta turma, poucos são os pais que enveredaram pelo ensino superior: temos apenas 3 mães licenciadas e 2 pais licenciados e, um outro com o bacharelato. No Gráfico 3, observamos que existe, de forma geral, um equilíbrio entre os géneros quanto às habilitações académicas. Do total de 30 mães, verificamos que metade, tem apenas o 2º ciclo do Ensino Básico. Este nível escolar é o que concentra mais progenitores. Uma possível justificação para esta situação, prende-se com o facto da escolaridade obrigatória, na época em que frequentaram a escola, se restringir aos 6 anos do 2º ciclo do Ensino Básico.<sup>39</sup> Assim, podemos retirar duas conclusões. A primeira é que estes pais apenas fizeram a escolaridade obrigatória ou porque o ensino não os cativava ou porque não tinham possibilidade socioeconómica para continuar. Mas, estas são apenas as hipóteses mais comuns do que pode ter acontecido. A outra conclusão que podemos retirar, é que a escolaridade de 6 anos está relacionada com o período final do Estado Novo e a transição para a Democracia, logo a idealização da escola que estes pais

<sup>39</sup> Decreto-Lei nº 45 810, de 9 de julho de 1964  
<http://193.137.22.223/fotos/editor2/1964.pdf>

têm (visto que não voltaram mais à escola desde então), prende-se com uma escola do Portugal pré 1974, uma escola muito condicionada pelo regime político da época. Uma baixa habilitação literária pode conduzir a um afastamento posterior na relação com a escola.

De forma geral, constatamos que nesta turma, os níveis escolares dos encarregados de educação são reduzidos, o que pode explicar um afastamento escolar por parte destes e a sua visão demasiado restrita e simplista da Escola, não demonstrando expectativas otimistas sobre a vida académica dos seus educandos. Davies-Kean (2005), através dos seus estudos corrobora esta premissa: os filhos de mães com poucas habilitações literárias têm expectativas mais baixas quanto à escola.

Em relação às profissões dos Pais e Encarregados de Educação, constatamos que existe uma menor variedade comparativamente à turma 8º1, embora 7 das mães não informassem a ESP sobre a sua profissão, tal como 6 dos pais, como podemos observar na Tabela 3.

| Profissões das mães na turma 8º2 |    |
|----------------------------------|----|
| Administração Pública            | 1  |
| Arquiteta                        | 1  |
| Auxiliar de Limpeza              | 1  |
| Auxiliar Farmacêutico            | 1  |
| Costureira                       | 10 |
| Desconhecida                     | 7  |
| Doméstica                        | 7  |
| Estudante                        | 1  |
| Professora                       | 1  |

Tabela 3 – Profissões das mães na turma 8º2

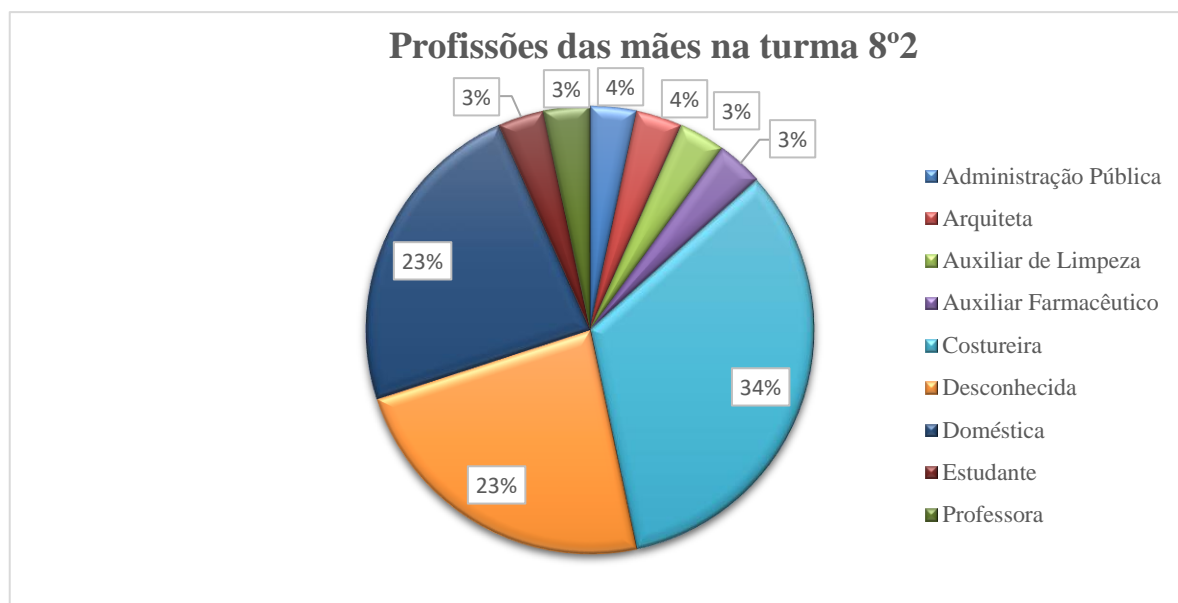


Gráfico 4 - Profissões das mães na turma 8º2

Conseguimos constatar no Gráfico 4, que 57% das profissões das mães, se circunscrevem apenas a 2 atividades laborais: costureira e doméstica. Esta situação justifica-se pela importância que a indústria têxtil possui no setor económico no município de Paredes, na qual não são necessárias habitações académicas superiores, o que vai ao encontro das suas habilitações. Contudo, em menor escala, existem outras profissões. Neste sentido, a forma como estas abordam o trabalho é bastante similar. A consequência de existir um menor leque de profissões é que as conceções e os ideais serão os mesmos ou muito semelhantes. Não existe uma experiência empírica distinta, que faça com que se abordem novas visões.

Em relação aos pais, conseguimos perceber a partir da Tabela 4, que comparativamente às profissões das mães, existe uma maior abrangência de profissões, e que estas encontram-se repartidas pelas mais diversas áreas.

| Profissões dos pais da turma 8º2 |   |
|----------------------------------|---|
| Advogado                         | 1 |
| Armazenista                      | 1 |
| Bombeiro                         | 1 |
| Carpinteiro                      | 4 |
| Condutor de Veículos Pesados     | 1 |
| Construtor Civil                 | 6 |
| Desconhecida                     | 6 |
| Engenheiro Civil                 | 1 |
| Escritor                         | 1 |
| Estafeta/Distribuidor            | 1 |
| Mecânico                         | 2 |
| Operador de caixa                | 1 |
| Pedreiro                         | 1 |
| Pintor/envernizador              | 2 |
| Porteiro                         | 1 |

Tabela 4 -Profissões dos pais da turma 8º2

Todavia as profissões com mais trabalhadores, são as que têm uma exigência de habilitações académicas mais baixas, como é o caso da construção civil e da carpintaria, que correspondem a 10 pais.

Em contrapartida, as profissões onde é, obrigatório, obter habilitações académicas superiores para o seu desempenho, apenas correspondem a 2 pais: um advogado e um engenheiro civil. No fundo, todas as profissões referenciadas vão ao encontro das habilitações académicas dos pais. As habilitações embora sejam relativamente superiores às das mães, concentram-se maioritariamente entre o 3º ciclo do ensino básico e o ensino secundário. Esta realidade, posteriormente, pode resultar numa aproximação destes pais à escola transmissiva, tal como defende Santiago (1993). Na escola transmissiva, existe, por um lado, uma sobrevalorização das aprendizagens base e da importância das regras comportamentais mais rígidas; por outro lado, existe uma desvalorização da composição do currículo escolar e dos objetivos e finalidades da escola atual. Daí que os pais se envolvam pouco com a vida escolar, considerando que o professor tem a autoridade máxima para representar todas as questões escolares, ou do âmbito escola-família.

### **4.3. A Geografia da residência dos núcleos familiares**

A localização da residência do núcleo familiar de um aluno pode justificar o ocorrido em variados momentos da sua vida. Com base na análise da evolução académica de um aluno, conseguimos verificar, através de alterações comportamentais ou das suas classificações, se este fator teve alguma influência na dinâmica familiar que conduzisse a uma alteração do seu rendimento escolar.

Dos 24 alunos em estudo, da turma 8º1, verificamos que 21 residem em famílias nucleares, sendo que os restantes 3 vivem em famílias monoparentais, dois destes por viuvez de um dos progenitores, o último por separação do casal. Neste sentido, tendo havido alterações no seio familiar, coube-nos verificar se estes alunos teriam alterado o local de residência, uma causa que pode conduzir, por seu turno, a uma diminuição do rendimento escolar. Contudo, apuramos que todos os alunos desta turma, residem no mesmo espaço desde a sua inserção no 2º ciclo do Ensino Básico. Existe assim, uma estabilidade espacial, o que possibilitou verificarmos através das suas moradas, a área de influência da Escola. Esta área de influência evidencia desde logo a distância que os alunos têm de percorrer até chegarem ao estabelecimento de ensino e, para além disso, permite-nos avaliar se a maioria dos alunos, reside nas freguesias do concelho que são consideradas urbanas ou nas rurais.





às aulas, tornando “pesado” este movimento pendular diário. Paralelamente, conseguimos observar que a maioria dos alunos percorre, sensivelmente, entre 2 a 4 km entre a sua residência e a Escola. Ora, esta distância não se justifica pela carência de oferta escolar nas freguesias onde estes alunos residem e podem ser naturais, pois neste estudo, fizemos um levantamento de todas as escolas do ensino básico e constatámos que as referidas freguesias possuem também escolas básicas, como podemos observar na Figura 3.

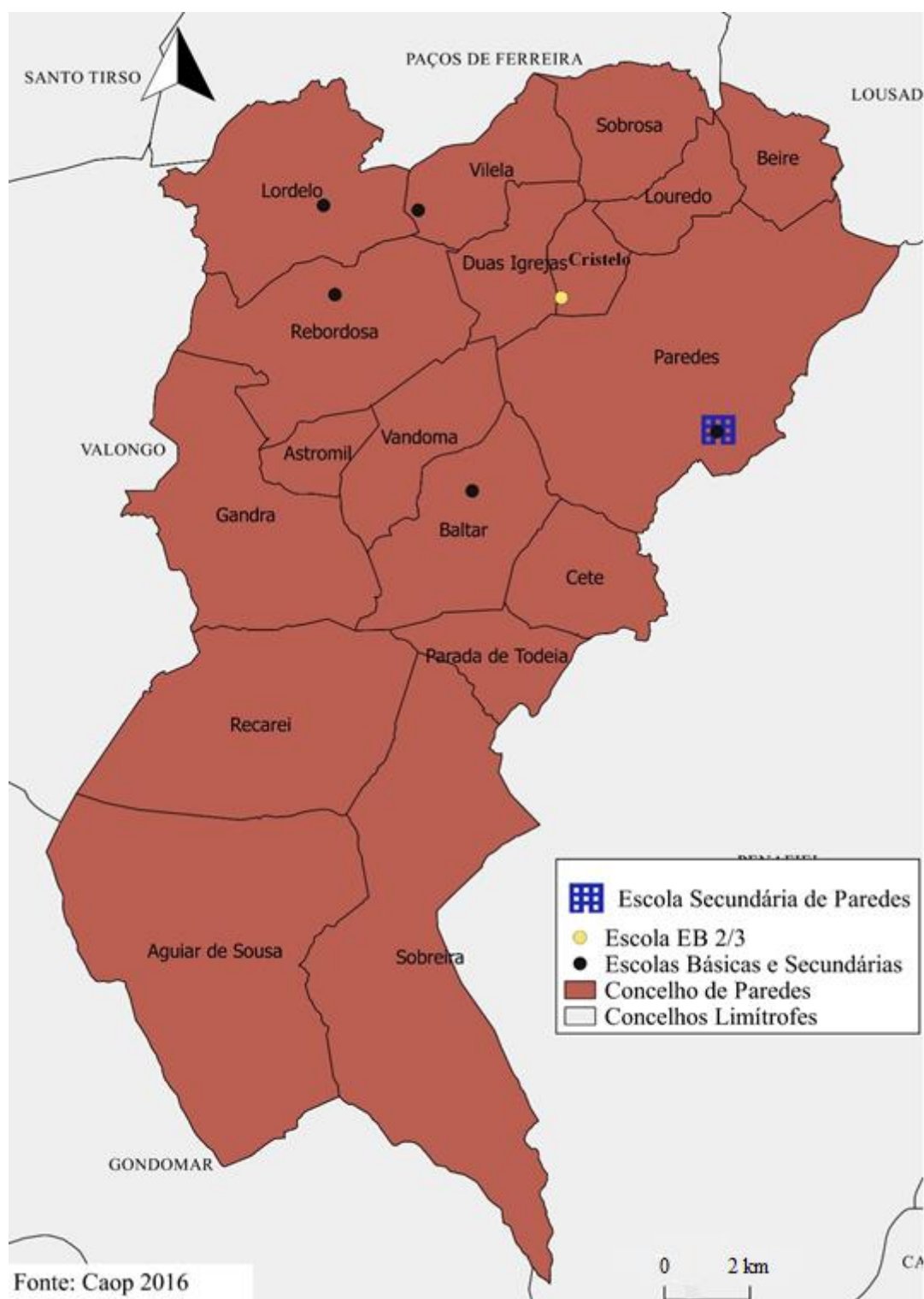


Figura 3 – Escolas Básicas no concelho de Paredes.

São 5 as escolas que albergam o 3º ciclo do ensino básico nas freguesias do concelho de Paredes: Baltar, Lordelo, Rebordosa, Vilela e Paredes. Confirma-se assim, que dois dos alunos da ESP possuem escolas na sua freguesia. Porque realizam a viagem diária até Paredes? A justificação para a área de influência chegar aos 8 km, prende-se com o facto da turma em análise estar inscrita no ensino articulado de Música e a ESP ser a única escola do concelho que tem acordo com a Academia de Música de Paredes, onde estes alunos também estudam. As restantes escolas do concelho possuem, para além do ensino regular, apenas, ensinos profissionais e vocacionados.<sup>41</sup> Os alunos das freguesias mais afastadas do centro do concelho deslocam-se diariamente, já que a Escola lhes proporciona a possibilidade de não abdicarem do seu gosto musical, permitindo assim, conjugar as disciplinas do ensino regular com as disciplinas do ensino articulado de Música.

Uma outra conclusão importante a ter em conta, é o facto de na parte sul do concelho de Paredes não existirem escolas básicas e secundárias. Ora, comparativamente em área, conseguimos ver que as quatro freguesias meridionais (Parada de Todeia, Recarei, Aguiar do Sousa e Sobreira) possuem aproximadamente a mesma área que as restantes do norte do concelho. Quanto à população residente, segundo o Censo de 2011, verificamos que apenas 1/7 da população do concelho de Paredes reside naquelas quatro freguesias. De facto, o volume de população aí residente, comparativamente com o total do concelho é reduzido. Todavia, é importante ter em conta que existem potenciais alunos nestas freguesias e que não são servidos pela rede escolar.

Atendendo que o Ministério da Educação obriga os alunos a frequentar a Escola da sua área/concelho de residência, será que para estes alunos, que residem nas freguesias do sul do concelho, a escola da sua área de residência é a mais próxima? Ou será que estes alunos se vêm coagidos a frequentar uma escola fora da sua área de residência, suportando todos os custos que esta decisão implica, pela proximidade física à mesma? Estas questões devem ser tomadas em consideração, pois numa área como a destas quatro freguesias desprovidas de infraestruturas escolares, os alunos são os mais prejudicados com as decisões uniformizadoras.

---

<sup>41</sup>Informação disponível em: <http://www.cm-paredes.pt/pages/563>

Quanto à segunda turma em análise, a turma do 8º2, dos 30 alunos presentes, observamos que 28 vivem em famílias nucleares e os restantes dois em famílias monoparentais. Embora haja um aluno que coabite numa família nuclear, o pai, emigrante, reside noutro país, por motivos profissionais. Portanto, neste caso, embora seja uma família nuclear, tem claras características de monoparentalidade.

Em ambas as turmas, nas famílias monoparentais por separação dos conjugues é importante salientar que os alunos ficam sempre a residir com a mãe, seguindo a tendência nacional.<sup>42</sup> Uma outra informação prende-se com o número de alunos que vive em famílias monoparentais que no nosso caso é pouco representativo, facto que contraria em muito a tendência nacional. Atualmente a “normalidade” já não é viver em famílias nucleares, mas sim em famílias monoparentais, como podemos constatar no aumento exponencial, ao longo dos últimos anos, deste tipo de estrutura familiar.<sup>43</sup> Na nossa amostra estas famílias existem de igual forma, tanto no espaço rural como no espaço urbano.

Ao observarmos as moradas destes alunos e ao compararmos com os da turma 8º1, verificámos que existe um alargamento da área de influência da escola, facto que podemos observar na Figura 4.

---

<sup>42</sup> Pordata: Famílias clássicas monoparentais do sexo feminino (%)

[https://www.pordata.pt/Site/MicroPage.aspx?DatabaseName=Portugal&MicroName=Fam%C3%ADlias+cl%C3%A1ssicas+monoparentais+do+sexo+feminino+\(percentagem\)&MicroURL=532&https://www.pordata.pt/Portugal/Agregados+dom%C3%A9sticos+privados+monoparentais+total+e+por+sexo+-20](https://www.pordata.pt/Site/MicroPage.aspx?DatabaseName=Portugal&MicroName=Fam%C3%ADlias+cl%C3%A1ssicas+monoparentais+do+sexo+feminino+(percentagem)&MicroURL=532&https://www.pordata.pt/Portugal/Agregados+dom%C3%A9sticos+privados+monoparentais+total+e+por+sexo+-20)

<sup>43</sup> Pordata: Agregados domésticos privados monoparentais: total e por sexo

<https://www.pordata.pt/Portugal/Agregados+dom%C3%A9sticos+privados+monoparentais+total+e+por+sexo+-20>

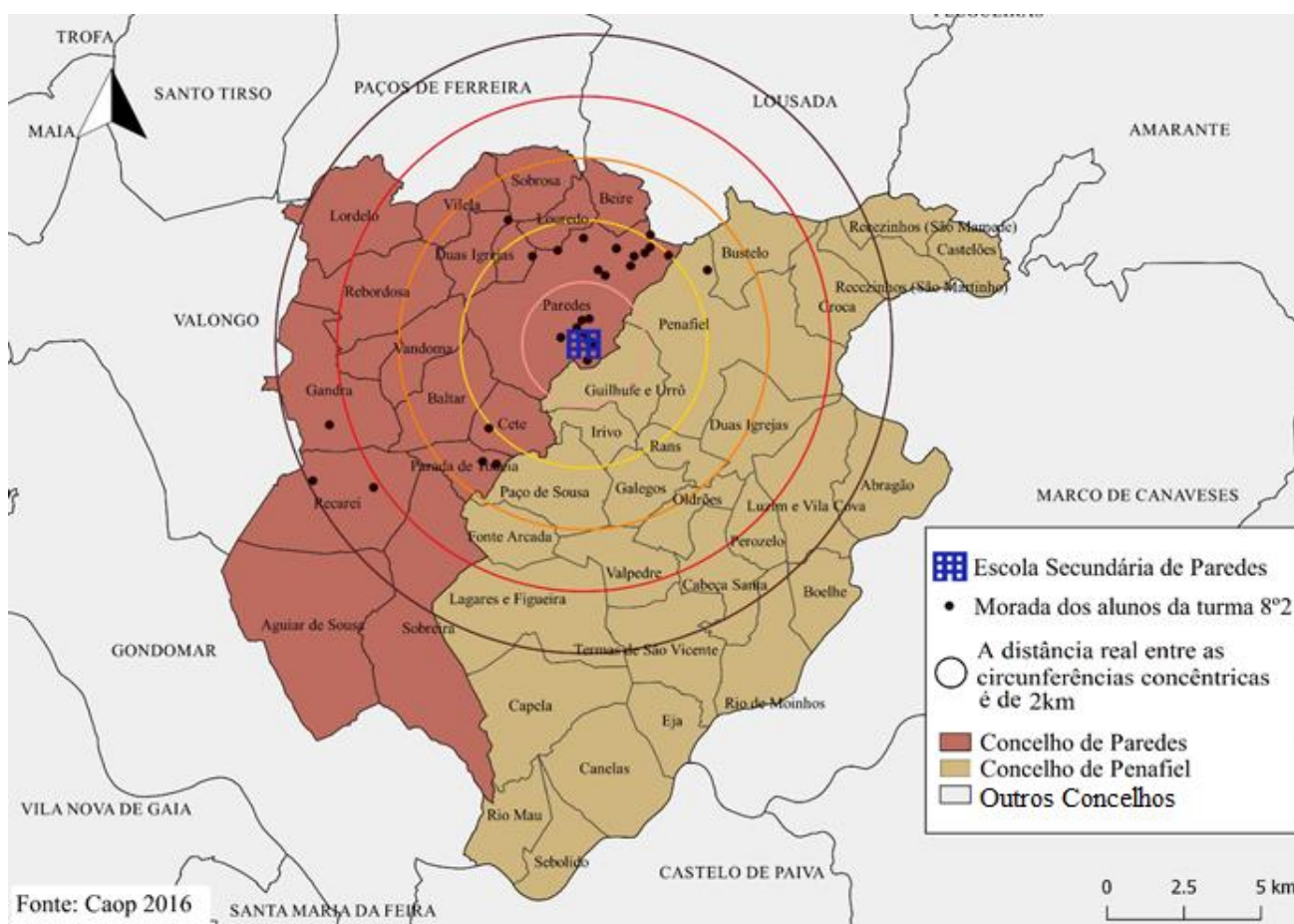


Figura 4 - Área de influência da Escola nos alunos da turma 8º2

Nesta turma a relação da distância de casa à escola é completamente distinta da anterior. Começando pela fronteira concelhia, conseguimos ver que apenas um aluno cruza diariamente. Neste caso e seguindo a tendência da turma anterior, este aluno, que reside na freguesia de Penafiel, também possui uma escola na sua freguesia de residência. Assim, tornou-se importante verificar a causa da sua deslocação para uma escola que está mais longe da sua residência.

Começamos por verificar se esta decisão poderia estar relacionada com o *ranking* das escolas.<sup>44</sup> Em 2016, a Escola Secundária de Penafiel (estabelecimento mais próximo da residência deste aluno) detinha a posição número 297, enquanto a escola que este

<sup>44</sup> É possível consultar os rankings das escolas referentes ao ano de 2016: <https://www.publico.pt/ranking-das-escolas-2016/listas>

frequenta (ESP) detinha a posição número 414. A razão foi encontrada quando analisamos o *Processo Individual do Aluno* e verificamos que este é o discente que mudou de escola três vezes desde que atingiu o 3º ciclo. Apuramos também que a Escola Secundária de Penafiel (estabelecimento frequentado pelo aluno em anos transatos) lhe havia aconselhado a frequência de um curso profissional, devido às repetidas reprovações, algo que os pais recusaram firmemente. A conclusão que podemos retirar é que, neste caso, a transferência de escola é afinal uma fuga, quase imposta, a uma escolaridade profissional e não regular.

Uma outra constatação facilmente observável a partir da Figura 4 é a forte concentração de alunos na freguesia de Paredes. Mais de metade dos alunos da turma residem nesta freguesia, que é a sede de concelho. Todavia, esta área, atualmente urbana, ainda tem traços de um passado recente de forte ruralidade. Antes de 2013, ano em que ocorreu a Reorganização Administrativa do Território das Freguesias, a atual freguesia de Paredes, estava dividida em várias freguesias. Todas elas, com a exceção da sede de concelho, tinham características predominantemente rurais, particularmente, a inexistência de uma rede completa de infraestruturas e equipamentos coletivos fundamentais para as populações.

Assim, como grande parte dos alunos reside, atualmente, na mesma freguesia, tornou-se importante cartografar uma “triangulação” das residências dos alunos. Como podemos observar na Figura 5, não é clara a rede que esses lugares compõem, no conjunto do município em relação aos municípios vizinhos<sup>45</sup>.

---

<sup>45</sup> Para a turma do 8º1 não foi elaborado o mapa correspondente, já que a repartição dos locais de residência dos alunos revelou-se muito dispersa, não configurando uma clara triangulação.





O último nível de inter-relações, traduz-se na triangulação menos densa e mais distante da sede do município, abrangendo as freguesias de Gandra e Recarei, que se encontram na parte oeste do concelho. Uma das razões justificativas para esta distribuição relaciona-se com a menor densidade populacional nestas freguesias.

Uma outra informação que a Figura 5 nos confirma, é que nesta turma a distância que os alunos percorrem é maior. A área de influência da Escola, aumenta até aos 10 km (em linha reta), existindo mesmo um aluno que percorre esta distância diariamente. No geral, a turma possui duas características particulares. A primeira é que a grande maioria dos alunos reside na sede de concelho, freguesia onde se situa a Escola. A segunda, é a extensão da área ocupada pelas residências dos discentes, que se estende até aos 10 km, ultrapassando a fronteira concelhia.

Perante estes dados, foi importante verificar a forma de transporte dos alunos entre a sua casa e a escola. No início do ano letivo a maioria dos alunos indicou que se deslocava através de transporte público, o autocarro, enquanto os restantes alunos iam em automóvel transportados pelos Pais e Encarregados de Educação.

#### **4.4. A envolvência escolar e a ausência injustificada**

Na turma 8º1, a forma como os Pais e Encarregados de Educação decidiram relacionar-se com a escola, mais especificamente com o Diretor de Turma, estabelecia-se essencialmente através de contactos por via eletrónica, ou seja, por email. Estes contactos eram bastante regulares. Por norma, ocorriam semanalmente, todavia não anulavam os contactos presenciais. Todos os Pais e Encarregados de Educação foram à ESP e reuniram-se com o Diretor de Turma pelo menos uma vez ao longo do ano letivo.

Em diálogo com o Diretor de Turma, compreendemos as motivações que levavam os pais a reunirem-se com este, de forma voluntária. A razão principal eram as classificações mais baixas que o esperado. Os pais pretendiam uma explicação sobre uma determinada classificação, independentemente da disciplina. Quando era o Diretor de Turma quem convocava os pais a virem à escola, o tema recorrente do encontro, era o comportamento dos alunos que estava aquém do exigido dentro das salas de aula. Desta forma, o Diretor



de Turma acautelava os pais de forma a antecipar ou mesmo prevenir alguma situação que acontecesse ou ainda uma qualquer medida disciplinar.

No entanto, em reunião com o Diretor de Turma do 8º1, foi-nos mencionado que os pais eram bastante participativos na vida escolar dos seus educandos, disponibilizando-se, de forma geral, para se deslocarem à ESP. No fundo, todos eles dedicavam-se e interessavam-se pela escolaridade dos seus educandos e envolviam-se facilmente com a Escola e com os docentes.

Paralelamente, em atas de reuniões que podemos consultar, verificamos por várias vezes que a envolvência dos pais com a escola também se fazia sentir através de propostas com o objetivo de melhorar a vivência escolar dos filhos, incluindo, propostas disciplinares. Sendo que desta forma, já existia uma tentativa, deliberada, por parte dos Pais e Encarregados de Educação de tentar adaptar a escola à sua visão e aos seus interesses, no quadro dos pressupostos da escola construtiva (Santiago 1993), na qual existe uma partilha de informação da família com as comunidades envolventes. Estes pais são representados como agentes educativos ativos, que para além da importância que dão ao currículo escolar, têm uma preocupação mais abrangente, em particular, na formação e no desenvolvimento do comportamento, tal como na interação afetiva e social dos seus educandos.

Quanto à turma 8º2, a realidade foi completamente distinta. Ao longo do ano, também nos fomos reunindo com a Diretora de Turma, a fim de nos mantermos atualizados sobre a envolvência parental na escola e de compreendermos a sua evolução, de forma a compararmos os dois universos.

Antes de mais, constatamos que os contactos com a Diretora de Turma se realizavam pessoalmente e em reuniões semanais, no horário de atendimento. Atendendo ao conjunto de 30 alunos, era expectável que existissem momentos de concentrações parentais em reuniões, mas tal facto nunca aconteceu.

Em conjunto, estes Pais e Encarregados de Educação nunca reuniram na ESP, pelo menos uma vez durante o ano letivo. Várias foram as convocações enviadas pela Diretora de Turma, nomeadamente, em momentos de entrega de registo de avaliações no final de cada período escolar, épocas de importância agravada, tanto para os alunos como para os Pais

e Encarregados de Educação. Dois destes nunca compareceram na Escola nem tiveram qualquer contacto com a Diretora de Turma. Curiosamente são os encarregados de educação de dois dos alunos com mais negativas no primeiro e no segundo períodos. Todavia, sempre foram desenvolvidos esforços para organizar as reuniões com os pais mais ausentes, no entanto sem qualquer resultado positivo.

Como nunca foram à Escola, não conseguimos saber as razões que os levariam a não comparecer nas reuniões marcadas, pela Diretora de Turma, para que em conjunto com a mesma verificassem quais os melhores métodos para alterar o panorama de classificações de notas dos seus educandos. Assim, coube à Diretora de Turma, juntamente com os restantes docentes, desenvolver uma estratégia de estudo com o objetivo de inverter o sentido do que estava a acontecer. Será que o desinteresse escolar dos Pais e Encarregados de Educação é transmissível aos seus educandos? Ou será apenas uma coincidência?

Existiram também outras situações que nos fizeram crer no desenrolar de um desinteresse parental. Ao longo do ano letivo, aconteceram várias situações, como os atrasos constantes dos alunos às primeiras aulas da manhã, facto que levou a que a Diretora de Turma se visse na obrigação de notificar o encarregado de educação, já que a situação se repetia diariamente, e que poderiam existir consequências mais graves do que as faltas às aulas. No entanto, após a notificação, não ocorreu qualquer alteração do comportamento do aluno e este mau hábito continuou a existir. No fim de um período, o aluno em questão, teve falta de presença a várias disciplinas em que as aulas se realizavam da parte da manhã, consequência do excesso de atrasos repetidos. O encarregado de educação, desresponsabilizou-se desta atitude e foi mais longe, culpabilizando a ESP por marcar excessivas faltas de presença ao seu educando.

Esta atitude associada ao desinteresse escolar do aluno, condiciona e mina a relação Escola-Família (Picanço, 2012), que deveria ser pacífica e de extrema importância para todos os agentes educativos envolvidos, que desempenham um papel importante enquanto co-educadores, segundo Davies (1989). O objetivo é facilitar o processo ensino-aprendizagem do aluno e isso torna-se mais fácil quando este é motivado a gostar da escola. Quando este tipo de situações acontece é sempre o aluno que sai mais prejudicado.

Outros tantos factos aconteceram, como atrasos mais esporádicos, por parte de outros alunos, e também situações em que o aproveitamento escolar foi mais baixo do que o esperado, em consequência do desinteresse escolar e não de falta de capacidades cognitivas.

De um modo geral, os Pais e Encarregados de Educação da turma 8º2 compareceram na ESP apenas porque foi feito um esforço por parte da Diretora de Turma, consciencializando-os que a sua presença e a troca de informações era essencial tanto para a Escola como para a Família. Só nesses momentos é que os Pais e Encarregados de Educação conseguem ficar a par de questões relacionadas com os seus educandos, como as avaliações, o comportamento, os atrasos e de faltas de presença. Informações fulcrais e que podem condicionar o seu futuro escolar.

Ainda em relação a esta turma do 8º2 verificamos que não houve nenhum progenitor ou Encarregado de Educação que visitasse a escola de forma regular. No máximo, a sua comparência ocorria de forma voluntária apenas uma vez por período letivo e uma vez nas reuniões coletivas de entrega de registos de avaliação, no final de cada período. Todavia cabe-nos realçar, uma vez mais, que estas presenças só aconteciam devido à insistência constante por parte da Diretora de Turma, incansável em contactar os pais para que estes comparecessem na Escola em busca de informações. Sempre que com ela nos reunimos e pela consulta das atas das reuniões de Pais e Encarregados de Educação, uma informação constava sempre: a obrigatoriedade das reuniões coletivas de pais. Nas reuniões de entrega de registos de avaliação por período, era evidente que os Pais e Encarregados de Educação demonstravam pouco à vontade ao longo da reunião, não manifestando qualquer dúvida ou interesse pelo que a Diretora de Turma estaria a referir, não retirando assim, qualquer proveito da sua presença. Era notório que estavam na reunião porque se sentiam obrigados e coagidos pelos seus educandos e pela Escola.



## Capítulo 5 – O aproveitamento escolar dos alunos

Após termos caracterizado a realidade social e económica das duas turmas e como estas estabeleciam as relações Escola-Família e Família-Alunos, cabe-nos agora verificar o último lado do triângulo, o tema: Escola-Alunos. Para o analisarmos temos de descrever, na prática, como foi o ano letivo dos dois conjuntos de alunos. Neste sentido, temos de caracterizar de forma abrangente todas as áreas, sendo o estudo do aproveitamento escolar dos alunos, repartido pelos seguintes tópicos: aproveitamento escolar através das classificações, comportamento, classificações finais e transições e não transições de ano letivo.

### 5.1. A avaliação dos alunos nos dois primeiros períodos

Uma das turmas, como referimos, não incluía nenhum aluno que tivesse reprovado (8º1), enquanto que na outra (8º2), três alunos já haviam reprovado de ano letivo. Dois destes, pelo menos duas vezes ao longo do seu percurso escolar. Com estas informações, pensamos de imediato que uma das turmas possuía uma vantagem comparativamente à outra. De facto, ao lecionarmos numa e noutra turma, constatamos, desde logo, diferenças quanto à capacidade oral, aos conceitos já apreendidos e à cultura geral. Entre os mais variados temas que fazem parte do currículo de Geografia do 8ºano,<sup>46</sup> existiram temas que confirmamos estarem mais vocacionados para uma turma do que para outra e vice-versa. No entanto, não podemos ser redutores e indicar que em todos os momentos, uma turma foi “superior” à outra. Em paralelo, embora a turma seja vista como grupo, em ambas encontramos alunos que se destacaram, algo que se traduziu nos resultados das suas classificações e no seu comportamento.

O que se tornou importante para nós, ao longo desta investigação, foi nunca privilegiar uma área de conhecimento em detrimento de outra pois, se para uns alunos o conhecimento empírico se fazia à escala local, para outros, o conhecimento destacava-se

---

<sup>46</sup> Metas Curriculares 3.º Ciclo do Ensino Básico, 8º ano – Geografia  
[http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/metas\\_curriculares\\_geog\\_eb.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/metas_curriculares_geog_eb.pdf)

à escala global. Ambas as escalas são fundamentais para a compreensão das temáticas geográficas abordadas.

Começando pelas aulas no 1º período. O tema lecionado foi a *evolução da população mundial*. Para este assunto decidimos utilizar a mesma metodologia nas duas turmas, apresentando os mesmos exemplos. Compreendemos, desde logo, que a reação dos alunos foi bastante distinta. Na turma do 8º1, alguns dos alunos tinham um conhecimento empírico sobre a população mundial e sobre os países mais jovens e mais envelhecidos do globo. Segundo eles, este conhecimento era proveniente de programas televisivos como o *National Geographic*. Enquanto, os alunos da turma 8º2 necessitaram de exemplos bastante concretos para compreenderem a demografia e os diferentes modelos de pirâmides etárias. No decorrer da temática lecionada, as razões explicativas apresentadas pelos alunos das duas turmas, para o fenómeno em análise foram bastante distintas. A turma do 8º1, preocupou-se mais com as consequências económicas, enquanto na turma do 8º2, o foco principal foram as problemáticas de ordem social.

Contudo, é importante não generalizar e embora a maioria dos alunos (8º1) tivesse um conhecimento demográfico à escala mundial, havia outros que não o tinham. O mesmo aconteceu com a turma do 8º2, na qual alguns alunos tinham noções das características da composição etária de alguns países.

Assim sendo, para compreender de forma mais pormenorizada o aproveitamento escolar dos alunos, elaboramos tabelas com as classificações de ambas as turmas nos 3 períodos do ano letivo 2016/2017.

| Alunos | Português | Inglês | Francês | História | Geografia | Matemática | Ciências Naturais | Físico-Química | Educação Física | Classes em conjunto | Formação Musical | Média |
|--------|-----------|--------|---------|----------|-----------|------------|-------------------|----------------|-----------------|---------------------|------------------|-------|
| A      | 3         | 5      | 4       | 3        | 3         | 2          | 2                 | 2              | 4               | 3                   | 3                | 3.09  |
| B      | 3         | 4      | 3       | 3        | 3         | 2          | 3                 | 4              | 3               | 5                   | 4                | 3.36  |
| C      | 3         | 3      | 4       | 4        | 4         | 3          | 3                 | 3              | 4               | 4                   | 3                | 3.45  |
| D      | 3         | 4      | 3       | 4        | 3         | 3          | 3                 | 4              | 4               | 4                   | 3                | 3.45  |
| E      | 4         | 4      | 5       | 4        | 5         | 4          | 4                 | 5              | 4               | 4                   | 4                | 4.27  |
| F      | 2         | 2      | 3       | 3        | 3         | 2          | 2                 | 4              | 4               | 3                   | 3                | 2.82  |
| G      | 3         | 3      | 3       | 4        | 5         | 3          | 2                 | 3              | 3               | 4                   | 3                | 3.27  |
| H      | 3         | 3      | 3       | 4        | 3         | 2          | 3                 | 3              | 4               | 3                   | 3                | 3.09  |
| I      | 3         | 3      | 4       | 3        | 3         | 3          | 2                 | 3              | 4               | 4                   | 2                | 3.09  |
| J      | 4         | 5      | 4       | 4        | 5         | 4          | 3                 | 4              | 4               | 3                   | 3                | 3.91  |
| K      | 4         | 4      | 3       | 4        | 4         | 4          | 3                 | 5              | 5               | 4                   | 4                | 4.00  |
| L      | 3         | 4      | 3       | 4        | 4         | 3          | 3                 | 4              | 4               | 3                   | 3                | 3.45  |
| M      | 3         | 3      | 3       | 3        | 4         | 3          | 3                 | 4              | 4               | 4                   | 3                | 3.36  |
| N      | 4         | 5      | 5       | 5        | 5         | 4          | 4                 | 5              | 4               | 4                   | 4                | 4.45  |
| O      | 3         | 3      | 3       | 3        | 3         | 3          | 2                 | 3              | 4               | 3                   | 3                | 3.00  |
| P      | 3         | 4      | 4       | 4        | 4         | 3          | 3                 | 4              | 4               | 4                   | 4                | 3.73  |
| Q      | 2         | 2      | 2       | 3        | 3         | 2          | 2                 | 2              | 4               | 3                   | 2                | 2.45  |
| R      | 3         | 2      | 3       | 3        | 3         | 2          | 2                 | 3              | 4               | 4                   | 4                | 3.00  |
| S      | 3         | 3      | 4       | 2        | 3         | 2          | 2                 | 3              | 4               | 4                   | 4                | 3.09  |
| T      | 3         | 3      | 4       | 4        | 4         | 3          | 3                 | 3              | 4               | 4                   | 3                | 3.45  |
| U      | 3         | 3      | 3       | 4        | 4         | 3          | 3                 | 4              | 4               | 4                   | 3                | 3.45  |
| V      | 4         | 3      | 4       | 4        | 4         | 4          | 3                 | 5              | 4               | 5                   | 4                | 4.00  |
| W      | 4         | 3      | 5       | 4        | 4         | 3          | 3                 | 4              | 4               | 4                   | 4                | 3.82  |
| X      | 2         | 2      | 3       | 3        | 3         | 2          | 2                 | 3              | 3               | 3                   | 3                | 2.64  |
| Y      | 3         | 2      | 3       | 3        | 4         | 4          | 3                 | 4              | 4               | 3                   | 3                | 3.27  |
|        |           |        |         |          |           |            |                   |                |                 |                     | Média geral:     | 3.40  |

Tabela 5 - Pauta da turma do 8º1 no 1º período

Através da Tabela 5 podemos verificar que no conjunto da turma, temos duas realidades antagônicas. Por um lado, existem alguns alunos com classificações elevadas, vários mesmo com a classificação mais elevada (5). Contabilizamos do total, 4 alunos, que neste primeiro período, obtiveram, pelo menos a duas disciplinas, a classificação de 5 valores. Por outro lado, existem alunos com classificações negativas, existindo mesmo um aluno que no primeiro período obteve 7 classificações negativas, no total de 11 disciplinas. Esta realidade demonstra insucesso e caso esta pauta de classificações fosse no 3º período, o aluno reprovaria. Contudo, não é caso único. Temos mais alguns alunos que evidenciam um fraco aproveitamento escolar. Nesta pauta, encontramos mais 5 alunos com três ou mais classificações negativas. Num universo de 24 alunos, 6 obtiveram mais de três negativas, o que reflete uma realidade preocupante e a urgência em alternar o rumo que estava a ser iniciado.

Assim, com vista a melhorar o aproveitamento escolar dos alunos, foram implementadas algumas medidas de promoção do sucesso escolar, nomeadamente, um plano de

acompanhamento pedagógico.<sup>47</sup> O objetivo era que os alunos tivessem um acompanhamento individualizado durante as aulas. Neste sentido, nas disciplinas em que o aluno apresentava mais dificuldades, o professor devia dar-lhe mais atenção e explicar-lhe a matéria de forma mais sucinta. Para a turma 8º1, foram realizados 3 planos de acompanhamento pedagógico, embora existissem vários alunos com classificações negativas. Porém, só estes tiveram uma medida de promoção do sucesso escolar.

Complementarmente ao plano de acompanhamento pedagógico estes alunos tinham ainda um bloco de 45 minutos semanais de apoio ao estudo. Esta medida utilizada pela ESP, tinha como objetivo oferecer um espaço para explicações individuais, afim de ultrapassar qualquer dificuldade sentida nas diversas disciplinas.

No período em análise foi atribuído um total de 31 classificações negativas, todas de 2 valores. Estes resultados alarmaram os Pais e Encarregados de Educação, pois era uma situação nova para eles: os alunos da turma do 8º1, em anos transatos estavam por norma no quadro de mérito da ESP. Como consequência, para além dos esforços encetados pela Escola, os próprios pais também iniciaram medidas individuais para que a situação se invertesse, colocando os alunos em explicações particulares. Todas estas medidas, resultaram de facto numa alteração das classificações dos alunos e podemos constatar que no 2 período a pauta já refletia um maior sucesso escolar.

---

<sup>47</sup> Secção VI – Medidas de promoção do sucesso escolar e situações especiais de avaliação; artigo 20; alínea 3

[http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Legislacao/despacho\\_normativo\\_17-a\\_2015.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Legislacao/despacho_normativo_17-a_2015.pdf)



| Alunos | Português | Inglês | Francês | História | Geografia | Matemática | Ciências Nat | Físico-Química | Educação Física | Classes em conjunto | Formação Musical | Instrumento  | Média |
|--------|-----------|--------|---------|----------|-----------|------------|--------------|----------------|-----------------|---------------------|------------------|--------------|-------|
| A      | 3         | 5      | 4       | 3        | 3         | 2          | 3            | 2              | 3               | 3                   | 3                | 3            | 3.08  |
| B      | 3         | 4      | 3       | 3        | 3         | 4          | 3            | 3              | 3               | 5                   | 5                | 5            | 3.67  |
| C      | 3         | 3      | 3       | 4        | 4         | 3          | 3            | 4              | 4               | 4                   | 4                | 3            | 3.50  |
| D      | 3         | 4      | 3       | 4        | 3         | 4          | 3            | 5              | 5               | 5                   | 3                | 5            | 3.92  |
| E      | 4         | 5      | 5       | 4        | 4         | 5          | 4            | 5              | 5               | 4                   | 5                | 4            | 4.50  |
| F      | 2         | 2      | 3       | 3        | 3         | 3          | 3            | 3              | 4               | 3                   | 2                | 3            | 2.83  |
| G      | 3         | 3      | 3       | 4        | 4         | 3          | 3            | 4              | 3               | 4                   | 3                | 4            | 3.42  |
| H      | 3         | 3      | 3       | 3        | 3         | 3          | 3            | 3              | 4               | 3                   | 2                | 2            | 2.92  |
| I      | 3         | 3      | 4       | 3        | 3         | 3          | 3            | 4              | 4               | 4                   | 3                | 3            | 3.33  |
| J      | 4         | 5      | 4       | 4        | 4         | 4          | 4            | 5              | 4               | 4                   | 3                | 4            | 4.08  |
| K      | 4         | 4      | 3       | 4        | 4         | 4          | 4            | 5              | 5               | 4                   | 3                | 2            | 3.83  |
| L      | 4         | 4      | 4       | 4        | 4         | 4          | 4            | 5              | 5               | 3                   | 3                | 3            | 3.92  |
| M      | 3         | 3      | 3       | 4        | 3         | 4          | 3            | 3              | 5               | 4                   | 3                | 4            | 3.50  |
| N      | 5         | 5      | 5       | 5        | 5         | 5          | 4            | 5              | 5               | 4                   | 5                | 4            | 4.75  |
| O      | 3         | 3      | 3       | 3        | 3         | 3          | 3            | 3              | 5               | 3                   | 2                | 2            | 3.00  |
| P      | 3         | 5      | 5       | 3        | 3         | 4          | 3            | 4              | 5               | 4                   | 4                | 4            | 3.92  |
| Q      | 2         | 2      | 3       | 2        | 3         | 3          | 3            | 3              | 4               | 3                   | 2                | 3            | 2.75  |
| R      | 3         | 3      | 3       | 3        | 3         | 3          | 3            | 3              | 5               | 4                   | 4                | 4            | 3.42  |
| S      | 3         | 3      | 4       | 3        | 3         | 4          | 3            | 3              | 4               | 4                   | 4                | 4            | 3.50  |
| T      | 3         | 4      | 4       | 4        | 3         | 4          | 3            | 4              | 4               | 4                   | 3                | 3            | 3.58  |
| U      | 3         | 4      | 3       | 4        | 4         | 4          | 3            | 4              | 5               | 4                   | 3                | 3            | 3.67  |
| V      | 4         | 4      | 4       | 4        | 3         | 4          | 4            | 4              | 5               | 5                   | 4                | 3            | 4.00  |
| W      | 4         | 3      | 5       | 4        | 4         | 4          | 4            | 5              | 4               | 4                   | 5                | 4            | 4.17  |
| X      | 2         | 2      | 3       | 3        | 3         | 2          | 3            | 3              | 4               | 3                   | 3                | 3            | 2.83  |
| Y      | 3         | 3      | 3       | 3        | 3         | 4          | 3            | 4              | 4               | 3                   | 3                | 4            | 3.33  |
|        |           |        |         |          |           |            |              |                |                 |                     |                  | Média geral: | 3.58  |

Tabela 6 – Pauta da turma do 8º1 no 2º período

Com base na Tabela 6, referente ao segundo período conseguimos observar uma melhoria em ambos os sentidos. Surgiram mais de 10 alunos com a classificação máxima (5) a, pelo menos, duas disciplinas. Relativamente às classificações negativas, verificamos que estas diminuíram drasticamente. O pior caso foi de um aluno com 4 classificações negativas, uma realidade ainda preocupante. Contudo, devemos evidenciar que as medidas tomadas tanto pela Escola como pelos Pais e Encarregados de Educação trouxeram os resultados esperados. No entanto, os planos de acompanhamento pedagógico continuaram em permanência ao longo do 2º período, de forma a que a situação não se repetisse.

Quanto à turma do 8º2, observamos uma diferença acentuada nas classificações, comparativamente à turma anterior. No primeiro período, a pauta refletia, no geral, um fraco aproveitamento escolar.

| Alunos                  | Português                  | Inglês | Francês | História                                       | Geografia | Matemática | Ciências Naturais | Físico-Química | Educação Visual | Educação Física | Educação Moral | T.I.C.       | Média |
|-------------------------|----------------------------|--------|---------|--|-----------|------------|-------------------|----------------|-----------------|-----------------|----------------|--------------|-------|
| A                       | 2                          | 2      | 2       | 3  | 4         | 2          | 4                 | 3              | 2               | 2               | 4              | j)           | 2.73  |
| B                       | 5                          | 5      | 5       | 5  | 5         | 4          | 5                 | 5              | 4               | 5               | 5              | j)           | 4.82  |
| C                       | 3                          | 2      | 3       | 3  | 2         | 2          | 3                 | 2              | 4               | 5               | 4              | j)           | 3.00  |
| D                       | 2                          | 2      | 2       | 2  | 3         | 3          | 3                 | 3              | 3               | 3               | 5              | j)           | 2.82  |
| E                       | 4                          | 2      | 4       | 4  | 4         | 3          | 3                 | 4              | 4               | 4               | 5              | j)           | 3.73  |
| F                       | 4                          | 4      | 4       | 3  | 4         | 3          | 4                 | 4              | 3               | 4               | 4              | j)           | 3.73  |
| G                       | 2                          | 2      | 3       | 3  | 3         | 2          | 3                 | 2              | 3               | 3               | 4              | j)           | 2.73  |
| H                       | 3                          | 3      | 4       | 3  | 4         | 2          | 4                 | 4              | 3               | 4               |                | j)           | 3.40  |
| I                       | 2                          | 2      | 3       | 2  | 2         | 2          | 3                 | 2              | 3               | 2               | 5              | j)           | 2.55  |
| J                       | 2                          | 2      | 4       | 3  | 4         | 3          | 4                 | 4              | 3               | 4               |                | j)           | 3.30  |
| K                       | 3                          | 3      | 2       | 2  | 3         | 2          | 3                 | 3              | 3               | 3               | 5              | j)           | 2.91  |
| L                       | 3                          | 2      | 3       | 2  | 3         | 3          | 3                 | 4              | 3               | 4               | 5              | j)           | 3.18  |
| M                       | 2                          | 2      | 3       | 4  | 3         | 3          | 4                 | 4              | 3               | 5               | 5              | j)           | 3.45  |
| N                       | 2                          | 2      | 3       | 3  | 4         | 3          | 4                 | 3              | 3               | 4               | 4              | j)           | 3.18  |
| O                       | 4                          | 5      | 5       | 5  | 5         | 5          | 5                 | 5              | 4               | 4               | 5              | j)           | 4.73  |
| P                       | 2                          | 2      | 3       | 3  | 3         | 3          | 3                 | 3              | 3               | 4               | 4              | j)           | 3.00  |
| Q                       | 3                          | 2      | 4       | 4  | 3         | 3          | 3                 | 3              | 4               | 4               | 5              | j)           | 3.45  |
| R                       | 3                          | 2      | 3       | 3  | 3         | 2          | 3                 | 4              | 3               | 4               | 5              | j)           | 3.18  |
| S                       | 3                          | 2      | 3       | 3  | 4         | 3          | 3                 | 4              | 3               | 4               | 4              | j)           | 3.27  |
| T                       | 3                          | 2      | 4       | 4  | 4         | 3          | 4                 | 4              | 3               | 5               | 4              | j)           | 3.64  |
| U                       | 3                          | 3      | 5       | 4  | 4         | 3          | 4                 | 4              | 3               | 5               | 5              | j)           | 3.91  |
| V                       | 3                          | 4      | 4       | 4  | 4         | 4          | 4                 | 4              | 3               | 5               | 5              | j)           | 4.00  |
| W                       | 4                          | 4      | 3       | 4  | 4         | 3          | 4                 | 4              | 4               | 4               | 5              | j)           | 3.91  |
| X                       | 2                          | 2      | 2       | 2  | 3         | 2          | 3                 | 3              | 3               | 3               | 4              | j)           | 2.64  |
| Y                       | 2                          | 2      | 3       | 2  | 2         | 2          | 3                 | 2              | 3               | 5               | 4              | j)           | 2.73  |
| Z                       | 2                          | 2      | 2       | 2  | 3         | 2          | 3                 | 2              | 3               | 4               |                | j)           | 2.50  |
| a                       | 3                          | 2      | 4       | 2  | 2         | 2          | 3                 | 3              | 3               | 3               | 4              | j)           | 2.82  |
| b                       | 3                          | 2      | 3       | 3  | 3         | 2          | 3                 | 3              | 3               | 4               | 4              | j)           | 3.00  |
| c                       | 4                          | 3      | 4       | 4  | 4         | 2          | 4                 | 4              | 3               | 5               | 5              | j)           | 3.82  |
| d                       | 2                          | 2      | 3       | 3  | 4         | 2          | 4                 | 3              | 3               | 2               |                | j)           | 2.80  |
| j) disciplina semestral |                            |        |         | T.I.C. Tecnologias de informação e comunicação |           |            |                   |                |                 |                 |                | Média geral: | 3.30  |
|                         | aluno não tem a disciplina |        |         |  |           |            |                   |                |                 |                 |                |              |       |

Tabela 7 – Pauta da turma do 8º2 no 1º período

Conseguimos observar neste período letivo um elevado número de resultados negativos. Existe aqui uma faceta duplamente preocupante: para além de existirem mais alunos com classificações negativas, há mais alunos com três ou mais classificações negativas. Estes resultados podem trazer implicações para o seu percurso escolar, como a desmotivação e o desinteresse escolar que, em conjunto, podem determinar a transição ou a reprovação de ano. Contabilizamos que neste 1º período, no total, a turma reuniu 73 negativas, todas de 2 valores. Assim, para o 1º período, observamos um panorama mais complexo do que o da turma anterior. Não só estes alunos têm um menor aproveitamento escolar, como também o interesse escolar parental é menor.

Reagindo a estes factos, a Diretora de Turma, em conjunto com os restantes docentes do Conselho de Turma decidiram pôr em prática medidas de promoção ao sucesso escolar. Estas medidas traduziram-se em 9 planos de acompanhamento pedagógico, para os alunos com maior número de classificações negativas. À semelhança da turma anterior, estes planos consistiam num estudo acompanhado com um professor da turma e um acompanhamento individualizado durante as aulas. O apoio ao estudo ocorria semanalmente, num bloco extra de 45 minutos; o acompanhamento individualizado mais próximo dos alunos alargou-se a mais disciplinas, nomeadamente à Geografia. Realidade contrária à da turma anterior que não tinha nenhum aluno destacado para este tipo de apoio individual durante a aula.

As medidas de promoção ao sucesso escolar foram encetadas no início do 2º período. Contudo, um dos encarregados de educação não obteve esta informação, pois nunca compareceu em qualquer reunião com a Diretora de Turma, embora esta tenha por inúmeras vezes tentado por telefone ou correio eletrónico.

O despacho normativo do Ministério da Educação e da Ciência revela a importância destas medidas de promoção ao sucesso escolar e evidencia que, para que elas se façam sentir, é necessário que haja contacto entre os docentes da respetiva turma, os técnicos de educação e os encarregados de educação. Neste caso e para um dos alunos, estas relações ficaram apenas marcadas em dois vértices, os que competiam ao âmbito escolar.

Contudo, não podemos deixar passar uma situação que representa uma exceção à regra. Um aluno que no primeiro período obteve oito classificações de 5 valores e duas de 4 valores, o que resultou numa média de 4,8 valores. Esta exceção vem corroborar a ideia de que embora estejamos a trabalhar a turma como um grupo, os alunos não são iguais, e não podemos generalizar e colocar-lhes rótulos identificativos pela turma onde estão inseridos.

Relativamente às classificações do 2º período, observamos uma melhoria significativa. No entanto, o panorama de classificações negativas ainda se fez sentir, embora com menos impacto.

| Alunos                  | Português | Inglês | Francês | História                                       | Geografia | Matemática | Ciências Naturais | Físico-Química | Educação Visual | Educação Física | Educação moral | T.I.C. | Média |
|-------------------------|-----------|--------|---------|--|-----------|------------|-------------------|----------------|-----------------|-----------------|----------------|--------|-------|
| A                       | 3         | 2      | 2       | 4  | 3         | 2          | 4                 | 4              | 3               | 3               | 4 j)           |        | 3.09  |
| B                       | 5         | 5      | 5       | 5  | 5         | 5          | 5                 | 5              | 5               | 5               | 5 j)           |        | 5.00  |
| C                       | 3         | 2      | 2       | 3  | 3         | 2          | 3                 | 2              | 4               | 5               | 5 j)           |        | 3.09  |
| D                       | 2         | 2      | 3       | 2  | 3         | 3          | 3                 | 3              | 3               | 3               | 5 j)           |        | 2.91  |
| E                       | 4         | 3      | 4       | 4  | 4         | 4          | 4                 | 3              | 4               | 4               | 5 j)           |        | 3.91  |
| F                       | 4         | 4      | 4       | 3  | 4         | 4          | 4                 | 4              | 3               | 4               | 5 j)           |        | 3.91  |
| G                       | 2         | 2      | 3       | 2  | 3         | 2          | 3                 | 2              | 3               | 3               | 4 j)           |        | 2.64  |
| H                       | 3         | 4      | 4       | 3  | 3         | 2          | 4                 | 3              | 3               | 4               | 4 j)           |        | 3.36  |
| I                       | 2         | 2      | 3       | 3  | 2         | 2          | 3                 | 2              | 3               | 3               | j)             |        | 2.50  |
| J                       | 3         | 3      | 4       | 4  | 3         | 3          | 4                 | 4              | 3               | 4               | 5 j)           |        | 3.64  |
| K                       | 3         | 3      | 2       | 3  | 3         | 3          | 3                 | 3              | 3               | 3               | j)             |        | 2.90  |
| L                       | 3         | 3      | 3       | 2  | 3         | 3          | 3                 | 3              | 4               | 4               | 5 j)           |        | 3.27  |
| M                       | 2         | 2      | 3       | 3  | 3         | 3          | 4                 | 3              | 3               | 5               | 5 j)           |        | 3.27  |
| N                       | 2         | 3      | 2       | 3  | 3         | 3          | 4                 | 3              | 3               | 4               | 4 j)           |        | 3.09  |
| O                       | 4         | 5      | 5       | 5  | 5         | 5          | 5                 | 5              | 5               | 5               | 5 j)           |        | 4.91  |
| P                       | 3         | 3      | 3       | 3  | 3         | 3          | 3                 | 4              | 4               | 4               | 4 j)           |        | 3.36  |
| Q                       | 4         | 2      | 4       | 4  | 3         | 4          | 3                 | 3              | 5               | 4               | 5 j)           |        | 3.73  |
| R                       | 3         | 3      | 3       | 4  | 3         | 3          | 3                 | 4              | 3               | 5               | 5 j)           |        | 3.55  |
| S                       | 4         | 3      | 3       | 3  | 3         | 3          | 3                 | 4              | 3               | 4               | 5 j)           |        | 3.45  |
| T                       | 3         | 3      | 4       | 3  | 4         | 4          | 4                 | 3              | 4               | 5               | 4 j)           |        | 3.73  |
| U                       | 4         | 4      | 4       | 4  | 4         | 3          | 4                 | 4              | 3               | 5               | 5 j)           |        | 4.00  |
| V                       | 4         | 4      | 4       | 3  | 4         | 4          | 4                 | 4              | 3               | 5               | 5 j)           |        | 4.00  |
| W                       | 3         | 4      | 4       | 4  | 4         | 4          | 4                 | 4              | 4               | 5               | 5 j)           |        | 4.09  |
| X                       | 2         | 2      | 3       | 2  | 3         | 2          | 3                 | 2              | 4               | 4               | 4 j)           |        | 2.82  |
| Y                       | 2         | 2      | 3       | 2  | 3         | 2          | 3                 | 2              | 4               | 5               | 4 j)           |        | 2.91  |
| Z                       | 2         | 2      | 2       | 2  | 3         | 2          | 3                 | 2              | 3               | 3               | j)             |        | 2.40  |
| a                       | 3         | 2      | 3       | 2  | 3         | 2          | 3                 | 2              | 4               | 3               | 4 j)           |        | 2.82  |
| b                       | 3         | 3      | 3       | 3  | 3         | 2          | 3                 | 3              | 4               | 4               | 5 j)           |        | 3.27  |
| c                       | 5         | 4      | 4       | 4  | 3         | 4          | 4                 | 4              | 4               | 5               | 5 j)           |        | 4.18  |
| d                       | 3         | 3      | 3       | 3  | 3         | 2          | 4                 | 3              | 3               | 3               | j)             |        | 3.00  |
| j) disciplina semestral |           |        |         | T.I.C. Tecnologias de informação e comunicação |           |            |                   |                |                 |                 |                | Média  | 3.43  |
|                         |           |        |         | aluno não tem a disciplina                     |           |            |                   |                |                 |                 |                |        |       |

Tabela 8 – Pauta da turma do 8º2 no 2º período

Nesta pauta relativa ao 2º período, constatamos uma melhoria nas classificações. As negativas diminuíram e aumentaram as classificações de 4 e 5 valores. Todavia ainda existiam situações de risco. Contamos um aluno que tem 6 classificações negativas, quatro alunos com 5 classificações negativas e dois alunos com 4 classificações negativas. No fim do 2º período todos estes alunos encontram-se em situação de risco de aprovação. Apesar dos esforços e medidas que haviam sido encetados no início do 2º período constatamos que tiveram impacto, mas não na medida do esperado. Neste sentido, era obrigatório reformular as medidas de promoção ao sucesso escolar e avaliar de que forma era possível inverter este sentido e tentar compreender porque é que a situação continuava. Seriam dificuldades cognitivas que levavam estes alunos a não conseguirem

compreender as temáticas abordadas nas disciplinas, ou seria o desinteresse que fazia com que os alunos não estudassem e consequentemente tivessem estas classificações indesejadas?

Entre estas possibilidades sabíamos que a questão comportamental não podia fazer parte das hipóteses que podiam justificar o insucesso escolar, já que ao longo do ano letivo estes alunos nunca tiveram nenhuma repreensão. Para compreendermos claramente quais as verdadeiras razões para que os planos de acompanhamento pedagógico e o apoio ao estudo não tivessem surtido o efeito desejado, fomos averiguar às atas do Conselho de Turma e aos processos individuais dos alunos.

Constatamos que existiam situações de desinteresse escolar e de alunos com dificuldades de aprendizagem de ordem cognitiva. Dois dos sete alunos com mais classificações negativas tinham dificuldades de aprendizagem motivadas por questões de ordem cognitiva, um destes, inclusive, estava classificado como um aluno com necessidades educativas especiais (NEE)<sup>48</sup>. Por este motivo, o aluno beneficiou de uma adaptação do currículo e das metas curriculares em todas as disciplinas. As medidas que foram tomadas para o auxiliar na aprendizagem, basearam-se em apoios ao estudo, tanto com professores, como com técnicos de educação, contrariamente aos restantes alunos que apenas tinham este apoio com docentes. A importância do técnico de educação fez-se sentir, pois conseguiu avaliar a capacidade cognitiva do aluno e auxiliá-lo desta forma. Paralelamente, a adaptação ao currículo fez-se em momentos de avaliação como os testes, pois as temáticas abordadas eram iguais para o grupo-turma. Todavia, os testes ou trabalhos de avaliação eram diferentes dos da turma, adequando-os assim às suas necessidades educativas especiais.

Quanto aos restantes alunos, a informação que constava nos seus processos individuais seria uma desmotivação face à Escola que se traduzia posteriormente em classificações mais baixas. Com as respostas às questões que levantamos, impunha-se agora a compreender quais as medidas que iriam ser tomadas para combater esta desmotivação e

---

<sup>48</sup> Aplicação das recomendações do conselho nacional de educação relativamente ao enquadramento legal da educação especial  
<https://dre.pt/application/file/66536644>

também as dificuldades de aprendizagem dos dois alunos, face à aproximação final do ano letivo.

Constatamos que as decisões foram as mesmas que no período transato. A diferença relacionava-se com um acompanhamento aos alunos ainda mais individual durante as aulas por partes dos docentes. Paralelamente a este acompanhamento, também foram reforçados os apoios ao estudo.

## 5.2. A avaliação final dos alunos

Após a caracterização geral e detalhada das turmas e das suas classificações nos 2 primeiros períodos, cabe-nos verificar como é que os alunos terminaram o ano letivo, e ainda, compreender qual a taxa de aprovação em ambas as turmas.

Começando pela turma do 8º1, conseguimos observar uma melhoria de classificações relativamente à pauta do período transato.

| Alunos            | Português | Inglês | Francês | História | Geografia | Matemática | Ciências Naturais | Físico-Química | Educação Física | Classes em conjunto | Formação Musical | Instrumento | Média |           |
|-------------------|-----------|--------|---------|----------|-----------|------------|-------------------|----------------|-----------------|---------------------|------------------|-------------|-------|-----------|
| A                 | 3         | 5      | 4       | 3        | 3         | 2          | 3                 | 2              | 3               | 3                   | 3                | 3           | 3.09  | Transitou |
| B                 | 3         | 4      | 3       | 3        | 3         | 3          | 3                 | 3              | 3               | 5                   | 5                | 5           | 3.45  | Transitou |
| C                 | 3         | 4      | 3       | 4        | 5         | 4          | 4                 | 4              | 4               | 4                   | 4                | 3           | 3.91  | Transitou |
| D                 | 3         | 4      | 3       | 4        | 4         | 3          | 3                 | 4              | 5               | 5                   | 4                | 5           | 3.82  | Transitou |
| E                 | 4         | 5      | 5       | 5        | 5         | 5          | 4                 | 5              | 5               | 4                   | 5                | 4           | 4.73  | Transitou |
| F                 | 2         | 3      | 3       | 3        | 3         | 3          | 3                 | 4              | 4               | 3                   | 3                | 3           | 3.09  | Transitou |
| G                 | 3         | 4      | 3       | 4        | 5         | 3          | 3                 | 3              | 3               | 4                   | 4                | 4           | 3.55  | Transitou |
| H                 | 3         | 3      | 3       | 3        | 4         | 3          | 3                 | 3              | 4               | 3                   | 3                | 3           | 3.18  | Transitou |
| I                 | 3         | 4      | 4       | 4        | 4         | 3          | 3                 | 4              | 5               | 4                   | 3                | 3           | 3.73  | Transitou |
| J                 | 4         | 5      | 5       | 5        | 5         | 4          | 4                 | 5              | 4               | 4                   | 3                | 4           | 4.36  | Transitou |
| K                 | 4         | 4      | 3       | 4        | 4         | 4          | 4                 | 5              | 5               | 4                   | 3                | 3           | 4.00  | Transitou |
| L                 | 4         | 5      | 3       | 4        | 4         | 4          | 4                 | 5              | 5               | 3                   | 3                | 3           | 4.00  | Transitou |
| M                 | 3         | 3      | 3       | 4        | 4         | 3          | 3                 | 4              | 5               | 4                   | 3                | 4           | 3.55  | Transitou |
| N                 | 5         | 5      | 5       | 5        | 5         | 5          | 4                 | 5              | 5               | 4                   | 5                | 4           | 4.82  | Transitou |
| O                 | 3         | 3      | 3       | 3        | 3         | 3          | 3                 | 4              | 5               | 3                   | 3                | 3           | 3.27  | Transitou |
| P                 | 4         | 5      | 5       | 4        | 4         | 4          | 4                 | 4              | 5               | 4                   | 4                | 4           | 4.27  | Transitou |
| Q                 | 2         | 2      | 3       | 3        | 3         | 3          | 3                 | 3              | 5               | 3                   | 3                | 3           | 3.00  | Transitou |
| R                 | 3         | 3      | 3       | 3        | 4         | 3          | 3                 | 3              | 5               | 4                   | 4                | 4           | 3.45  | Transitou |
| S                 | 3         | 3      | 4       | 3        | 3         | 3          | 3                 | 3              | 4               | 4                   | 4                | 4           | 3.36  | Transitou |
| T                 | 3         | 4      | 4       | 4        | 4         | 4          | 3                 | 4              | 5               | 3                   | 3                | 3           | 3.73  | Transitou |
| U                 | 3         | 4      | 3       | 4        | 4         | 3          | 3                 | 4              | 5               | 4                   | 3                | 3           | 3.64  | Transitou |
| V                 | 4         | 3      | 4       | 4        | 5         | 4          | 4                 | 4              | 5               | 5                   | 4                | 3           | 4.18  | Transitou |
| W                 | 4         | 4      | 5       | 4        | 5         | 4          | 4                 | 5              | 5               | 4                   | 5                | 4           | 4.45  | Transitou |
| X                 | 3         | 3      | 3       | 4        | 4         | 4          | 3                 | 4              | 5               | 3                   | 3                | 4           | 3.55  | Transitou |
| Média geral: 3.76 |           |        |         |          |           |            |                   |                |                 |                     |                  |             |       |           |

Tabela 9 - Pauta da turma do 8º1 no 3º período

Antes de mais, é necessário realçar que todos os alunos transitaram de ano. Conseguimos também confirmar que comparativamente ao período anterior, o número de classificações negativas se reduziu drasticamente. No final do ano letivo ocorreram 5 classificações negativas no total da turma e todas de 2 valores. Quanto à classificação mais elevada (5), verificamos que há mais alunos com esta classificação e que a mesma se reparte por, particularmente, todas as disciplinas. No final do ano, a turma ficou com uma média geral de 3,76, um resultado bastante satisfatório.

Em suma, constatamos que esta melhoria de classificações foi possível graças ao empenho de todos os agentes educativos envolvidos, professores, técnicos de educação e encarregados de educação.

Quanto à turma do 8º2, ao analisarmos a pauta de final de ano, observamos desde logo diferenças relativamente à turma anterior. De facto, comparativamente com as pautas dos períodos transatos constatamos melhorias, no entanto, estas não se referem a todos os alunos da turma.

| Alunos | Português                                      | Inglês                     | Francês | História | Geografia | Matemática | Ciências Naturais | Físico-Química | Educação Visual | T.I.C. | Educação Física | Educação Moral    | Média |               |
|--------|--|----------------------------|---------|----------|-----------|------------|-------------------|----------------|-----------------|--------|-----------------|-------------------|-------|---------------|
| A      | 4  | 2                          | 2       | 4        | 4         | 2          | 4                 | 3              | 3               | 4      | 3               | 4                 | 3.25  | Transitou     |
| B      | 5  | 5                          | 5       | 5        | 5         | 5          | 5                 | 5              | 5               | 5      | 5               | 5                 | 5.00  | Transitou     |
| C      | 3  | 2                          | 3       | 3        | 3         | 2          | 3                 | 2              | 4               | 3      | 5               | 5                 | 3.17  | Transitou     |
| D      | 3  | 2                          | 3       | 2        | 3         | 3          | 4                 | 3              | 3               | 3      | 4               | 5                 | 3.17  | Transitou     |
| E      | 4  | 3                          | 4       | 4        | 4         | 4          | 4                 | 5              | 4               | 4      | 5               | 5                 | 4.17  | Transitou     |
| F      | 4  | 4                          | 4       | 4        | 5         | 4          | 4                 | 4              | 4               | 4      | 4               | 5                 | 4.17  | Transitou     |
| G      | 2  | 2                          | 3       | 2        | 3         | 2          | 3                 | 2              | 3               | 3      | 3               | 5                 | 2.75  | Não transitou |
| H      | 4  | 4                          | 4       | 3        | 4         | 2          | 4                 | 4              | 3               | 4      | 4               | 4                 | 3.67  | Transitou     |
| I      | 3  | 2                          | 3       | 3        | 2         | 2          | 3                 | 3              | 3               | 3      | 3               |                   | 2.73  | Transitou     |
| J      | 3  | 3                          | 4       | 4        | 4         | 3          | 4                 | 4              | 3               | 4      | 4               | 5                 | 3.75  | Transitou     |
| K      | 3  | 3                          | 2       | 3        | 3         | 3          | 3                 | 3              | 3               | 3      | 3               |                   | 2.91  | Transitou     |
| L      | 3  | 3                          | 3       | 2        | 4         | 3          | 3                 | 3              | 4               | 3      | 4               | 5                 | 3.33  | Transitou     |
| M      | 3  | 2                          | 3       | 4        | 3         | 3          | 4                 | 3              | 3               | 4      | 5               | 5                 | 3.50  | Transitou     |
| N      | 3  | 3                          | 2       | 3        | 3         | 3          | 3                 | 3              | 3               | 3      | 3               | 5                 | 3.08  | Transitou     |
| O      | 5  | 5                          | 5       | 5        | 5         | 5          | 5                 | 5              | 5               | 5      | 5               | 5                 | 5.00  | Transitou     |
| P      | 3  | 3                          | 3       | 4        | 4         | 3          | 3                 | 4              | 4               | 3      | 4               | 5                 | 3.58  | Transitou     |
| Q      | 4  | 2                          | 3       | 4        | 4         | 4          | 4                 | 4              | 5               | 3      | 4               | 5                 | 3.83  | Transitou     |
| R      | 4  | 3                          | 3       | 4        | 4         | 3          | 4                 | 4              | 3               | 3      | 5               | 5                 | 3.75  | Transitou     |
| S      | 4  | 3                          | 4       | 4        | 4         | 4          | 3                 | 4              | 3               | 4      | 4               | 5                 | 3.83  | Transitou     |
| T      | 3  | 3                          | 4       | 4        | 4         | 3          | 3                 | 4              | 4               | 4      | 5               | 5                 | 3.83  | Transitou     |
| U      | 4  | 4                          | 4       | 4        | 4         | 3          | 4                 | 4              | 4               | 4      | 5               | 5                 | 4.08  | Transitou     |
| V      | 4  | 4                          | 4       | 4        | 5         | 4          | 4                 | 5              | 4               | 4      | 5               | 5                 | 4.33  | Transitou     |
| W      | 3  | 4                          | 4       | 4        | 4         | 4          | 4                 | 4              | 4               | 4      | 5               | 5                 | 4.08  | Transitou     |
| X      | 2  | 2                          | 3       | 2        | 3         | 2          | 3                 | 2              | 4               | 3      | 4               | 4                 | 2.83  | Não transitou |
| Y      | 2  | 2                          | 3       | 2        | 3         | 2          | 3                 | 2              | 4               | 4      | 5               | 5                 | 3.08  | Não transitou |
| Z      | 2  | 2                          | 2       | 2        | 3         | 2          | 3                 | 2              | 3               | 3      | 3               |                   | 2.45  | Não transitou |
| a      | 3  | 2                          | 3       | 2        | 3         | 2          | 3                 | 3              | 4               | 4      | 3               | 5                 | 3.08  | Transitou     |
| b      | 3  | 3                          | 3       | 3        | 3         | 2          |                   | 4              | 3               | 4      | 3               | 4                 | 3.33  | Transitou     |
| c      | 3  | 4                          | 4       | 4        | 4         | 3          | 4                 | 4              | 4               | 4      | 5               | 5                 | 4.00  | Transitou     |
| d      | 3  | 3                          | 3       | 3        | 4         | 2          | 3                 | 3              | 3               | 3      | 4               |                   | 3.09  | Transitou     |
|        |  | aluno não tem a disciplina |         |          |           |            |                   |                |                 |        |                 | Média geral: 3.56 |       |               |
|        | T.I.C. Tecnologias de informação e comunicação |                            |         |          |           |            |                   |                |                 |        |                 |                   |       |               |

Tabela 10 - Pauta da turma do 8º2 no 3º período

Começando pela informação mais evidente. Temos nesta turma 4 alunos que não transitaram de ano. Esta informação é crucial para o nosso estudo. Estes alunos já haviam sido visados nos períodos anteriores quanto às classificações que estavam a obter. Embora a ESP tenha lançado medidas de aproveitamento escolar nos períodos transatos, as mesmas não surtiram o efeito necessário. Esta situação faz com que coloquemos desde logo algumas questões, como por exemplo: se tivesse existido um maior envolvimento parental, nesta turma, esta situação aconteceria?

Uma outra informação de extrema relevância e que merece a nossa particular atenção, refere-se aos alunos que transitaram de ano com três negativas. A questão que se impõe é: será que estes alunos desenvolveram as aprendizagens essenciais para transitarem de



ano? A Lei refere que no 3º ciclo, os alunos não transitam de ano segundo duas condições: a primeira refere que reprovam os alunos que obtiveram uma classificação inferior a 3 valores nas disciplinas de português e matemática, em simultâneo; a segunda condição, indica que o aluno reprova caso tenha uma classificação inferior a 3 valores a três ou mais disciplinas.<sup>49</sup> Assim, podemos interpretar que o ocorrido com estes alunos foi devidamente pensado em Conselho de Turma, com os docentes da mesma e, a conclusão a que chegaram, seguramente, foi que estes alunos estariam em condições de progredirem nos estudos.

Quanto aos alunos que transitaram com duas ou mais classificações negativas, obtiveram uma classificação de 2 valores na disciplina de Matemática. No final do 3º ciclo, a disciplina é avaliada exteriormente, através de um exame nacional, daí ser tão imperativo compreender se estes alunos que transitaram deveriam mesmo ter transitado ou deveriam de repetir o ano?

Contudo, neste último período, constatamos que existiu uma melhoria no panorama geral da turma. Houve menos negativas do que nos trimestres transatos, uma melhoria das classificações, tendo a turma obtido uma média geral de 3,56 valores, contando com a disciplina facultativa de Educação Moral, que nem todos os alunos frequentam. Sem esta disciplina, a média total da turma é de 3,46. Valores que ficam aquém da média final da turma 8º1. Todavia, cabe-nos sempre destacar que há dois alunos na turma 8º2 com média de 5, contrastando com a turma onde estão inseridos.

Em suma, verificamos que a turma do 8º1 obtém uma média geral, superior à turma do 8º2, fruto, possivelmente, da envolvência e dedicação parental ao meio escolar. Contudo, é necessário realçar que a nível comportamental, estes alunos ficam aquém do exigido, contrariamente à turma do 8º2.

---

<sup>49</sup> Condições de transição e de aprovação – artigo 21º  
[http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Noticias\\_Imagens/2016\\_dn\\_1f.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Noticias_Imagens/2016_dn_1f.pdf)

## **Considerações finais**

A influência que os pais podem desencadear no desempenho escolar dos seus filhos, para muitas escolas, docentes e técnicos de educação ainda é um tema tabu. Sendo apenas explorado por certas áreas como as Ciências da Educação, a Sociologia ou a Psicologia não tem a atenção que lhe é devida. Foi-nos sempre difícil chegar à fala com os Pais e Encarregados de Educação com a intuição de interpretarmos todos os ângulos desta relação. Atualmente, parte da população docente, ainda não interpreta estes dados como importantes e não relaciona a informação proveniente dos Pais e Encarregados de Educação com os alunos que tem a seu cargo. Constatamos, desde o início, que embora estivéssemos a contactar com alunos do século XXI, parte dos seus pais ainda olhava para a Escola com uma visão de um Portugal ditatorial ou da sua herança mais próxima, relacionando-a com a experiência da sua escolaridade, na qual a aprendizagem era única e em exclusividade, apenas da responsabilidade dos docentes e dos órgãos escolares.

Através da nossa amostra, compreendemos que existem duas visões escolares totalmente distintas por parte dos Encarregados de Educação. Por um lado, temos Encarregados de Educação que encaram a Escola de uma forma transmissiva, na qual os órgãos escolares e os docentes são os únicos agentes educativos e aos pais não cabe relacionarem-se com a Escola ou transmitirem a sua visão e abordagem escolar. Este pensamento está intrinsecamente relacionado com o seu passado escolar. Vejamos, os pais que optam por uma visão de escola transmissiva, são os que possuem, geralmente, uma escolaridade inferior que contempla apenas a transmissão de conhecimentos básicos. Neste caso, relaciona-se com a escolaridade obrigatória da sua época, o que correspondia ao 6º ano de escolaridade. Portanto, estes Pais e Encarregados de Educação observam e interpretam a Escola atual como se da sua se tratasse.

Todavia esta visão não se prende só com a sua história, prende-se também com o seu espaço vivido. Parte destes encarregados de educação residem atualmente numa área urbana, mas, se observarmos o espaço cuidadosamente, concluímos que se trata de uma área periurbana, de forte cariz rural. A análise geográfica revela que a dimensão espacial é importante para a estruturação do pensamento e da personalidade de um indivíduo, o que pode também ser uma razão que justifica a sua interpretação da Escola.

A juntar a estes dados, temos ainda as profissões destes pais, que na sua grande maioria estão relacionadas com a indústria e, em alguns casos, provavelmente, com a agricultura a tempo parcial. Estas profissões, de forma geral, não necessitam de habitações académicas elevadas para as executar. Um dado complementar é o facto de existir pouca variedade nas profissões. Entre estes Encarregados de Educação os tipos de trabalho são bastante similares, o que resulta num diminuto leque de visões.

Há uma homogeneidade no pensamento e na visão escolar destes pais. Daí o repúdio a novas abordagens escolares, o que faz com que não haja oportunidade para que estas se desenvolvam e daí que a visão escolar que reina seja “antiquada” para a Escola do século XXI. Estes pais não se envolvem de forma proativa com a Escola e com as atividades escolares. Deslocam-se a este espaço apenas quando se sentem interpelados a tal, pela Diretora de Turma. Nas reuniões em conjunto com os restantes Pais e Encarregados de Educação demonstram algum desinteresse por ali estarem. Paralelamente, sentem que não é sua “responsabilidade” contribuir com opiniões para a Escola e com esta atitude ocorre um afastamento em relação à vida escolar dos seus educandos, o que, cumulativamente, acarreta importantes consequências negativas.

Uma visão escolar alternativa relaciona-se com a Escola Construtivista. Esta visão prende-se com uma maior envolvimento parental na instituição, com a troca de pareceres escolares entre os encarregados de educação, os docentes e os órgãos escolares. Os primeiros reconhecem, desde logo, a importância da Escola não só para a transmissão de conhecimentos factuais, mas também para o desenvolvimento afetivo e social que a escola desempenha nos seus educandos.

Esta visão relaciona-se com o percurso escolar destes encarregados de educação, que detêm graus académicos mais elevados, nomeadamente no ensino superior. Consequentemente, envolvem-se mais com a Escola devido ao seu percurso académico, mas também devido às profissões que exercem. Conseguimos constatar que quando um grupo de encarregados de educação trabalha em diferentes áreas, estes têm visões diferentes sobre o ensino e, a troca de informações, ideais ou abordagens é maior, o que enriquece não só a Escola e a sua estrutura, como os educandos, que passam a experienciar metodologias distintas mais direccionadas para a sua aprendizagem.

Conseguimos ver que estes pais se interessam pela aprendizagem dos seus educandos visto que desenvolvem com eles programas didáticos, como por exemplo, assistir a programas de cultura geral ou organizar viagens de lazer com cariz cultural, explicando as características históricas, geográficas e etnográficas do espaço. Fomentam-lhes assim, o interesse e a curiosidade pela aprendizagem contínua.

Estes Pais são frequentadores assíduos da Escola, estão em contacto frequente com o Diretor de Turma, para saberem informações sobre os seus educandos e têm a facilidade de contactar com este tanto de forma virtual, através de correio eletrónico, como também presencialmente. Todavia, tendem a tentar moldar a Escola à sua visão e aos seus ideais, o que acarreta, posteriormente, alguns pequenos conflitos. Se por um lado, é positivo contarmos com Pais que contribuam com ideias para a Escola, por outro lado, ao tentarem ajustar a escola à sua visão, resulta como um aspeto negativo, pois em parte, há uma “desautorização” dos órgãos escolares.

Face a esta “manipulação” dos Pais, conseguimos compreender as atitudes dos seus educandos em termos comportamentais, pois os filhos ou os educandos destes Encarregados de Educação tendem a não respeitar as regras que lhes são impostas. Reação que não é mais do que a resposta à prática parental que observam. Para estes alunos, as normas escolares não são uma preocupação. Facilmente observamos esta atitude de desinteresse pelas regras ao longo do ano letivo, durante a prática de lecionação, na turma do 8º1. Pelo contrário, esta é uma realidade que nunca observamos na turma 8º2, em que toda a dinâmica das regras comportamentais estava bem interiorizada. Assim, poderemos concluir que este desfasamento de atitudes se prende com as visões escolares parentais.

Em relação às classificações dos alunos, observamos realidades antagónicas. As classificações finais, transmitem-nos de forma direta a influência que os encarregados de educação têm na vida escolar dos seus educandos. Observamos que os pais com escolaridade superior e que se envolvem mais com a escola possuem educandos com maior sucesso escolar; pelo contrário os pais que demonstram desinteresse e que não se envolvem com o ambiente escolar e apenas se deslocam à Escola quando se vêm

convocados para tal, possuem educandos com um menor sucesso escolar comparativamente com os primeiros.

Face a esta realidade torna-se necessário compreender a sua origem, de modo a encontrar alternativas de resolução. É necessário que a Escola comece a pensar nos alunos que tem, na busca de novas abordagens à questão Escola-Família. Os pais têm obrigatoriamente de manter contacto com a Escola e se, por razões laborais, pessoais ou por outras, não conseguem deslocar-se, é necessário que a escola desenvolva mecanismos para que a interação com a instituição aconteça.

Neste caso, o Diretor de Turma tem um papel fundamental para fazer esta ponte, entre a Família e a Escola. Antes de mais, ele deve ser alguém que conheça a realidade dos alunos, o espaço em que estão inseridos, que seja sociável com todos os agentes educativos, que tenha abertura social, de forma a integrar todos os alunos. Esta proximidade trará consequências positivas para os seus educandos. Esta aproximação pode e deve ser fomentada através de vários contactos e quando não é possível acontecerem pessoalmente devem acontecer de forma virtual. O importante é que exista uma abertura por parte da Escola e do Diretor de Turma para utilizar as mais variadas ferramentas que estão atualmente ao nosso alcance: cartas por correio, email, chamadas telefónicas e mensagens escritas. Paralelamente, o tempo na Escola, não letivo, que o Diretor de Turma possui para contactar os encarregados de educação deveria ser mais e diferenciado, por exemplo, dois blocos semanais, em horários diferentes, um de manhã e outro à tarde, de forma a abranger o máximo de encarregados de educação.

No entanto, a ação mais importante que deveria ser tomada, de forma a aproximar todos os agentes educativos, seria uma reestruturação do currículo. O Diretor de Turma deve desempenhar um papel de proximidade aos alunos, todavia nem sempre isto é possível, pois existe uma limitação de horários nas disciplinas que leciona e nem sempre há a possibilidade de dialogar com os alunos sobre o seu quotidiano. Neste sentido, deveria existir um bloco semanal em que alunos pudessem discutir com o Diretor de Turma sobre as suas preocupações escolares ou familiares, não coincidindo com a leção de uma disciplina. Nesse bloco, para além dos alunos e do Diretor de Turma, deveriam estar presentes um técnico de educação, um psicólogo e uma assistente social para auxiliarem

os alunos em questões de ordem pessoal, familiar e/ou educacional. Esta proposta traria uma maior abertura dos alunos face à Escola e poderia aproximar a família à comunidade educativa.

A proximidade relacional entre Escola e Família é uma tarefa árdua e, por vezes, ainda complexa, contudo, através do caso concreto apresentado neste trabalho, conseguimos compreender que quando os agentes pedagógicos colaboram estritamente, isto contribui para sucesso escolar dos alunos.

## Referências bibliográficas

Almeida, T.A.F. (2014). *Instrução transmissiva ou construtivista nos programas de escrita inventada? Impacto na qualidade das escritas inventadas de crianças em idade pré-escolar*. Tese de Doutoramento em Psicologia. Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Lisboa. 228 pp.

Alves, J.C.S. (2015). *O Lugar na Escola. Ensino Profissional: contextos organizativos e dinâmica social (da crítica e da utopia)*. Tese de Mestrado em Sociologia. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto. 97 pp.

Alves, M.M.D.S.M. (2009). *Do insucesso ao sucesso escolar: a acção do professor*. Tese de Mestrado em Educação e Sociedade. Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa. 160 pp.

Benavente, A. (1993). Educação, Participação e Democracia: Valores e Práticas na Instituição Escolar. *Análise Psicológica*, **11**: 325-333.

Benavente, A. (2001). Portugal, 1995/2001: reflexões sobre democratização e qualidade na educação básica. *Revista Iberoamericana de Educación*. **27**, 99-123.

Benavente, A., e Salgado, L. (1991). Práticas culturais, modos de vida e escolarização. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, **33**: 243-252.

Boavista, C., e Sousa, Ó.D. (2013). O Diretor de Turma: perfil e competências. *Revista Lusófona de Educação*, **23**: 77-93.

Boavista, M.C.L.F. (2010). *O director de turma: perfil e múltiplas valências em análise*. Tese de Mestrado em Ciências da Educação. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa. 273 pp.

Borges, A.S.D.A.F., Monteiro, L.D.J.A., e Miranda, M.D.L.S.C.M. (2009). *Perspectivar a (Re) construção da relação entre Família e Escola (novos Saberes, (novas) Competências*. Pós-Graduação em Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores. Escola Superior de Educação Paula Frassinetti, Porto. 194 pp.

Colaço, M.M.I.A. (2007). *A relação Escola-Família e o envolvimento dos pais*:

*representações de professores do 1º Ciclo do Concelho de Rio Maior*. Tese de Mestrado em Gestão Educacional. Universidade Aberta, Lisboa. 218 pp.

Costa, C.J.B. (2013). *Sucesso escolar no ensino secundário*. Tese de Doutoramento em Ciências da Educação. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra. 417 pp.

Davies, D. (1989). *As Escolas e as Famílias em Portugal: Realidades e Perspetivas*. 4ª edição, Livros Horizonte, Lisboa.

Dias, C.D.O. (2010). *Causas de (in) sucesso escolar*. Tese de Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real. 62 pp.

Dias, M.H.R.D.N. (2017). *Contributos para compreender o insucesso escolar*. Tese de Mestrado no 1º e 2º ciclo do ensino básico. Escola Superior de Educação - Instituto Politécnico de Santarém, Santarém. 172 pp.

Diogo, A.M. (2010a). Do envolvimento dos pais ao sucesso escolar dos filhos: mitos, críticas e evidências. *Revista Luso-Brasileira de Sociologia da Educação*, **1**:71-96.

Diogo, A.M. (2010b). Estratégias de famílias e escolas: composição social e efeitos de escola. *Revista do Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, **20**: 425-442.

Diogo, A.M. e Diogo, F. (2013). *Desigualdades no Sistema Educativo. Percursos, Transições, Contextos*. 1ª edição, Mundos Sociais, Lisboa.

Faria, M. F. (2011). *Uma escola para todos. Percepções/Expectativas do professor do ensino regular, face ao perfil e trabalho do professor de Educação Especial*. Tese de Mestrado em Ciências da Educação. Universidade Católica Portuguesa, Viseu. 166 pp.

Fernandes, J. (2003). *O associativismo de pais: no limiar da virtualidade?* 1ª edição, Ministério da Educação, Lisboa.

Ferreira, M.S.A.D.C. (2014). *O Diretor de Turma no papel de líder intermédio*. Tese de Mestrado em Ciências da Educação. Faculdade de Educação e Psicologia -



Universidade Católica Portuguesa, Viseu. 80 pp.

Lauve, P.H.C. e Lauve, M.J.C. (1965). A evolução contemporânea da Família: estruturas, funções, necessidades. *Análise social*, **3**: 475-500.

Leandro, M.E. (2006). Transformações da família na história do Ocidente. *Theologica*, **41**: 51-74.

Machado, R.M.D.O. (2010). *O construtivismo no ensino da história e da geografia - O professor como mediador no processo de ensino/aprendizagem*. Tese de Mestrado em Ensino da História e da Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. 117 pp.

Martins, L.S.T.R. (2007). *Um olhar sobre o (in) sucesso escolar na diversidade cultural: estudo de caso*. Tese de Mestrado em Relações Internacionais. Universidade Aberta, Porto. 181 pp.

Marujo, H.Á., Neto, L.M. e Perloiro, M.F. (1998). *A família e o sucesso escolar: guia para pais e outros educadores*. 2ª edição, Editorial Presença, Lisboa.

Maschino, M.T. (2005). *Pais contra professores*. 1ª edição, Campo de Letras, Porto.

Miranda, L.C., Almeida, L.S., Boruchovitch, E., Almeida, A.R. e Abreu, S. A. (2012). Atribuições causais e nível educativo familiar na compreensão do desempenho escolar em alunos portugueses. *Psico-USF*, **17**: 1-9.

Montandon, C. e Perrenoud, P. (2001). *Entre pais e professores, um diálogo impossível. Para uma análise sociológica das interações entre a família e a escola*. 1ª edição, Celta Editora. Oeiras.

Nogueira, M. A. (2005). A relação família-escola na contemporaneidade: fenómeno social/interrogações sociológicas. *Análise Social*, **40**: 563-578.

OCDE. (2011). *Doing better families*. 1ª edição, OCDE. Paris.

Pereira, L.M.C. (2015). *Asas ou Gaiolas? Da reflexão teórica à prática escolar no ensino da História e Geografia*. Tese de Mestrado em Ensino de História e Geografia do

3º ciclo do Ensino Básico e Secundário. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto. 98 pp.

Picanço, A.L.B. (2012). *A relação entre escola e família - as suas implicações no processo de ensino-aprendizagem*. Tese de Mestrado em Ciências da Educação. Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa. 117 pp.

Prata, A., Barbosa-Ducharne, M., Gonçalves, C. e Cruz, O. (2013). O impacto dos estilos educativos parentais e do desenvolvimento vocacional no rendimento escolar de adolescentes. *Análise Psicológica*, **31**: 235-243.

Prego, J. e Mata, L. (2012). Percepções dos professores face à importância do envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos. *Actas do 12º Colóquio de Psicologia: Educação, aprendizagem e desenvolvimento: olhares contemporâneos através da investigação e da prática*. ISPA, 21-23 junho 2012, ISPA – Instituto Universitário, Lisboa. pp. 1421-1432.

Reis, P.C.P. (2009). A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso. *Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*. Braga, 9-11 setembro 2009, Universidade do Minho. pp. 1701-1713.

Relvas, A.P. e Alarcão, M. (1989). A entrada na escola primária: significado (s) para a criança e sua família. *Revista Portuguesa de Educação*, **2**: 99-106.

Salgueiro, M.D.C.M.E.S.V. (2012). *A importância dos órgãos de gestão intermédia no sistema educativo*. Tese de Mestrado em Ciências da Educação Administração e Organização Escolar. Faculdade de Ciências Sociais de Braga – Universidade Católica Portuguesa, Braga. 82 pp.

Santiago, R.A.G. (1993). *Representações sociais da escola nos alunos, pais e professores no espaço rural*. Tese de Doutoramento em Psicologia da Educação. Universidade de Aveiro, Aveiro, 667 pp.

Schmidt, M.J. (1964). *Também os pais vão à escola*. 2ª edição, Livraria Agir. Rio de Janeiro.

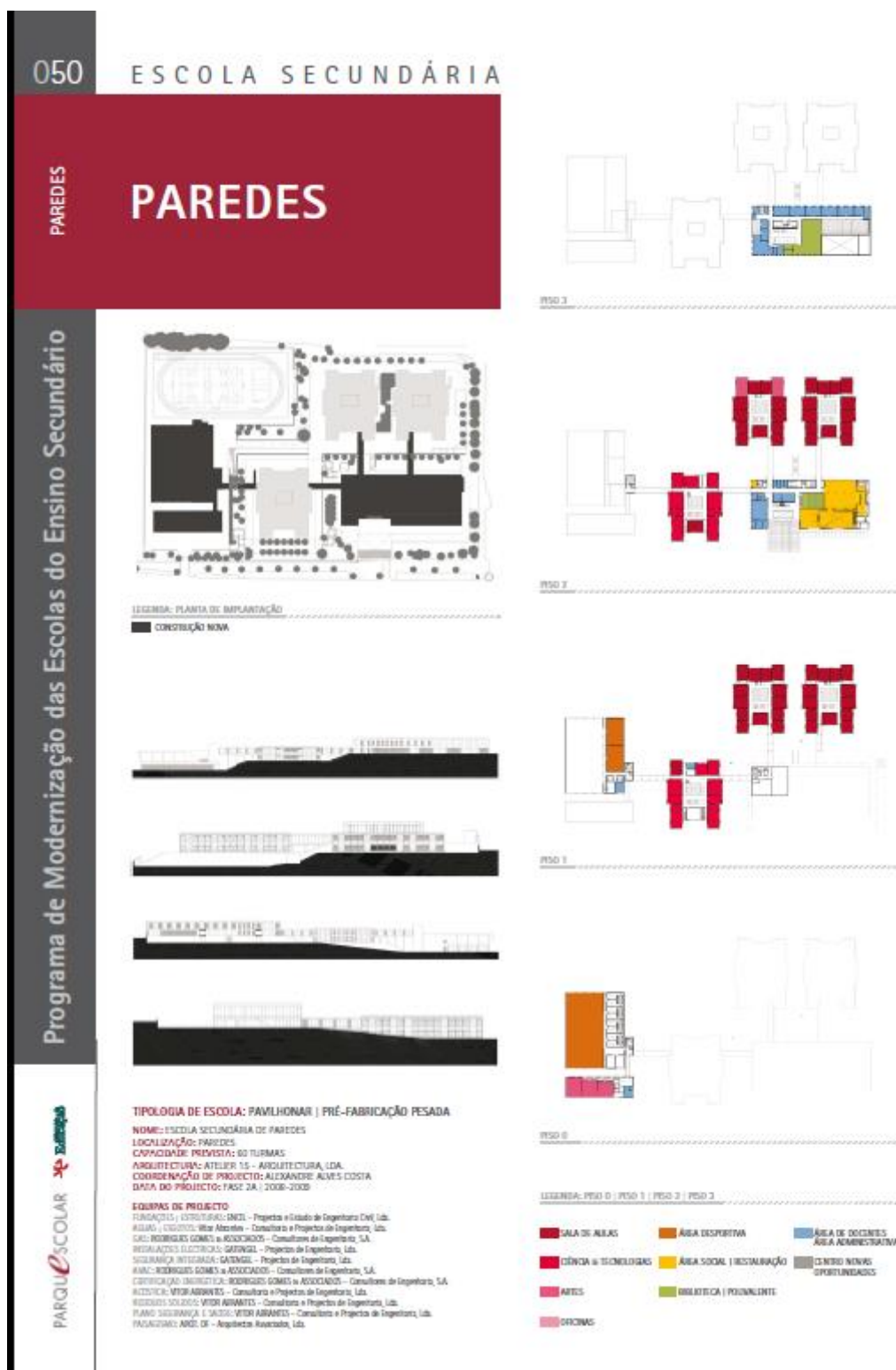
Sousa, M. M. D. e Sarmiento, T. (2010). Escola –família - comunidade: uma relação para o sucesso educativo. *Gestão e Desenvolvimento*, **17**: 141-156.

Veiga, F. (2007). *Indisciplina e violência na escola: Práticas comunicacionais para professores e pais*. 2<sup>a</sup> edição, Almedina. Lisboa.


Vincent, C. (1996). *Parents and teachers: Power and participation*. 1<sup>a</sup> edição, Routledge Falmer. London.

## **Anexos**

## Anexo 1 – Planta da Escola Secundária de Paredes



## Anexo 2 –Inquérito dirigido aos alunos



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

Escola Secundária de  
**PAREDES**

Coordenação de Diretores de Turma – Inquérito dirigido aos alunos

---

**DADOS BIOGRÁFICOS**

|                     |                  |         |               |     |
|---------------------|------------------|---------|---------------|-----|
| Nome:               |                  | Turma:  |               | Nº: |
| Data de nascimento: | / /              | Idade:  | Naturalidade: |     |
| Morada:             |                  |         |               |     |
| Concelho:           | Código Postal: - |         |               |     |
| Telefone:           | Telemóvel:       | E-mail: |               |     |

**ENCARREGADO(A) DE EDUCAÇÃO**

|  |                  |                    |  |
|--|------------------|--------------------|--|
| Nome:  |                  | Parentesco:        |  |
| Idade:   |                  |                    |  |
| Morada:  |                  |                    |  |
| Concelho:  | Código Postal: - |                    |  |
| Telefone:  | Telemóvel:       | E-mail:            |  |
| Profissão:   |                  | Telef. do emprego: |  |
| Situação Profissional Atual: (Assinala com um x) <input type="checkbox"/> Efetivo <input type="checkbox"/> Contratado <input type="checkbox"/> Reformado <input type="checkbox"/> Desempregado |                  |                    |  |

**AGREGADO FAMILIAR (além de ti)**

| Parentesco | Idade | Habilitação académica | Profissão | Situação Profissional |
|------------|-------|-----------------------|-----------|-----------------------|
|            |       |                       |           |                       |
|            |       |                       |           |                       |
|            |       |                       |           |                       |
|            |       |                       |           |                       |
|            |       |                       |           |                       |
|            |       |                       |           |                       |
|            |       |                       |           |                       |
|            |       |                       |           |                       |

Se não resides com os teus pais, indica a razão:  
(Assinala com um x) ☐ estão ausentes ☐ estão separados ☐ a mãe faleceu ☐ o pai faleceu

**PERCURSO ESCOLAR**

|   |     |     |                       |
|---|-----|-----|-----------------------|
| Frequentaste o Pré-Escolar?               | Sim | Não | Quantos anos?         |
| Ficaste retido(a) algum ano?              | Sim | Não | Qual(is)?             |
| Estudas habitualmente?                    | Sim | Não | Onde? Quanto tempo?   |
| Alguém te ajuda a estudar?                | Sim | Não | Quem?                 |
| Tiveste algum apoio pedagógico na escola? | Sim | Não | A que disciplina(s)?  |
| Tiveste negativas no ano anterior?        | Sim | Não | Em que disciplina(s)? |
| Tiveste alguma falta disciplinar?         | Sim | Não | Quantas?              |
| Já frequentavas esta escola?              | Sim | Não | Qual (caso não)?      |

### NA ESCOLA

Gostas de estudar? ☐ Sim ☐ Não

Gostas da tua escola? ☐ Sim ☐ Não

Quais são as tuas disciplinas preferidas?

Quais as de que gostas menos?

Até quando pensas estudar? ☐ até ao 12º ano ☐ até ao Ensino Superior

Que profissão gostarias de ter?

Que estratégias preferes ver dinamizadas nas aulas:

☐ Trabalho de grupo ☐ Aulas expositivas ☐ Fichas de trabalho ☐ Pesquisa

☐ Trabalho de pares ☐ Aulas com interação *professor – aluno e aluno – aluno*

☐ Aulas com material áudio/vídeo ☐ Outras: \_\_\_\_\_

Que atividades complementares frequentas (dentro ou fora da escola)?

Na tua opinião quais os fatores que mais conduzem ao insucesso escolar?

Clube(s)/Projetos/Atividades em que gostarias de participar:

### SAÚDE / ALIMENTAÇÃO

Sentes algum tipo de dificuldades?

☐ Visual ☐ Auditiva ☐ Motora ☐ Fala ☐ Linguagem

Outra(s) – qual(is)? \_\_\_\_\_

Sofres de Alergias?

A que horas costumas deitar-te?

Número de horas de sono:

Onde tomas o pequeno-almoço?

☐ Em casa ☐ Na escola ☐ Não tomas

Onde almoças normalmente?

☐ Em casa ☐ Em casa de familiares ☐ Na escola ☐ Num café

☐ Noutro local – Onde? \_\_\_\_\_

Que transporte(s) usas nas deslocações casa-escola-casa?

Qual a distância (Km) \_\_\_\_\_ (x2) e quanto tempo gastas em viagens? \_\_\_\_\_ (x2)

### OCUPAÇÃO DE TEMPOS LIVRES

Arte:

Desporto:

Leitura:

Televisão:

Música:

Outras:

### FALANDO DE MIM

Escreve algo mais que julgues conveniente o teu Diretor(a) de Turma saber a teu respeito: